



Ler **A Razão** ...
 é razão para um bom diálogo

Rua de S. Dinis, 309-1.º Fte. • 4200 PORTO

JORNAL DE PSICOLOGIA, 1990, VOL. 9, Nº 4/5

Jornal de PSICOLOGIA

VOLUME

9

DIRECTOR: RUI ABRUNHOSA GONÇALVES • PUBL. BIMEST. • ANO 9 • Nº 4/5 • PREÇO 400\$00 • DEZ. 1990

NÚMERO DUPLO

CONTRIBUIÇÕES DA PSICOLOGIA SOCIAL PARA A COMPREENSÃO DO FENÓMENO TURÍSTICO

Félix Neto e Teresa Freire

PÁGINA 3

- PADRÕES DE VINCULAÇÃO AFECTIVA E NÍVEIS DE DESENVOLVIMENTO DO AUTO-CONHECIMENTO EM TOXICODEPENDENTES E NÃO-TOXICODEPENDENTES

Manuel Geada

PÁGINA 14

RECORDAÇÕES DAS CARACTERÍSTICAS DAS MOEDAS PORTUGUESAS DE LONGA E CURTA CIRCULAÇÃO

Pedro Barbas de Albuquerque e Amâncio da Costa Pinto

PÁGINA 19

EM BUSCA DAS VARIÁVEIS PERDIDAS: PERSPECTIVAS ACTUAIS EM TERAPIA COGNITIVA

António Branco Vasco e Telmo Mourinho Baptista

PÁGINA 24

ENTREVISTA COM FRANCINE ORSINI-BOUICHOU

PÁGINA 30

EDITORIAL

RAZÕES PARA UM NÚMERO DUPLO

Quem habitualmente lê ou pelo menos recebe o Jornal de Psicologia em sua casa terá decerto ficado admirado com o desnorte surgido com a publicação no ano transacto. De facto a regularidade da periodicidade que sempre foi um certo símbolo identificador deste projecto, só teve expressão nos dois primeiros números de 1990. O terceiro surgiu já no dealbar do ano em curso e têm agora entre mãos um número mais alentado que corresponde à fusão entre os números 4 e 5 de noventa. O recurso a este número duplo é fruto, unicamente, de uma tentativa de "recuperar", o tempo perdido. Aliás, e como é relativamente fácil de verificar, haveria material suficiente para elaborar os dois números. O atraso, porém, corria riscos de se tornar irremediável.

Esta solução ou último recurso foi a única forma de "salvamos a face" perante aqueles que não têm esmorecido no apoio dado a esta publicação. Aproveito desde já este espaço para responder, de forma colectiva, a todas as cartas de assinantes que "estranhavam" o atraso de uma publicação que até aí fora sempre regular. Não, de facto, o Jornal de Psicologia não desapareceu. Atrasou-se, perdeu o comboio e depois só "teve forças" para apanhar o comboio de mercadorias que, como se sabe, viaja numa marcha bem mais lenta. Contudo, não há memória que não chegue ao seu destino.

Urge agora falar do futuro. As pessoas interrogam-se, e com razão, se vale a pena renovar a assinatura. Nós respondemos que se não o fizerem então é que o futuro do J.P. fica mesmo nublado. A este apelo, destinado sobretudo aos assinantes que terminavam a sua assinatura nos nºs 4 e 5 de 90, iremos adicionar algumas medidas. Em primeiro lugar, a passagem a uma periodicidade trimestral. Com esta medida pretende-se, não só um melhor enquadramento temporal da publicação ao longo do ano — não esquecendo todavia que o J.P. continua a ser a única revista a operar segundo este timing no panorama da Psicologia em Portugal — como também assegurar um maior desafogo nas obrigações profissionais da sua equipa redactorial. Com quatro números/ano o preço de cada exemplar subirá para 350\$00 continuando todavia os preços das assinaturas iguais aos que já praticamos há dois anos: 1000\$00: ass. individual; 2500\$00: ass. institucional. Este procedimento não é tão insignificante, se considerarmos que o J.P., aliás como outras publicações do género, perdeu direito ao porte pago por não se encontrar abrangido pela recente reformulação da Lei da Imprensa nesta matéria, a que se alia o considerável aumento dos portes do envio pelo correio para o continente e estrangeiro.

A estas modificações de tipo mais administrativo é de prever que outras se seguirão, conducentes de qualquer forma a tornar o Jornal de Psicologia, cada vez mais, o órgão de transmissão de conhecimentos e de notícias e da divulgação da Psicologia entre os psicólogos portugueses e outros interessados. E insuflados por essa brisa, ora branda ora forte, continuaremos a navegar.

Rui Abrunhosa Gonçalves

Jornal de PSICOLOGIA

ISSN:0870-4783

DEPÓSITO LEGAL Nº 15561/87

DIRECTOR: Rui Abrunhosa Gonçalves

DIRECTORES ASSOCIADOS: Óscar Gonçalves e Miguel Cameira.

REDACÇÃO: Conceição Nogueira, Edgar Pereira, João Guedes Barbosa, Jorge Negreiros, José F. Cruz, Manuel Geada, Maria do Céu Taveira, Natália Ramos, Paulo Machado, Pedro Barbas Albuquerque, Pedro Pinho, Telmo Baptista e Teresa Freire.

SECRETARIADO: Maria Amélia Santos.

COLABORADORES: Leandro Almeida (Porto); Aires Gameiro (Lisboa); Albano Estrela (Lisboa); Amaral Dias (Coimbra); Anna Bonboir (Louvain - Bélgica); Bárto Campos (Porto); Bartha Lajos (Budapest - Hungria); Brigitte Cardoso e Cunha (Porto); Aura Montenegro (Coimbra); G.R. Skanes (Newfoundland - Canadá); Georges Meuris (Louvain - Bélgica); Gerardo Marin (San Francisco - EUA); Gunnar Kylén (Estocolmo - Suécia); Hakan Brokstedt (Estocolmo - Suécia); Harlan Hansen (Minneapolis - EUA); Isolina Borges e J. Bairrão Ruivo (Porto); Klaus Helkama (Helsinki - Finlândia); Leonard Goodstein (Washington, D.C. - EUA); Lois Thies Sprinthall (North Carolina - EUA); Lufs Alberto Guerreiro (New Jersey - EUA); Maria de São Luis Castro (Porto); E. Mullet (Paris - França); Maurice Reuchlin (Paris - França); Norman Sprinthall (North Carolina - EUA); Patrícia Fontes (Irlanda); Peter Merenda (Rhode Islande - EUA);

SUBSIDIADO POR: Fundação Eng.º António de Almeida; Gov. Civil do Porto; Câmara Mun. do Porto; Junta Nac. de Investigação Científica e Tecnológica. ASSINATURA ANUAL: Portugal - Pessoal: 1000\$00; Instituições: 2500\$00; Países de expressão portuguesa (Brasil e África) - U.S. \$12; U.S. - \$16; Europa - U.S. \$15; U.S. \$20; Outros Países - U.S. \$20 - U.S. \$25; Preço avulso: 250\$00; Números atrasados: 250\$00.

A assinatura do Jornal de Psicologia é feita por 5 números/ano, a partir do nº 1 de cada ano, inclusive.

Preço deste número duplo: 400\$00

PERIODICIDADE: Bimestral (cinco números/ano). Não se publica nos meses de Julho/Agosto.

FOTOCOMPOSTO E IMPRESSO: Tipografia NUNES Lda., Rua D. João IV, 590 - 4000 Porto.

PROPRIETÁRIO: Grupo de Estudos e Reflexão em Psicologia, R. das Taipas, 76 - 4000 Porto

REDACÇÃO, ADMINISTRAÇÃO E PUBLICIDADE: JORNAL DE PSICOLOGIA, Rua das Taipas, 76 - 4000 Porto

DISTRIBUIDORA: Empresa de Comércio Livreiro - Rua Miguel Bombarda, 578 - 4000 Porto. Tel. 693908.

TIRAGEM: 1500 exemplares.

LIVROS E PUBLICAÇÕES: Faremos referência a livros e outras publicações de que nos sejam enviados exemplares.

Desejamos estabelecer intercâmbio com outras publicações.

Nous souhaitons établir échange avec d'autres publications.

We wish to establish exchange with other publications.

INDEXADO EM: Psychological Abstracts; Ulrich's Directory.

SUBSCRIPTION RATES:

	Brasil/África	Europe	All others
Individual	US \$12	US \$15	US \$20
Institutions	US \$16	US \$20	US \$25

BACK ISSUES AND BACK VOLUMES: Write to: Jornal de Psicologia, R. das Taipas, 76 - 4000 Porto, Portugal

O JORNAL DE PSICOLOGIA é uma publicação destinada à divulgação e discussão de temas e assuntos nos diferentes domínios da Psicologia e ciências afins. O seu principal objectivo consiste em encorajar e facilitar o desenvolvimento da Psicologia em Portugal, contribuindo assim para o seu avanço como ciência, como profissão e como um meio de promover o bem estar humano.

O conteúdo do JORNAL DE PSICOLOGIA abrange diferentes áreas e domínios. Para além de artigos e estudos de carácter teórico, revisões de literatura, documentos e artigos de discussão de práticas inovadoras, regularmente aparecem secções especiais. Uma secção de "Opinião" é dedicada à discussão de aspectos actuais relacionados com a prática da Psicologia, críticas, réplicas ou pequenos artigos apresentando ideias e/ou perspectivas de carácter inovador. Além disso, a secção "Entrevista com ..." visa apresentar as ideias, o trabalho e o contributo, para o desenvolvimento da Psicologia, de especialistas nacionais e estrangeiros. Secções especiais são também dedicadas a revisões e comentários a livros e outras publicações, bem como a informações de carácter geral e a notícias sobre reuniões científicas nacionais e internacionais.

CONTRIBUIÇÕES DA PSICOLOGIA SOCIAL PARA A COMPREENSÃO DO FENÓMENO TURÍSTICO

FÉLIX NETO (*)
TERESA FREIRE (**)
UNIVERSIDADE DO PORTO

Pretende-se com este artigo ilustrar algumas das contribuições da Psicologia Social para a compreensão do fenómeno turístico, reportando-o concretamente à sociedade portuguesa.

Num primeiro momento faz-se uma análise da importância do turismo na sociedade portuguesa avaliando a sua posição como país receptor no contexto geral da Europa e do Mundo. De seguida, analisa-se o fenómeno do turismo na perspectiva de várias ciências sociais, realçando-se a contribuição da Psicologia Social. Finalmente, ilustra-se alguns aspectos desta disciplina relativos ao comportamento social do turista, tema chave na abordagem psico-social: papéis sociais das pessoas que viajam; motivações do comportamento turístico; efeitos psico-sociais dos contactos interculturais nos turistas (atitudes; choque cultural) e efeitos psico-sociais dos contactos interculturais na população local.

Como conclusão alerta-se para a importância do estudo do fenómeno turístico nas sociedades actuais em que se promove cada vez mais, e através do turismo, a mobilidade intercultural entre os indivíduos.

"In the present century holidays have become a cult... For many they are the principal objects for life-saved and planned for during the rest of the year and enjoyed in retrospect when they are over."

Pimlott, 1947

INTRODUÇÃO

De 1 de Janeiro de 1990 até 31 de Março de 1991 os países da Comunidade Económica Europeia procedem às comemorações do Ano Europeu do Turismo, a que decidiram associar-se igualmente os países membros da EFTA.

Com esta iniciativa, a CEE pretende essencialmente: promover um melhor conhecimento, por parte dos cidadãos-membros, e especialmente dos jovens, das culturas e dos modos de vida dos cidadãos dos outros Estados da Europa; preparar o acesso ao grande espaço sem fronteiras após 1992; encorajar as viagens de férias fora de épocas altas; suscitar o aparecimento de novas formas de turismo; criar alternativas ao turismo de massas; introduzir inovação e criatividade, respon-

dendo à necessidade de criação de um turismo personalizado em que os valores humanos sejam, de facto prioritários, promover a Europa como um destino turístico prioritário.

Pareceu-nos deste modo interessante no Ano Europeu do Turismo interrogarmo-nos sobre algumas das contribuições da Psicologia Social para a compreensão de um fenómeno que por essência é veículo na comunicação e conhecimento de povos e culturas diferentes.

Se o contacto de culturas suscitado pela migração portuguesa, fenómeno sócio-psicológico que se emaranha na textura da história lusitana está subanalizado do ponto de vista científico (Neto, 1986; 1990; Rocha Trindade, 1981), ao nível da investigação científica praticamente nada se tem feito a propósito do fenómeno turístico português (Pereira Neto, 1985). Se alargarmos o nosso olhar a outros contextos culturais, verifica-se todavia que se a psicologia já tem contribuído de modo significativo para a compreensão do fenómeno migratório em diversas vertentes, é bem mais escassa a contribuição da psicologia para a compreensão do fenómeno turístico (Furnham & Bochner, 1986; Pearce, 1982 a). É disso sintomático o facto das referências disponíveis no Psychlit (1/1983 a 9/90 para a palavra-chave "migration" serem de 505 e para a palavra chave "tourism" serem 17.

Objectivo fundamental deste artigo é uma chamada de atenção para sublinhar a potencial contribuição da psicologia social para a compreensão do fenómeno turístico português. Este fenómeno não pode deixar indiferentes os psicólogos portugueses e outros investigadores das ciências sociais dada a amplitude de que se reveste e a importância que assume na sociedade portuguesa. Para tal tentaremos, ilustrar alguns aspectos da Psicologia Social do comportamento turístico sem se ter uma preocupação de exaustividade.

(*) Professor associado da Faculdade de Psicologia e de Ciências da Educação da Universidade do Porto.

(**) Assistente estagiária da Faculdade de Psicologia e de Ciências da Educação da Universidade do Porto.

A correspondência para este artigo deve ser enviada para: Félix Neto, Faculdade de Psicologia e de Ciências da Educação da Universidade do Porto, Rua das Taipas, 76 - 4000 PORTO.

IMPORTÂNCIA DO FENÓMENO TURÍSTICO PORTUGUÊS

A importância do turismo para a sociedade portuguesa é hoje um facto reconhecido e bem patente nos dados estatísticos existentes. Procedeu-se a uma análise destes dados, começando por enquadrar a sociedade portuguesa no contexto mais geral da Europa e do Mundo, passando depois a uma análise mais pormenorizada dos turistas que visitam Portugal. Finalmente é importante referir a dimensão económica que o fenómeno do turismo assume também para o nosso país.

De acordo com os dados fornecidos pela OMT (Organização Mundial do Turismo) as chegadas de turistas estrangeiros às fronteiras de todos os países do mundo, chegaram a cerca de 390 milhões em 1988, evidenciando um aumento de 8,7% em relação ao ano anterior. A Europa, ao contabilizar cerca de 251,5 milhões de entradas (mais 7,5% que em 1987) absorveu cerca de 64,5% do movimento mundial, mantendo uma posição largamente dominante (Secretaria de Estado do Turismo. Direcção Geral do Turismo - DGT, 1988 a).

De modo a avaliar a posição de Portugal, como país receptor, no contexto geral da Europa e do Mundo, apresenta-se o seguinte quadro onde se pode acompanhar a "quota nacional" no decurso dos anos de 1983 a 1988.

	1983	1984	1985	1986	1987	1988
Relação Portugal/Europa	1,9	2,4	2,3	2,5	2,6	2,6
Relação Portugal/Mundo	1,3	1,3	1,5	1,6	1,7	1,7

Fonte: DGT, 1988 a

Quadro 1 - % dos movimentos turísticos destinados a Portugal.

Conforme se pode observar, Portugal reforçou a sua incidência no conjunto dos países receptores europeus e mundiais, concretamente entre 1983 e 1987, para no último ano apresentar uma estabilização nítida.

Fazendo uma análise da composição da entrada de estrangeiros em Portugal no ano de 1988, e distinguindo entre o número de turistas (aqueles cuja estada no país iguala ou supera as 24 horas) e de excursionistas (os que entram e saem no mesmo dia, ver ponto 3 deste artigo), verifica-se que o número de excursionistas diminuiu (6,2%) em relação ao ano anterior, mas o número de turistas aumentou embora esse aumento não tenha sido tão grande, em valor absoluto, como a diminuição dos excursionistas. Em 1988 o número de excursionistas atingiu os 9,3 milhões e o número de turistas, 6,6 milhões (DGT, 1988 a).

Tendo em conta as entradas de turistas por principais países de residência manifesta-se a predominância absoluta da Espanha que abarca 42% do total, seguindo-se o Reino Unido. Estes dois países abrangem cerca de 60% das entradas totais, podendo-se ver no quadro 2 a comparação entre vários países

Na categoria outros países estão incluídos a Itália, a Bélgica, o Brasil, a Suécia, a Dinamarca e o Canadá.

Relativamente à distribuição dos turistas por grupos etários e considerando intervalos de 15 anos, os resultados para o quinquénio de 1984-1988 revelaram o predomínio dos

grupos de 30-44 e 45-59 anos.

Países de residência	Entradas em 1988 (mil)	Entradas em 1987 (mil)	Var. %
Espanha	2808,1	2695,3	+4,2
Reino Unido	1107,9	1166,9	-5,1
França	569,2	419,6	+35,7
Alemanha (RF)	542,8	492,6	+10,2
Holanda	305,8	220,1	+38,9
E:U:A:	191,6	157,9	+21,3
Outros	1098,5	949,3	+11,6
Total	6623,9	6101,7	+8,6

Fonte: DGT, 1988 b.

Quadro 2 - Entradas de turistas por principais países de residência.

No que diz respeito às profissões dos turistas ao longo dos anos de 1984 a 1988, manteve-se entre 40 e 45% a proporção da indicação de profissões não discriminadas. Entre as profissões discriminadas, a primeira posição é a das "profissões científicas, técnicas e liberais" que embora comum a todos os países europeus, é Portugal que mais recebe este tipo de turistas

A permanência média geral dos turistas que visitaram Portugal em 1988 foi de 7,6 dias, o que patenteia o prosseguimento de uma diminuição gradual que se vem verificando há alguns anos: tinha sido de 7,8 dias em 1987, de 8,1 dias em 1986, de 8,4 dias em 1985 e de 8,9 dias em 1984.

Um outro dado a salientar diz respeito à importância do turismo na balança de pagamentos externos de Portugal, constituindo as suas receitas líquidas uma contribuição notável para a cobertura parcial dos saldos negativos da balança comercial. A título ilustrativo apresenta-se um quadro que sintetiza esta evolução:

Anos	Saldo do Turismo (1)	Saldo da balança comercial (2)	(1):(2)x100% (Taxa de cobertura)	Saldo da balança de Pagamentos
1973	+7,9	-22,3	35,5	+8,4
1974	+6,6	-50,5	13,0	-16,1
1975	+2,6	-42,7	6,1	-25,9
1976	+5,6	-63,8	18,8	-35,6
1977	+10,3	-96,8	10,7	-56,7
1978	+19,3	-105,5	18,3	-9,6
1979	+34,1	-129,0	26,4	+66,7
1980	+42,9	-210,7	20,4	+42,4
1981	+48,4	-317,2	15,3	-4,3
1982	+49,8	-377,6	13,2	+13,6
1983	+67,6	-328,4	20,6	-79,4
1984	+107,6	-308,1	34,9	+52,0
1985	+151,7	-248,3	61,1	+201,2
1986	+179,5	-250,8	71,6	-37,0
1987	+243,0	-504,0	48,2	+278,9
1988 (*)	+272,1	-737,0	36,9	240,0

Fonte: DGT, 1988 a.

Quadro 3 - Receitas líquidas do turismo e saldo da balança comercial em Portugal (1973-1988).

Constata-se assim que em 1987, as receitas líquidas do turismo cobriram 36,9% do "deficit" da balança comercial, o que constitui a taxa mais fraca do último quadriénio. Tenha-se contudo presente, que esta menor incidência resultou do agravamento do saldo devedor da balança de mercadorias, e não do comportamento desfavorável do turismo.

Finalmente refere-se também as partidas para férias dos portugueses, comparando Portugal com os restantes países da Comunidade Europeia.

País de origem	% da população que parte para férias	% dos que em férias vão para o estrangeiro	Viagens ao estrangeiro
Holanda	65	64	6 032 000
Dinamarca	64	44	1 436 000
Grã-Bretanha	61	35	12 084 000
RFA	60	60	21 960 000
França	58	16	5 122 000
Luxemburgo	57	94	214 000
Itália	57	13	4 231 000
Grécia	46	7	319 000
Espanha	44	8	1 359 000
Bélgica	41	56	2 273 000
Irlanda	39	51	716 000
Portugal	31	8	253 000
CEE			55 999 000

Fonte: Inquérito *As férias dos europeus*, CEE, 1987; in Hollier & Subremon 1990

Quadro 4: Taxas de partidas para férias.

Como se verifica, e tendo em conta os dados anteriormente apresentados, Portugal recebe mais turistas do que o número de portugueses que saem para fora do país.

Pode-se dizer, a partir da análise feita com estes dados estatísticos, que o turismo é um factor extremamente importante para o desenvolvimento da sociedade portuguesa não só no aspecto económico mas também, e sobretudo, cultural já que é um país com um grande índice de recepção de turistas de vários países, estando em jogo toda a dinâmica que resulta do contacto com outros povos veículos de outras culturas.

ANÁLISE DO FENÓMENO DO TURISMO POR VÁRIAS CIÊNCIAS SOCIAIS

A literatura e investigação acerca do turismo reúnem uma vasta gama de ideias e questões. Embora a maior parte dos estudos estejam relacionados com questões económicas, domínio até agora privilegiado no estudo do fenómeno do turismo já que a crescente mobilidade de populações se reflectiu de imediato na oscilação das taxas económicas dos diversos países receptores de turistas, existem também hoje, e entre outras, contribuições da geografia, sociologia, antropologia e psicologia social para o estudo e compreensão deste fenómeno.

No entanto, o desenvolvimento lento de trabalhos de investigação nestes domínios contrapõe-se à rápida evolução do turismo moderno, sendo por isso importante reflectir sobre a contribuição destas várias ciências, e das respectivas meto-

dologias. A partir daqui podem desenvolver-se novos estudos que acompanhem e promovam a evolução do fenómeno.

Relativamente aos estudos económicos acerca do turismo, as investigações têm incidido nos seguintes tópicos: benefícios do turismo numa determinada comunidade em que se pretende analisar o consumo total do turista numa determinada comunidade (também chamados estudos dos multiplicadores de turismo), para ver se a presença de turistas cobre as despesas relativas às actividades turísticas (Archer & Owen, 1972); o pedido turístico, em que estão em estudo temas tais como preferências turísticas por determinados hotéis, linhas aéreas e áreas de destino (Blomstrom, 1976; Arbel & Pizam, 1977) e ainda o impacto das mudanças políticas e económicas na mudança do pedido turístico (Corsi & Harvey, 1979); aspectos de marketing, sobretudo presentes nas abordagens nacionais acerca do pedido turístico e publicidade, havendo estudos que analisam o tipo de visitantes que se dirigem a uma determinada cidade ou país (British Tourist Authority, 1972-80); e estudos de estimativas, planeamento e desenvolvimento. Existem ainda estudos que visam uma análise detalhada das indústrias que compõem o turismo e que dependem grandemente do tráfico turístico, como hotéis, linhas aéreas, marinha mercante, combóios, carros de aluguer e restaurantes (Waters, 1980).

Os estudos geográficos do turismo têm-se desenvolvido tendo presente os desequilíbrios regionais e espaciais que acompanham o turismo, sendo uma das questões de maior interesse, neste domínio, saber porque é que regiões e países similares têm estatísticas turísticas tão diferentes. Neste sentido, os investigadores têm usado metodologias que permitem conhecer as imagens comparativas que os turistas têm acerca dos vários destinos possíveis para as suas viagens. Outras áreas de interesse podem ainda definir-se, como a influência do turismo na morfologia da paisagem e "design" da cidade (Pearce, 1978); análise do contexto campestre e características físicas da paisagem que atrai turistas; avaliação dos recursos, mas também dos estragos e degradação causados pelos turistas e desenvolvimento do turismo (Cohen, 1978).

Já nos estudos antropológicos sobressai a preocupação com o lado humano do turismo, mais concretamente com o impacto dos turistas na comunidade hóspede, estudando-se quer o impacto negativo (Smith, 1978b) quer o impacto positivo (Boissevain, 1979). Os antropólogos têm também estudado os efeitos do turismo no material cultural dos hóspedes (Mckean, 1978).

Os estudos sociológicos do turismo mais recentes têm contribuído para a compreensão do turismo abordando aspectos concretos tais como, em que medida a indústria do turismo afecta a auto-estima local, as oportunidades de emprego e de que forma a mudança social emerge (Kadt, 1976; Finney & Watson, 1977). Os sociólogos têm tido também um papel activo no desenvolvimento de modelos teóricos e estruturas conceptuais para analisar o turismo. Uma série de questões também presentes neste tipo de literatura diz respeito ao estudo do lazer (Parker, 1975; Neulinger, 1974), realçando-se a importância de explorar a relação entre as teorias do comportamento de lazer e o comportamento de viajar (Pearce, 1982a).

Para R. Lanquar (1985), a sociologia do turismo está em formação através de um processo de integração e diferenciação. Diferencia-se de toda uma gama de disciplinas das ciências humanas utilizadas no estudo do turismo mas procura integrar as suas contribuições num sistema simultaneamente sin-

crónico e diacrónico permitindo se possível enunciar alguns princípios gerais sobre o comportamento dos actores turísticos e dos efeitos sobre as sociedades em que este fenómeno se desenvolve.

Ainda numa perspectiva sociológica E. Cohen (1979) define uma estratégia de investigação para a sociologia do turismo. Sugere que a investigação deve ser processual (ter em conta o elemento temporal no impacto do turismo), contextual (considerar a circunstância política e ecológica do estudo), comparativa (providenciar uma análise das várias situações turísticas) e "emic" (ter em conta a perspectiva dos vários participantes na situação turística).

Já menos estudos têm sido realizados no domínio da Psicologia Social sem que tal seja sinónimo de uma falta de delimitação de temas pertinentes para o domínio em questão (Pearce, 1982a). Esta disciplina tem também um papel importante quando pretendemos abarcar o fenómeno turístico como um todo, significando isto uma análise, não só do turismo mas também do turista e das suas experiências pessoais. Tendo como domínio privilegiado o estudo da interacção do sujeito com o meio em que se insere (Maisonneuve, 1973), a Psicologia Social pode contribuir grandemente para o conhecimento do comportamento do turista e da sua interacção com os diversos contextos que visita.

No entanto, é importante enquadrar esta disciplina no contexto geral das várias ciências sociais, para que através de um movimento interdisciplinar, resulte uma maior compreensão do fenómeno turístico. Os estudos económicos privilegiam uma análise do turismo enquanto interrelação de indústrias que emergem do movimento de pessoas, sendo a análise do turista integrada no mecanismo de análise da oferta e da procura. Embora seja uma perspectiva importante para a análise e compreensão do fenómeno turístico, torna-se insuficiente quando nos centramos mais directamente na compreensão do comportamento do turista. Os estudos geográficos, para além de temas também específicos e que saem fora do domínio da Psicologia, abarcam temas de interesse para os psicólogos como sejam: o estudo do contexto físico como determinante e influenciador do comportamento, a percepção dos contextos, orientação no contexto e reacções dos turistas aos vários cenários. Os antropólogos têm também algo a oferecer na compreensão do fenómeno turístico, sobretudo relativamente ao hóspede na situação de contacto hóspede-turista; no entanto dão pouco relevo ao impacto que as experiências interculturais têm no turista. E esta perspectiva é importante para complementar todo o estudo que há a fazer em relação ao turismo dum ponto de vista humano, ao abordar o impacto dos hóspedes nos turistas e as suas experiências, atitudes e motivações. Conceitos como, estereotipia e privacidade são importantes quando se analisa o comportamento do turista em situações de contacto. No mesmo sentido vão os estudos dos sociólogos. Muitos dos tópicos estudados são temas de interesse para os psicólogos já que tentam explicar quer os efeitos socioculturais do turismo quer ainda as razões dos turistas para viajar e a natureza das suas experiências.

O estudo do comportamento social do turista é o tema chave da abordagem psico-social. A ênfase é na perspectiva e percepções dos próprios turistas encarados como participantes activos do processo turístico. Pretende-se uma definição de turista adequada realçando a importância de pensar acerca do turista em termos experienciais (Pearce, 1982 a).

É assim possível ver-se como o fenómeno do turismo e

consequentemente o seu estudo, abarca uma grande variedade de questões que podem ser diferentemente estudadas em função de várias perspectivas sem que cada uma por si só possa permitir a compreensão global do fenómeno. O conhecimento da perspectiva do turista, do seu ponto de vista, do seu comportamento, são elementos fulcrais e que têm sido pouco explorados, aparecendo a Psicologia Social como uma área importante na exploração e estudo dessas questões, sem todavia esquecer a importância e contribuição de cada uma das diversas ciências sociais.

Passaremos de seguida à apresentação de alguns aspectos estudados pela Psicologia Social acerca do comportamento turístico, desenvolvendo-se num primeiro momento alguns pontos relacionados com a definição de turista.

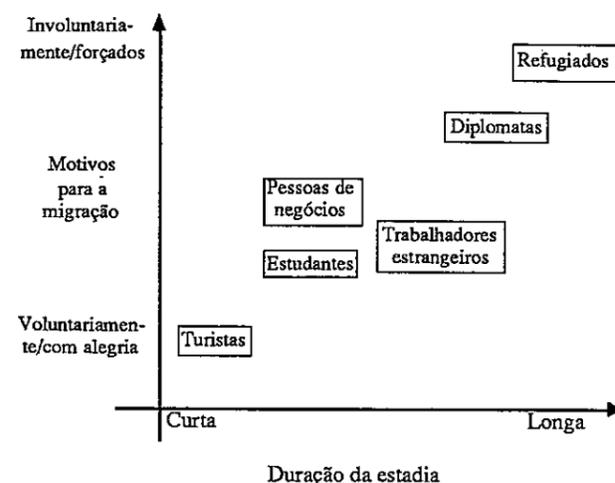
DEFINIÇÃO DE TURISTA

Várias têm sido as tentativas de múltiplos organismos internacionais relacionados com o turismo para delinear uma definição de turista, tentando assim evitar as tão frequentes confusões terminológicas associadas com este conceito. Um tipo de definição internacional, amplamente utilizado, foi estabelecido em 1963, em Roma, pela Conferência das Nações Unidas sobre o turismo e as viagens internacionais. Este tipo de definição distingue os conceitos de visitante, turista e excursionista: **visitante** é definido como "toda a pessoa que vai para um país, que não aquele onde tem a sua residência habitual, por qualquer razão excepto a de exercer uma profissão remunerada; **turista** é um "visitante temporário que fica pelo menos 24 horas no país visitado, cujos motivos de viagem podem ser agrupados em: lazer (aspectos atractivos, férias, saúde, religião e desportos), negócios, família, missão e reunião"; **excursionista** é "todo o visitante temporário em que o tempo passado no país visitado não ultrapassa as 24 horas, não comportando nenhuma noite". Estas definições põem a ênfase no tempo de duração da estadia do sujeito.

No entanto a definição de turista não é um aspecto simples podendo haver vários modos de categorizar as pessoas consoante as dimensões que se tomam em consideração. Por esta razão existem diferentes definições de turista em vários trabalhos que se dedicam a este domínio, pois está subjacente uma determinada perspectiva de análise. Não iremos esgotar aqui todas as definições mas tão somente ilustrar outros tipos de definições, revelando assim a complexidade de que se reveste a definição de turista.

Por exemplo, para certos autores, o turismo é enquadrado dentro de um quadro mais vasto de migração, sendo a diversidade de dimensões que aqui poderiam ser consideradas, sintomática da complexidade da definição de migração. Neste sentido, Furnham e Bochner (1986) avançam uma tipologia baseada em duas dimensões: os motivos para a migração e a intenção de estadia das pessoas noutra país. As relações entre estas duas dimensões podem ser vistas na figura 1.

Note-se que as diferentes categorias foram distribuídas nesta figura de modo hipotético, não pretendendo sugerir uma correlação positiva entre os dois eixos. Os turistas são caracterizados nesta figura, entre as pessoas que se deslocam, por motivos voluntários associados a uma tonalidade afectiva positiva e um tempo de estadia curto. No entanto, os autores referem que dum ponto de vista estrito, os turistas não podem



Fonte: Furnham e Bochner, 1986.

Figura 1 - Representação dos padrões possíveis de migração baseados na duração de estadia e motivos para a migração.

ser considerados migrantes, realçando o facto de que se o tempo de estadia for de três anos ou mais (o que é comum nos estudantes e diplomatas) a experiência pode ter todas as características da experiência de migração. Trata-se de uma problemática importante para a compreensão do turista e das suas experiências.

Dum outro ponto de vista pode-se referir uma definição experiencial (Cohen, 1974) pertinente para os estudos psicológicos. Nesta perspectiva uma pessoa fora da sua zona residencial e que viaja por lazer pode ser definida como turista. Assim uma pessoa pode sentir-se e ser turista numa visita que faz na sua própria cidade. Todavia os estudos a que faremos alusão neste artigo situam-se preponderantemente a uma escala internacional.

Dito isto, não se pode inferir que o termo turista se revista de um sentido unívoco. O termo recobre múltiplos significados, sendo importante considerar estes aspectos quando se investiga o fenómeno turístico.

PAPÉIS SOCIAIS DO TURISTA

Pearce (1982a) fornece-nos uma visão dos papéis das pessoas que viajam tornando mais clara a natureza complexa e interdependente dessas categorias. O autor descreve quinze papéis de vários tipos de pessoas que viajam (e.g. turista, migrante, viajante, missionário, hippie, etc.) e vinte características comportamentais (e.g. tira fotografias, vai a lugares famosos, procura prazeres sensuais, etc.). No quadro 5 podem-se observar as cinco características comportamentais mais típicas escolhidas por uma amostra australiana para os vários tipos de pessoas que viajam. Pode-se verificar, por exemplo, que a principal distinção percebida entre viajante e turista pela amostra é que o viajante é definido por comportamentos de exploração dos lugares de forma privada e de experiência da comida local. Ora estes itens não fazem parte da definição principal do turista. O excursionista, por outro lado, é melhor caracterizado do que o turista pelas dimensões de estar alienado da

Tipos de viajantes (categorias)	Os cinco papéis de comportamento mais claramente relacionados (por ordem de importância relativa)
Turista	Fotografa, compra recordações, vai a lugares famosos, fica pouco tempo num lugar, não compreende a população local.
Viajante	Fica pouco tempo num lugar, prova a comida local, vai a lugares famosos, fotografa, explora os lugares de forma privada.
Excursionista	Fotografa, vai a lugares famosos, está alienado da sociedade local, compra recordações, contribui para a economia visitada.
Jet-setter	Vive uma vida de luxo, preocupa-se com o estatuto social, procura prazeres sensuais, prefere interagir com pessoas do seu tipo, vai a lugares famosos.
Pessoa de negócios	Preocupa-se com o estatuto social, contribui para a economia, não fotografa, prefere interagir com pessoas do seu tipo, vive uma vida de luxo.
Migrante	Tem problemas de linguagem, prefere interagir com pessoas do seu tipo, não compreende a população local, não vive uma vida de luxo, não explora a população local.
Conservador	Interessa-se pelo meio, não compra recordações, não explora a população local, explora os lugares de forma privada, fotografa.
Explorador	Explora os lugares de forma privada, interessa-se pelo meio, corre riscos físicos, não compra recordações, observa a sociedade visitada com entusiasmo.
Missionário	Não compra recordações, busca o significado da vida, não vive uma vida de luxo, não procura prazeres sensuais, observa a sociedade visitada com entusiasmo.
Estudante estrangeiro	Experimenta a comida local, não explora a população, fotografa, observa a sociedade visitada com entusiasmo, corre riscos físicos.
Antropólogo	Observa a sociedade visitada com entusiasmo, explora os lugares de forma privada, interessa-se pelo meio, não compra recordações, fotografa.
Hippie	Não compra recordações, não vive uma vida de luxo, não se preocupa com o estatuto social, não fotografa, não contribui para a economia.
Atleta internacional	Não está alienado da sua própria sociedade, não explora a população local, não compreende a população local, explora os lugares de forma privada, busca o significado da vida.
Jornalista estrangeiro	Fotografa, observa a sociedade visitada com entusiasmo, vai a lugares famosos, corre riscos físicos, explora os lugares de forma privada.
Peregrino religioso	Busca o significado da vida, não vive uma vida de luxo, não se preocupa com o estatuto social, não explora a população local, não compra recordações.

Fonte: Pearce, 1982.

Quadro 5 - As cinco principais características comportamentais relacionadas com quinze categorias de viajantes.

Papéis de comportamento	Tipo de viajantes (categorias, por ordem de importância)
Fotografa	Turista, jornalista estrangeiro, excursionista, explorador, antropologista.
Explora a população local	Conservador (-), peregrino religioso (-), explorador (-), estudante estrangeiro (-), pessoa de negócios.
Vai a lugares famosos	Turista, <i>jet-setter</i> , jornalista estrangeiro, excursionista, <i>hippie</i> .
Compreende a população local	Turista (-), migrante (-), <i>jet-setter</i> (-), antropologista, atleta internacional (-).
Vive uma vida de luxo	<i>Jet-setter</i> , <i>hippie</i> (-), missionário (-), peregrino religioso (-), pessoa de negócios.
Observa a sociedade visitada	Antropologista, jornalista estrangeiro, com entusiasmo, explorador, missionário, conservador.
Interessa-se pelo meio	Conservador, explorador, antropologista, <i>jet-setter</i> (-), pessoa de negócios (-).
Contribui para a economia	Pessoa de negócios, <i>hippie</i> (-), turista, peregrino religioso (-), excursionista.
Não pertence ao meio	Turista, viajante, <i>jet-setter</i> , excursionista, jornalista estrangeiro.
Corre riscos físicos	Explorador, pessoa de negócios (-), <i>jet-setter</i> (-), jornalista estrangeiro, turista (-).
Alienado da própria sociedade	<i>Hippie</i> , migrante, missionário, peregrino religioso, explorador.
Fica pouco tempo num lugar	Turista, <i>jet-setter</i> , viajante, atleta internacional, explorador.
Tem problemas de linguagem	Migrante, turista, estudante estrangeiro, atleta internacional, viajante.
Experimenta a comida local	Estudante estrangeiro, turista, viajante, <i>jet-setter</i> , jornalista estrangeiro.
Explora os lugares de forma privada	Explorador, antropologista, conservador, jornalista estrangeiro, viajante.
Preocupa-se com o estatuto	<i>Jet-setter</i> , pessoa de negócios, <i>hippie</i> (-), missionário(-), social peregrino religioso (-).
Procura o significado da vida	Missionário, peregrino religioso, <i>hippie</i> , antropologista, conservador.
Procura prazeres sensuais	<i>Jet-setter</i> , missionário (-), <i>hippie</i> , peregrino religioso (-), pessoa de negócios.
Prefere interagir com pessoas do seu tipo	<i>Jet-setter</i> , migrante, pessoa de negócios, <i>hippie</i> , atleta internacional.
Compra recordações	Turista, missionário (-), <i>hippie</i> (-), conservador (-), explorador (-).

Fonte: Pearce, 1982.

Nota: Um sinal negativo (-) depois da categoria implica que o papel em questão é baixo no comportamento

Quadro 6 - Cinco categorias de viajante relacionadas com características comportamentais

sociedade local, se bem que contribuindo para a economia da sociedade visitada. O leitor pode continuar a observação das relações entre os papéis que lhe despertem o interesse.

Uma outra perspectiva desses dados pode ser dada no quadro 6 em que se consideram as vinte características comportamentais e se colocam por ordem os cinco papéis de pessoas que viajam que mais se lhe aplicam. Pode-se assim observar, por exemplo, que a categoria turista é caracterizada entre os cinco scores mais elevados em dez das vinte características comportamentais. A categoria *jet-setter* aparece doze vezes nos cinco scores mais elevados dos vinte comportamentos, enquanto que viajante aparece cinco vezes e excursionista é caracterizado três vezes. Assim as pessoas tinham uma imagem "mais extrema" ou "mais clara", para usarmos os termos de Pearce, de *jet-setter* e de turista do que de excursionista e de viajante.

O recurso à análise multidimensional permitiu ainda condensar os vários papéis assinalados em cinco grupos de pessoas que viajam. Cada tipo de pessoas está agrupado em função de determinadas características que por sua vez caracterizam um tipo de viagem: viagem para tirar proveito (pessoa de negócios, *jet-setter*); viagem de prazer (turista, excursionista, *jet-setter*); viagem de grande contacto com a gente local (jornalista estrangeiro, viajante, estudante estrangeiro); viagem ambiental (antropólogo, explorador, conservador); viagem espiritual (missionário, peregrino, *hippie*). Note-se que migrante e atleta internacional não são descritos por nenhum dos tipos referidos, embora apresentem uma posição relativa entre os vários grupos, de forma consistente. Migrante situa-se entre o grupo que viaja para tirar proveito e aquele cuja viagem tem características espirituais; enquanto atleta internacional está mais perto do grupo cuja viagem é de prazer.

MOTIVAÇÕES

Para uma análise das motivações do comportamento turístico devem-se ter em conta as mesmas questões com que se confrontam geralmente os teóricos da motivação. Segundo Pearce (1982a), a investigação sobre os motivos dos turistas para viajar, coloca diversos problemas. Em primeiro lugar seria erróneo catar a motivação do turista a um processo a curto termo não tendo em conta as demais actividades da pessoa. Muitos turistas planeiam as suas viagens com vários meses de antecedência, planeamento esse que é fonte de prazer como o é a recordação da satisfação proporcionada pelas férias.

Um segundo problema está relacionado com quem é que explica o comportamento do turista. Deve-se estar alertado para o facto dos próprios turistas darem explicações mais favoráveis do seu próprio comportamento do que os observadores dos turistas.

Um terceiro problema a ter em conta é se os motivos são medidos antes, durante ou depois da viagem. Pode-se supor que os motivos evocados antes da viagem com o intuito de se predizerem reacções específicas a lugares específicos, diferenciam-se de uma descrição *post hoc* da motivação da viagem que em princípio é mais geral. Outras dificuldades que se levantam têm a ver com o facto das causas de um comportamento serem múltiplas e com a natureza não determinística da motivação intrínseca.

A análise efectuada por Pearce (1982a) sugere que, dado nenhuma teoria da motivação preencher todos esses requisitos, será útil para se compreender a motivação do turista

combinar o modelo hierárquico de Maslow, a teoria da atribuição e a motivação para a realização.

Dispõe-se de estudos de mercado que fornecem informações sobre as percepções de zonas de férias. É disso exemplo o estudo efectuado pelo "Canadian Motivation to Travel and Vacations" (Canadian Government Travel Bureau, 1972). Este estudo foi efectuado com mais de 5 000 canadianos. Podem-se ver no quadro 7 as razões da escolha da zona de destino dessa vasta amostra. Sobressai aí a importância da visita a amigos ou pessoas conhecidas, de encontrar uma atmosfera relaxante e de procurar um bom clima com belos cenários.

Razões para a escolha do destino	Sujeitos para cada uma das razões (%)
Visitar amigos ou parentes	50
Atmosfera de relaxamento	33
Cenário	41
Para oceanos e praias	19
Facilidades de desportos	10
Bons locais de acampamento	11
Bom tempo	24
Não haver muitos turistas	10
Fazer melhores compras	4
Preço de férias mais baixo	11
Gente amigável e quente	22
Boas estradas	13
Boa comida	7
Costumes e vida atrativos	7
Sentir-se estrangeiro	7
Vida nocturna	6
Facilidade em haver divertimento	13
Actividades culturais	5
Anúncios atrativos	5
Não conhecer muito acerca das atracções da própria terra	2
Não fazer do inglês um divertimento	3
Não deixar os costumes acabarem	1
Nenhuma das anteriores	9

Fonte: Canadian Government Travel Bureau, 1972.

Quadro 7 - Razões para os destinos das viagens de 5000 Canadianos.

Krippendorf (1989) baseando-se em estudos de mercado alemães concluiu que a partir dos anos 60, época dos primeiros trabalhos sobre a psicologia do turismo, a expressão das motivações pouco se alterou. No entanto, a partir do início dos anos 70, verifica-se uma tendência para as férias activas. Assim o desejo de dormir, de descansar, de não fazer nada, está em forte regressão, e categorias como "encontrar pessoas simpáticas", "divertir-se, distrair-se, brincar, jogar, ter uma mudança" e "dedicar-se aos hobbies" aumentam a sua importância.

Na investigação de mercado a abordagem verdadeiramente psicológica da motivação do turista é relativamente parca. Não há uma razão simples para explicar porque é que as pessoas viajam.

Crompton (1979) numa tentativa de análise compreen-

siva das forças intra-individuais que levam ao comportamento turístico identificou nove motivos. Sete desses motivos foram classificados como sendo *socio-psicológicos*: fuga de um meio percebido como mundano, exploração e avaliação do auto-conceito, relaxamento, prestígio, regressão, melhoria das relações de parentesco e facilitação da interacção social. Dois motivos foram rotulados de *culturais* e incluem novidade e educação. Se os motivos socio-psicológicos não estavam relacionados com características das zonas de destino, já os culturais o estavam pelo menos parcialmente. Segundo Crompton o estudo abona em favor da multideterminação do comportamento do turista.

Em relação a Portugal concretamente, existem dados (DGT, 1988) sobre os motivos que levam os turistas a visitar este país. A maior percentagem diz respeito aos turistas entrados no nosso país por motivos de "férias". Os "fins religiosos" constituíram a segunda motivação mais importante, seguida imediatamente por "negócios". As percentagens correspondentes foram de 92,3% para "férias", 3,0% para "fins religiosos" e 1,8% para "negócios". As restantes motivações corresponderam percentagens menores. Estes dados podem ser analisados no quadro 8, referente aos anos de 1984 a 1988.

	1988	1987	1986	1985	1984
1. Férias	92,3	92,8	88,5	92,3	86,3
2. Fins religiosos	3,0	2,1	3,3	1,1	0,5
3. Negócios	1,8	2,0	3,7	3,2	2,4
4. Visitas a família e amigos	0,7	1,1	1,2	1,2	1,1
5. Fins culturais (*)	0,5	0,5	1,3	0,8	0,4
6. Actividades profissionais	0,3	0,3	0,6	0,3	0,4
7. Congressos	0,3	0,3	0,4	0,4	0,5
8. Desporto	0,2	0,4	0,4	0,5	1,0
9. Motivos de Saúde	--	--	--	--	--
10. Outros motivos	0,9	0,5	0,5	0,2	7,4

(*) Sob a indicação de fins culturais incluíram-se as visitas de estudo, que em edições anteriores eram consideradas separadamente.

Fonte: DGT, 1988b

Quadro 8 - Motivações para viajar.

Em suma, os motivos para viajar são complexos e múltiplos. Para obtermos uma compreensão mais global das motivações do turista será necessário ainda efectuar-se mais investigação psicológica.

EFEITOS PSICO-SOCIAIS DOS CONTACTOS INTERCULTURAIS NOS TURISTAS

Ilustraremos seguidamente até que ponto a experiência turística é susceptível de provocar mudanças nas atitudes e na saúde mental das pessoas que por ela passam.

Mudanças de atitudes

Há estudos que mostram as imagens que os turistas têm dos países que visitam. É disso exemplo uma série de inquéritos representativos efectuados pelo "British Tourist Authority"

(BTA) sobre as atitudes de turistas que passavam férias na Grã-Bretanha. As respostas são diferentes consoante o país de origem. Os americanos referiam-se à cortesia do povo britânico e admiravam enormemente a paisagem (BTA, 1972a). Os turistas canadenses estavam impressionados pelas associações culturais e históricas de Grã-Bretanha, enquanto que outros teceram comentários favoráveis relativamente à cortesia e à paisagem (BTA, 1982b). Os estudos de turistas europeus nesse país mostraram um amplo leque de motivações para viajar, mas muitos turistas admiravam cidades e museus e manifestavam-se sobretudo neutros em relação aos britânicos e aos seus modos de vida (BTA, 1972c). Nem de todos os inquéritos transparecia uma imagem atractiva após as férias passadas na Grã-Bretanha. Assim, vinte e cinco por cento dos turistas brasileiros eram incapazes de referir algo particularmente atractivo acerca da sua visita (BTA, 1973).

Relativamente a Portugal a DGT (1988) recolheu dados acerca da opinião dos turistas que nos visitaram, no ano de 1988. Estes dados dizem respeito às respostas a uma questão aberta de um questionário, que foram classificadas, separando-se em primeiro lugar, as opiniões favoráveis e desfavoráveis, e depois os principais motivos de agrado e desagrado. Esta análise pode ser feita através do quadro 9.

ASPECTOS	Opiniões favoráveis (%)	Opiniões desfavoráveis (%)
Clima/natureza/mar	30,3	0,4
Povo/acolhimento	22,3	0,2
Gastronomia	10,2	0,2
Preços do comércio	8,3	0,0
Qualidade dos serviços hoteleiros ..	5,8	0,0
Monumentos	5,1	0,1
Preços hoteleiros	3,4	0,1
Desenvolvimento socio-económico.	0,0	0,5
Estradas/sinalização	0,0	0,6
Transportes internos	0,0	1,2
Infra-estruturas turísticas	0,0	3,1
Cultura do povo	0,0	4,3
Outros	0,0	3,9

Fonte: DGT, 1988 b.

Quadro 9 - Opiniões dos turistas em relação a Portugal

Verifica-se que os três aspectos que reúnem as opiniões mais favoráveis dizem respeito ao "clima/natureza/mar" (30,3%), "povo/acolhimento" (22,3%) e "gastronomia" (10,2%). Por seu lado, o aspecto que reúne maior número de opiniões desfavoráveis diz respeito à "cultura do povo", com uma percentagem de 4,3%. No total evidencia-se o facto de que as opiniões favoráveis acerca do país visitado sobrepõem-se grandemente às opiniões desfavoráveis podendo-se falar numa opinião positiva dos turistas em relação a Portugal.

Se este tipo de estudos nos permite delinear as imagens que os turistas têm dos países visitados, não nos permitem compreender como é que essas imagens se alteram. Para tal também se efectuaram estudos com métodos de medida mais sistemáticos em que se comparam as atitudes dos turistas antes da viagem e depois da viagem.

Um exemplo deste tipo de estudos foi efectuado por Smith (1955, 1957) que estudou através de um inquérito por correspondência os efeitos de contactos interculturais sobre jovens americanos que visitaram a Europa nas férias de Verão. O questionário foi administrado antes e depois da viagem e era composto por escalas de etnocentrismo, fascismo e conservantismo. Smith concluiu que as atitudes enraizadas eram pouco afectadas pela viagem. Todavia também notou que a viagem pode ter um efeito "adormecedor", pois quatro anos e meio depois muitos dos sujeitos da amostra eram menos etnocêntricos e autoritários. É todavia difícil interpretar esses dados, pois, por um lado não se pode distinguir entre os efeitos da viagem e a mudança ocorrida na sociedade americana no mesmo período e, por outro lado, esses sujeitos poderiam ter tido entretanto outras experiências de viagem e de contactos interculturais.

Pearce (1977a) avaliou as atitudes dos turistas em relação ao país visitado. Este estudo foi efectuado com turistas britânicos jovens que visitaram a Grécia ou Marrocos durante um período de 2-3 semanas. As atitudes dos turistas em relação à população local foram testadas através da comparação das respostas dadas uma semana antes da partida para férias e uma semana depois do regresso à Grã-Bretanha. Muito embora os resultados sejam um pouco diferentes para os turistas que foram para a Grécia e para os que foram para Marrocos, registou-se um certo número de mudanças em ambos os grupos de turistas o que não aconteceu num grupo de controle de jovens que não viajaram. Relativamente aos turistas que foram para a Grécia, os resultados mostraram que eles perceberam os gregos como menos suaves, mais religiosos e menos ricos que antes das férias. Verificou-se também que os turistas modificaram uma das suas crenças acerca do seu país, vendo as pessoas britânicas como mais ricas do que antes das férias.

As respostas dos turistas que visitaram Marrocos são um pouco diferentes após as férias. Os marroquinos foram avaliados de modo menos favorável pelos turistas no resultado global. As crenças que mudaram entre os dois períodos foram que os marroquinos eram menos pobres, mais conservadores, mais faladores, mais músicos, mais tensos, mais mercenários e avarentos do que tinham imaginado. Os turistas que foram para Marrocos mudaram igualmente algumas das suas percepções das pessoas britânicas depois de viajar que foram percebidas como sendo menos tensos e mais ricos. Pearce refere as noções de novos padrões de referência e de comparação social como estando na base destas mudanças. Um outro aspecto posto em evidência por este estudo é que a confiança dos turistas nas suas perspectivas acerca dos gregos e dos marroquinos aumentara.

Em suma, a investigação referida relativamente ao impacto do contexto intercultural nos turistas mostra que estes podem modificar a sua representação da população local e reavaliar determinados aspectos do seu país.

Choque cultural

Muito embora o turismo seja encarado em qualquer parte do mundo como relaxante e agradável, há uma certa evidência de que os turistas podem experimentar um certo grau de stress. Confusão, raiva, desgosto, aborrecimento e doença podem fazer parte da experiência do turista (Furnham, 1984). Prokop (1970) encontra uma elevada incidência de alcoolismo,

depressão e perturbações psiquiátricas menores num grupo de turistas alemães que visitavam Innsbruck. Cort e King (1979) num estudo efectuado com turistas americanos na África encontraram que as pessoas com mais elevada intolerância à ambiguidade experienciavam maior stress. Um estudo de Pearce (1981) avaliou a tonalidade dos humores e sintomas de saúde de grupos de turistas em duas ilhas tropicais australianas. Essas pessoas nas duas ilhas referiram ter tido mais problemas de saúde nos três primeiros dias da sua visita que antes ou depois. Para além disso, os turistas experienciavam humores mais negativos no começo das suas férias que no fim. Este estudo demonstra, entre outras coisas, que a mudança de meio pode ter consequências negativas.

O trabalho de Holmes e Rahe (1967) sobre "os acontecimentos relevantes da existência" também confirma que as viagens podem suscitar problemas. No escalonamento desses acontecimentos num continuum de 0 (nenhum stress) a 100 (stress máximo), as férias obtiveram um score de 15. Este score é comparável com acontecimentos tais como mudanças nas condições de trabalho, perturbações com os superiores e hipotecas. Os europeus experienciam mais stress do que os americanos quando viajam (Harmon, Masuda & Holmes, 1970).

Pode haver diversos factores que contribuam para o aparecimento de stress aquando do contacto com a população local. Uma das fontes de potencial stress reside na interacção social que se estabelece entre turista e população local. Sobressai aqui o problema linguístico. Se para certos turistas o facto de não poderem comunicar com a população local pode ser frustrante, para outros as dificuldades linguísticas podem estar na origem de stress sobretudo quando surge a doença, há modificação nos planos de viagem ou perda de bagagens e de dinheiro (Taft, 1977). Diferenças na comunicação não-verbal entre culturas também podem suscitar confusão no turista. Por exemplo, o americano que visita a Sardenha pode sentir-se embaraçado ao verificar que o gesto O.K. é interpretado como um símbolo de homossexualidade (Morris, 1978).

Se os turistas podem experienciar o choque cultural, não parecem todavia ser tão vulneráveis como outros tipos de pessoas que entram em contacto com outras culturas. Efectivamente nos turistas há uma tendência para estarem protegidos contra o choque cultural, revestido de proporções extremas, devido a um certo número de condições relativas às suas circunstâncias particulares (Furnham & Bochner, 1986). A brevidade da estadia pode contribuir para que o turista não experiencie os efeitos negativos do choque cultural. Refira-se igualmente que cada vez mais turistas recorrem a agências de viagens que planificam a estadia e a enquadram. Durante a estadia o turista pode encontrar apoio social no guia turístico caso opte por uma viagem organizada, nas pessoas amigas e conhecidas visitadas ou até em compatriotas que frequentem os locais visitados. Refira-se, enfim, que os turistas tendem mais a serem observadores do que participantes na nova cultura. Na medida em que se situam na periferia da cultura visitada tendem a ficar incólumes às satisfações e frustrações que a participação pode acarretar.

EFEITOS PSICO-SOCIAIS DOS CONTACTOS INTERCULTURAIS DA POPULAÇÃO LOCAL

Nem só os turistas poderão experienciar um choque

cultural ao visitar um outro país. As populações locais também podem experienciar o choque cultural em virtude dos hábitos dos turistas. Este choque pode depender de um certo número de factores como seja a proporção de turistas relativamente à população receptora, o tempo de estadia, o desenvolvimento económico das duas populações, bem como os respectivos preconceitos étnicos.

Pearce (1982a) passando em revista alguns dos poucos estudos existentes sobre o impacto socio-psicológico dos turistas nas populações locais, conclui que esse impacto é maior quando as comunidades receptoras são pequenas e isoladas. Por exemplo, estudos efectuados na Grã-Bretanha (English Tourist Board, 1978) e nos Estados Unidos (Rothman, 1978) deixam transparecer que a maior parte da população local tem atitudes positivas em relação aos turistas apesar de evocarem pequenas queixas tais como desordens, tráfico congestionado, inflação e ruído. A amizade pode ser o resultado de contactos entre turistas e a população receptora. Cohen (1971) refere que a amizade entre jovens árabes e turistas do sexo feminino pode contribuir para aumentar a auto-estima do sub-grupo árabe tradicionalmente marginalizado.

É de notar todavia que esse quadro globalmente positivo não se aplica à maior parte dos casos. Diversos estudos de comunidades pequenas mostram uma tendência para não gostarem de turistas. Por exemplo, um estudo efectuado na Catalunha (Pi-Sunyer, 1978) pôs em evidência estereótipos negativos de turistas ingleses, franceses, alemães, italianos, portugueses e americanos.

O fenómeno de predição criativa também pode ser observado, fazendo com que um grupo se auto-percepção do modo como os turistas os vêem. Parece ser o caso dos homens e das mulheres no Taiti em que as pessoas começaram a ver-se como os turistas os viam (Petit-Skinner, 1977). Os turistas são em parte atraídos ao Taiti pela auréola de beleza criada à volta das mulheres. No Taiti actual o sexo masculino foi relegado para um papel subserviente, e isto em contraste com os valores tradicionais em que o sexo masculino detinha o poder. Esta mudança de papéis sexuais tem a ver com a atracção que o sexo feminino exerce sobre os turistas.

Outras reacções psicológicas que se podem verificar nas populações visitadas em resultado do processo de observação a que são votadas por parte dos turistas são a perda da privacidade e o embaraço (Greenwood, 1978).

Também são evocadas na literatura mudanças na linguagem, impactos ambientais e alterações nos padrões de emprego. Por exemplo, o declínio do romanche, língua falada na parte este da Suíça coincidiu com o aumento do turismo (White, 1974). Os efeitos ambientais suscitados pela densidade de turistas e pela construção de infra-estruturas também podem ser ressentidas de modo negativo pelas populações locais (Cohen, 1978). O turismo também pode contribuir para modificar a estrutura de trabalho de uma comunidade e os respectivos papéis. Assim, por vezes, criam-se mais empregos novos para as mulheres do que para os homens (Petit-Skinner, 1977). Se estes trabalhos são mal pagos podem surgir frustrações na população receptora.

Para explicar o ressentimento da população local Bryden (1973) sugere o conceito da sua privação relativa em relação aos turistas e o de grupo de referência desempenhado pelas nacionalidades dos turistas na medida em que são percebidos como sendo relativamente ricos, isto em comparação com

as zonas visitadas.

CONCLUSÃO

Ao longo deste artigo realçaram-se algumas das contribuições da Psicologia Social para a compreensão do fenómeno turístico, evidenciando-se sobretudo, o comportamento do turista. Este adquire particular importância quando está em jogo o estudo do comportamento humano na interacção com os outros nos mais diversos contextos e situações.

O turista deve ser concebido, tal como foi salientado neste artigo, não como um simples receptor de um conjunto de estruturas e infraestruturas a que pode ou não aderir, mas como um elemento activo no processo turístico, cujas experiências vividas influenciam de algum modo a sua forma de ser e estar no mundo, bem como a dos outros com quem entra em contacto enquanto turista. Assim, a compreensão do turista à luz da Psicologia Social, passa por um estudo dos papéis sociais, uma análise das motivações subjacentes às actividades turísticas, e também necessariamente pelo conhecimento dos efeitos psicossociais que advêm dos contactos interculturais, inserindo-se aqui o estudo das atitudes e do choque cultural. Mas, enquanto processo interactivo, a actividade turística também engloba os efeitos psico-sociais dos contactos interculturais na população local, estando em causa todas as modificações sociais causadas pela presença de turistas.

O estudo destes elementos torna-se tanto mais importante se pensarmos que hoje se promovem espaços culturais sem fronteiras, incentivando-se os cidadãos à mobilidade entre as culturas. Cada vez mais se opera o confronto com outras ideias, outras culturas, outros estilos de vida, levando as pessoas a reagir e a agir na sua própria cultura. Portugal não se encontra à margem de toda esta dinâmica. Pelo contrário, revela-se um país em que também o fenómeno turístico tem o seu peso. Por isso deve ser alvo de estudo por parte dos investigadores e, neste caso concreto, dos psicólogos sociais, no sentido de rentabilizar os efeitos do turismo no país e contribuir para a compreensão do comportamento humano enquanto resultado da interacção entre indivíduos, grupos, contextos, nomeadamente interculturais, tal como foi enfatizado neste artigo.

Em todo este estudo do turismo deve estar presente uma análise interdisciplinar, pretendendo-se aqui revelar o papel da Psicologia Social na compreensão global deste fenómeno. No entanto, muitos estudos devem ainda ser feitos pois, à escassez de estudos de investigação neste domínio, opõe-se uma rápida evolução social e cultural que exige um grande conhecimento de todas as questões relacionadas com o turismo e o turista.

REFERÊNCIAS

- Arbel, A. & Pizam, A. (1977). Some determinants of urban hotel location: the touristic inclinations. *Journal of Travel Research*, 15 (3), 18-22.
- Archer, B. & Owen, C. (1972). Towards a tourist regional multiplier. *Journal of Travel Research*, 11 (2), 9-13.
- Boissevain, J. (1979). Impact of tourism on a dependent island: Gozo, Malta. *Annals of Tourism Research*, 6, 76-90.

- British Tourism Authority (1972-80). *Research Newsletters*. London: British Tourist Authority.
- British Tourist Authority (1972 a). The Chicago Workshop: the limited state travel market. *Research Newsletter*, 7 (Winter).
- British Tourist Authority (1972 a). The Toronto workshop: the Canadian travel market. *Research Newsletter*, 7 (Winter).
- British Tourist Authority (1972 b). Attitudes to travel among affluent adult holiday - makers in Holland, Germany and France - 1972. *Research Newsletter*, 6 (Autumn).
- British Tourist Authority (1973). Travellers to the U. K. from Brazil and the Argentine - 1972. *Research Newsletter*, 10 (Autumn).
- Bryden, J. (1973). *Tourism and development: Case study of Commonwealth Caribbean*. Cambridge University Press.
- Canadian Government Travel Bureau (1972). *1970 Motivations to travel and vacations friends*. Ottawa: Canadian Government Travel Bureau.
- Cohen, E. (1971). Arab boys and tourist girls in a mixed Jewish-Arab Community. *International Journal of Comparative Sociology*, 12, 217-233.
- Cohen, E. (1974). Who is a tourist? A conceptual clarification. *The Sociological Review*, 22, 527-555.
- Cohen, E. (1978). The impact of tourism on the physical environment. *Annals of Tourism Research*, 2, 215-237.
- Cohen, E. (1979). Rethinking the sociology of tourism. *Annals of Tourism Research*, 6, 18-35.
- Corsi, T.E. & Harvey, M. E. (1979). *Escape Attempts*. Harmondsworth: Penguin.
- Cort, D., & King, M. (1979). Some correlates of culture shock among American tourists in Africa. *International Journal of Intercultural Relations*, 3, 211-225.
- Crompton, J. (1979). Motivations for pleasure vocation: *Annals of Tourism Research*, 6, 408-424.
- English Tourist Board (1978). Study of Londoner's attitudes to tourists. *Journal of Travel Research*, 17, 19.
- Finney, B. R. & Watson, K. A. (1977). *A new kind of sugar. Tourism in the Pacific Santa Cruz*. California: Center for South Pacific Studies.
- Fumham, A. (1984). Tourism and culture shock. *Annals of Tourism Research*, 11, 41-57.
- Fumham, A. & Bochner, S. (1986). *Culture shock: Psychological reactions to unfamiliar environments*. London: Methuen.
- Greenwood, D. (1978). Culture by the found: an anthropological perspective on tourism as cultural commoditization. In V. Smith, *Hosts and Guests*. Oxford: Blackwell.
- Harmon, D., Masada, M. & Holmes, T. (1970). The social readjustment rating scale: a cross-cultural study of Western Europeans and Americans. *Journal of Psychosomatic Research*, 14, 391-400.
- Hollier, R. & Subremon, A. (1990). *Le tourisme dans la Communauté Européenne*. Paris: PUF.
- Holmes, T., & Rahe, R. (1967). The social readjustment rating scale. *Journal of Psychosomatic Research*, 11, 213 - 218.
- Krippendorff, J. (1989). *Sociologia do turismo: Para uma nova compreensão do lazer e das viagens*. Rio de Janeiro: Editora Civilização Brasileira.
- Lanquar, R. (1985). *Sociologie du tourisme et des voyages*. Paris: PUF
- Machlis, G., & Burch, W. (1983). Relations between strangers: cycles of structure and meaning: in tourist systems, *Sociological Review*, 31, 666-692.
- Maisonneuve, J. (1973). *Introduction à la psychosociologie*. Paris: PUF.
- Mekean, P. F. (1978). Economic dualism and culturel involution in Bali. In V. Smith, *Hosts and Guests*. Oxford: Blackwell.
- Morris, D. (1978). *Man watching*. London: Jonathan Cape.
- Neto, F. (1986) *A migração portuguesa vivida e representada: Contribuição para o estudo dos projectos migratórios*. Porto:

- Secretaria de Estado das Comunidades Portuguesas, Centro de Estudos.
- Neto, F. (1990). *Contribuição da investigação em Psicologia para a compreensão do fenómeno migratório português: Lição de síntese*. Coimbra: Faculdade de Psicologia e Ciências da Educação.
- Neulinger, J. (1974). *The Psychology of Leisure*. Springfield, Illinois: Charles C. Thomas.
- Parker, S. (1975). The sociology of leisure: progress and problems. *British Journal of Sociology*, 16 (2), 91-101.
- Pearce, D. G. (1978). Form and function in french resorts. *Annals of Tourism Research*, 5, 142-56.
- Pearce, P. (1977). *The social and environmental perceptions of overseas tourists*. Unpublished D. Phil. dissertation, University of Oxford.
- Pearce, P. (1981). Environmental shock: a study of tourists' reactions to two tropical islands. *Journal of Applied Social Psychology*, 11, 268-280.
- Pearce, P. (1982 a). *The social psychology of tourist behaviour*. Oxford: Pergamon.
- Pearce, P. (1982 b). Tourists and their hosts: some social and psychological effects of inter-cultural contacts! In S. Bochner (ed.), *Culture in contact: Studies in cross-cultural interaction*. Oxford: Pergamon.
- Pearce, P., & Moscardo, G. (1985). Tourist theme parks: research practices and possibilities. *Australian Psychologist*, 20, 303, 312.
- Pereira Neto (1985). *Turismo e desenvolvimento num contexto de evolução e mudança*. Conferência proferida, em Faro, na Universidade do Algarve, no dia 22 de Fevereiro de 1985, na sessão formal de abertura do Curso de Extensão Universitário "O turismo como fenómeno socio-económico".
- Petit - Skinner, S. (1977). Tourism and acculturation in Tahiti. B. Farrell (Ed.), *The social and economic impact of tourism on Pacific communities*. Santa Cruz: University of California, center for South Pacific Studies.
- Pi - Sunyer, O. (1978). Through native eyes: tourists and tourism in a Catalan maritime community. V. Smith (Ed.), *Host and Guests*. Oxford: Blackwell.
- Pimlott, J. (1947). *The Englishman's Holiday*. London: Faber & Faber.
- Prokop, H. (1970). Psychiatric illness of foreigners vacationing in Innsbruck. *Neurochirurgie and psychiatrie*, 363-368.
- Rocha-Trindade, M. B. (1981). Introdução, Estudos sobre a emigração portuguesa. *Revista de História Económica e Social*, 1 - 2, 1 -3.
- Rothman, R. (1978). Residents and transients: Community reactions to reasonel visitors. *Journal of Travel Research*, 16, 8 - 13.
- Secretaria de Estado do Turismo. Direcção - Geral do turismo. Divisão de Inquéritos e Estatística (1988 a). *O Turismo em 1988. Portugal continente e regiões autónomas*. Direcção-Geral do Turismo.
- Secretaria de Estado do Turismo. Direcção - Geral do turismo. Divisão de Inquéritos e Estatística (1988 b). *O Turismo estrangeiro em Portugal*. Direcção-Geral do Turismo.
- Smith, S (1989). *Tourism analysis. A Handbook*. Longman Scientific & Technical.
- Smith, H. (1955). Do intercultural experiences affect attitudes? *Journal of Abnormal and Social Psychology*, 51, 469-477.
- Smith, H. (1957). The effects of intercultural experience: a follow-up

investigation. *Journal of Abnormal and Social Psychology*, 54, 266 - 269.

- Smith, V. L. (1978 b). Eskimo tourism: micro - models and marginal men. In V. Smith (ed.), *Hosts and Guests*. Oxford: Blackwell.
- Taft, R. (1977). Coping with unfamiliar cultures. In N. Warren (Ed.), *Studies in cross-cultural psychology*, vol. I. London: Academic Press.
- Waters, S. R. (1980). *The big picture: Travel '80 - '81, World Trends and Markets*. New York: ASTA Travel News.
- White, P. (1974). *The social impact of tourism on host communities: A study of language change in Switzerland*. University of Oxford: School of Geography, Research pages nº 9.

ABSTRACT

THE CONTRIBUTIONS OF SOCIAL PSYCHOLOGY TO THE UNDERSTANDING OF THE TOURISM PHENOMENON

Some of the contributions of Social Psychology to the understanding of the tourism phenomenon are introduced, mainly in the portuguese society.

First, the importance of tourism in the portuguese society is analysed, by evaluating its position in the European and World context. Second, tourism phenom is analysed from the perspective of some of the social sciences, including Social Psychology. The authors present some aspects of this discipline concerning tourist social behavior: travellers social roles; tourist behavior motivation; psycho-social effects of intercultural contacts in tourists and psycho-social effects of intercultural contacts in hosts.

The authors conclude by stating the importance of studying tourist fenomenon in a society where intercultural mobility is promoted, through the tourism.

RÉSUMÉ

CONTRIBUTIONS DE LA PSYCHOLOGIE SOCIALE POUR L'ÉTUDE DU PHÉNOMÈNE TOURISTIQUE

Avec cet article on illustre quelques contributions de la Psychologie Sociale à la compréhension du phénomène touristique, surtout en ce qui concerne la société portugaise.

D'abord nous analysons l'importance du tourisme dans cette société, en évaluant sa position comme pays d'accueil dans le contexte de l'Europe et du Monde. Le phénomène touristique est depuis analysé selon plusieurs sciences sociales, soulignant surtout la contribution de la Psychologie Sociale. On montre quelques aspects de cette discipline relatifs au comportement social du touriste: rôles sociaux des voyageurs; des motivations du comportement touristique; des effets psycho-sociaux des contacts interculturels dans les touristes et effets psycho-sociaux des contacts interculturels dans la population locale.

En conclusion on met en relief l'importance de l'étude du phénomène touristique dans les sociétés actuelles où se developpe de plus en plus, et à travers du tourisme, la mobilité interculturelle parmi les personnes.

PADRÕES DE VINCULAÇÃO AFECTIVA E NÍVEIS DE DESENVOLVIMENTO DO AUTO-CONHECIMENTO EM TOXICODEPENDENTES E NÃO-TOXICODEPENDENTES(*)

MANUEL GEADA (**)

UNIVERSIDADE DE LISBOA

São apresentados os resultados de um estudo com dois grupos, em que os padrões de vinculação afectiva às figuras parentais e os níveis de desenvolvimento do auto-conhecimento, são relacionados com comportamentos sociais desviantes (toxicoddependência). Não foram encontradas diferenças entre os dois grupos, nos níveis de desenvolvimento do auto-conhecimento, nem estes aparecem associados aos padrões de vinculação afectiva. No entanto encontraram-se diferenças altamente significativas, entre os dois grupos, a favor do grupo de controle, nos padrões de vinculação afectiva às figuras parentais e aos amigos. As conclusões apontam para a necessidade de clarificação dos factores que podem enviesar as avaliações do auto-conhecimento em populações clínicas e ao mesmo tempo sugerem a influência da vinculação afectiva no ajustamento cognitivo-emocional e na adaptação social.

INTRODUÇÃO

Nas modernas sociedades urbanas, as experiências iniciais de contacto com drogas ilícitas ocorrem geralmente na adolescência, período de transição complexo entre a infância e a idade adulta que alguns autores descrevem como de crise de desenvolvimento psico-social ou crise de identidade (Erikson, 1968), no qual o adolescente procura activamente conhecer e compreender a realidade externa e interna.

A crescente capacidade de conceptualizar em termos abstractos com o recurso às operações formais (Piaget, 1967) permite ao adolescente não só aceder a uma teorização mais sofisticada sobre o mundo exterior, como torna possível uma formulação mais complexa do conceito de si próprio, dada a possibilidade de distanciar-se do concreto, de reflectir, de conhecer que pode conhecer, ou seja, *de pensar o próprio pensamento* (Reda, 1986).

Esta crescente complexificação no conhecimento do próprio *eu* está pouco esclarecida, mas há razões para supor que

se trata de um processo epistemológico e dialéctico, em que a realidade interna do sujeito e as suas estruturas é construída e transformada através de um diálogo afectivo com a realidade dos outros sujeitos e do mundo real externo (Bowlby, 1973; Leal, 1974, 1981; Guidano e Liotti, 1980). Esta construção e transformação possibilitam a evolução do pensamento analógico ao pensamento simbólico, e de um *nível tácito* de conhecimento do *eu* a um *nível explícito* desse conhecimento (Reda, 1986; Guidano, 1987).

Na fase de transição de criança a adulto, a exigência do abandono de esquemas cognitivos pre-existentes em favor de novas modalidades de pensamento, e a confusão sócio-afectiva da crise de identidade, tornam premente a *redefinição* do anterior padrão infantil de relação *filhos-pais*, sendo típico o afastamento afectivo do adolescente do núcleo familiar (em busca de novas experiências relacionais alternativas) e o seu frequente comportamento de oposição aos pais (Reda, 1986).

A cultura de desafio do mundo social adulto, própria dos adolescentes, resulta provavelmente dessa nova definição das relações pais-filhos e expressa portanto a necessidade que o jovem tem de se distanciar dos adultos para melhor conhecer, quer o mundo externo que o circunda, quer o seu próprio mundo interno.

No adolescente esta busca contínua de nova informação e novas experiências, aliada ao uso do pensamento formal abstracto a que acedeu, condu-lo a uma espécie de *vertigem da realidade* de que falam Berger e Luckman (1966), pois a informação obtida não cabe mais no paradigma do seu mundo de infância, vendo-se o jovem em risco de perder o sentido de unicidade, próprio da identidade e afectividade pessoais, herdada desse período infantil (Reda, 1986).

O resultado desta intensa actividade de experimentar e de se experimentar leva-o à ruptura crítica com a mundividência do passado, ou seja a uma *revolução pessoal* (Mahoney, 1980), do seu próprio paradigma conceptual.

(*) Versão modificada do Poster apresentado no First European Congress of Psychology de 2 a 7 de Julho de 1989 em Amsterdão, Holanda, tendo como co-autor Óscar F. Gonçalves (Univ. do Porto).

(**) Assistente da Faculdade de Psicologia e de Ciências da Educação da Universidade de Lisboa.

A correspondência para este artigo deve ser enviada para: Manuel C. Geada, Faculdade de Psicologia e de Ciências da Educação da Universidade de Lisboa, Cidade Universitária, 1600 LISBOA. Desejamos agradecer ao Prof. Doutor Óscar Gonçalves, da Universidade do Minho as sugestões feitas numa versão anterior deste artigo, e à Profª Doutora Maria Rita Mendes Leal, da Universidade de Lisboa, a sua atenta leitura final que tornou possível melhorá-lo substancialmente.

NÍVEIS DE DESENVOLVIMENTO DO AUTO-CONHECIMENTO

A redefinição total que o sujeito faz das suas conjecturas e teorias sobre a realidade externa e interna passa provavelmente pela redefinição do que o sujeito é para si próprio, ou seja de como se estrutura o seu *nível de auto-conhecimento*. De acordo com Weinstein & Alschuler (1985) este auto-conhecimento é suposto evoluir por quatro estádios ou níveis: (1) *elementar* (2) *situacional*, (3) *configuracional* e (4) *transformacional*.

No *nível elementar*, o sujeito é apenas capaz de transmitir as suas experiências sob a forma de uma descrição simples, linear e fragmentada, pobre de representações afectivas, sem conexão causal entre os factos relatados e sem classificação e interpretação de conteúdos implícitos. No *nível situacional* o sujeito já introduz na descrição das suas vivências uma perspectiva contextual susceptível de tornar mais complexa e coerente a realidade dinâmica das suas experiências relacionais em termos cognitivos e afectivos. No *nível configuracional* o sujeito identifica padrões de funcionamento conceptual, mas é, no entanto, incapaz de tematizar a sua flexibilização e transformação.

Finalmente, no *nível transformacional*, o sujeito para além de processar e elaborar internamente as suas experiências pessoais, identifica as configurações do seu funcionamento e está capaz de formular e implementar estratégias de alteração dos seus padrões estruturais de funcionamento (cf. Gonçalves, 1986).

De facto se a concepção que o sujeito tem de si próprio está directamente dependente da visão que ele tem da realidade externa, como pensam Guidano e Liotti (1985), então poderia supôr-se que seria um nível de auto-conhecimento provavelmente menos evoluído, ou em reestruturação no decurso da transição contínua de uma fase a outra, que explicaria a vulnerabilidade dos adolescentes ao fascínio dos consumos tóxicos ilícitos e a sua posterior dependência física e psicológica, deles.

PADRÕES DE VINCULAÇÃO AFECTIVA E TOXICODEPENDÊNCIA

No entanto, uma das questões intrigantes consiste na constatação empírica de que embora praticamente todos os adolescentes tenham, nas sociedades urbanas, acesso mais ou menos directo aos circuitos de consumo de tóxicos — e grande número deles os experimenta — a verdade é que nem todos os adolescentes se iniciam neles, e nem todos os que se iniciam, adquirem o hábito e se tornam dependentes.

Uma hipótese possível seria a da existência de padrões diferenciais de *vinculação afectiva* às figuras parentais, nos toxicoddependentes, padrões esses que se reflectiriam também nos níveis de desenvolvimento do auto-conhecimento atingidos pelos sujeitos, e consequentemente na sua capacidade cognitivo-emocional de adaptação e de ajustamento pessoal.

De facto, vários estudos têm sugerido que a toxicoddependência está relacionada com um relacionamento afectivo deficiente pais-criança (e. g., Kandel, Single & Kessler, 1976), e por outro lado que o crescente uso de tóxicos pelos adolescentes e jovens adultos parece associado à neces-

sidade que estes têm de se evadirem dos seus conflitos familiares (e. g., Harbin & Maziar, 1975).

Basicamente, a teoria da vinculação afectiva proposta por Bowlby (1969, 1973) e por Ainsworth (1982) define essa vinculação como uma tendência dos seres humanos a criarem precocemente laços afectivos fortes com as figuras parentais e a sofrerem perturbações cognitivo-emocionais graves e mais ou menos duradouras em caso de perda ou separação forçada dessas figuras vinculativas.

Para Bowlby e Ainsworth as relações de vinculação influenciam decisivamente o modo como a criança vê o seu meio. A criança que não teme o abandono das figuras de vinculação, vê o mundo de forma não ameaçadora e por isso pode ter uma interacção mais ajustada. No entanto, quando tal receio prevalece, qualquer actividade interactiva da criança torna-se fonte potencial de ansiedade e de perturbação emocional, dificultando decisivamente todo o processo de desenvolvimento psicológico.

A primeira e principal figura de vinculação é a mãe (ou a pessoa que a substitui), mas progressivamente outras figuras vão tendo lugar e importância na rede afectiva da criança e do jovem, como sejam por exemplo o pai ou os companheiros.

De facto, a teoria da vinculação afectiva inicialmente proposta para compreender o desenvolvimento cognitivo-emocional em fases precoces da infância, tem sido progressivamente estendida a fases posteriores do ciclo de vida, nomeadamente, adolescência e vida adulta (Armsden & Greenberg, 1987; Kenny, 1987a; Greenberg, Siegel & Leitch, 1983; Weiss, 1982).

Kenny (1987a) aplicou o modelo de Ainsworth (1982) ao jovem adulto defendendo que a qualidade da vinculação às figuras parentais permanece importante no processo de separação e autonomização característico desta fase, na medida em que ela favorece o conhecimento progressivo do mundo físico e social pelo jovem adulto e promove o seu desenvolvimento pessoal.

A vinculação afectiva nestas fases caracteriza-se por um lado por sentimentos de *segurança* e *confiança* nas situações de interacção com o meio ambiente, e por outro lado, — se essa vinculação foi deficiente — pelo aparecimento de sentimentos de *ansiedade* ou medo, em caso de abandono, perda, separação forçada ou inacessibilidade das figuras vinculativas.

Consequentemente, a vinculação pode ser *segura* ou *insegura*, e a *ansiedade de separação* maior ou menor consoante o tipo de experiências vividas e a forma como se reagiu a elas. No entanto, as características de personalidade, e a capacidade de aprender e de se adaptar às situações ambientais e sociais, parecem ser consequência da qualidade da *vinculação afectiva* proporcionada pelas figuras importantes para o jovem — a mãe, o pai e os amigos.

Greenberg, Siegel & Leitch (1983) e Armsden and Greenberg (1987) procuraram operacionalizar estes padrões de vinculação afectiva às figuras parentais e aos amigos, por meio de um questionário que procura captar as (1) experiências *positivas* (cognitivo-afectivas) de confiança na acessibilidade e responsividade das figuras vinculativas, e as (2) experiências *negativas* (cognitivo-afectivas) de fúria ou desânimo resultantes de uma relação com figuras inconsistentes, inacessíveis ou indisponíveis. O objectivo era permitir determinar o papel da *vinculação segura* no ajustamento psicológico e social em jovens adultos, expresso por comportamentos e sentimentos de

apoio, confiança, segurança, e ressonância comunicativa nas suas relações com os pais e amigos.

HIPÓTESES DE ESTUDO

Neste sentido hipotetizámos que (1) jovens adultos toxicodependentes, contrariamente a jovens adultos socialmente adaptados, teriam deficientes padrões de vinculação afectiva às figuras parentais e aos amigos, assim como (2) níveis inferiores de auto-conhecimento (elementar e situacional), em relação aos jovens não toxicodependentes. Hipotetizámos também que (3) os níveis de desenvolvimento do auto-conhecimento estariam associados com os padrões de vinculação afectiva às figuras parentais e aos amigos.

MÉTODOS

Sujeitos

Participaram no estudo 60 sujeitos, de ambos os sexos, constituindo dois grupos: um grupo clínico formado por toxicodependentes recrutados em centros de recuperação de toxicodependência da região de Lisboa (N=30), e um grupo de controle composto por estudantes da Universidade de Lisboa (N=30).

A média das idades era de 26.5 no grupo clínico e 23.3 no grupo de controle, sendo o nível de escolaridade de 9.2 e 14 respectivamente, no grupo clínico e no grupo de controle.

O estatuto sócio-económico dos sujeitos foi avaliado através da profissão dos pais, e categorizado em dois níveis (1) *alto/médio* e (2) *baixo*. Verificou-se que no grupo clínico 50% dos sujeitos pertenciam ao nível alto/médio e 50% ao nível baixo, enquanto que no grupo de controle 24% pertenciam ao nível alto/médio e 76% ao nível baixo.

Instrumentos e procedimento

Entrevista para avaliação do nível de auto-conhecimento - Foi solicitado a todos os sujeitos que escolhessem e narrassem "uma experiência inesquecível" pessoal, a qual foi em seguida discutida durante uma sessão de 45-60' com um psicólogo graduado, de acordo com uma entrevista-padrão proposta por Weinstein e Alschuler (1985) e adaptada por Gonçalves (1989).

Todas as entrevistas foram audiogravadas, sendo posteriormente classificadas por três juizes (psicólogos) segundo a grelha classificativa ERT de Weinstein e Sweitzer adaptada por Gonçalves (1989) para avaliação do nível máximo de auto-conhecimento atingido: 1-elementar, 2-situacional, 3-configuracional e 4-transformacional. Os sujeitos para os quais não houve concordância na classificação dos juizes foram retirados da amostra.

As narrativas pessoais foram posteriormente classificadas tematicamente em duas categorias: (1) experiências *positivas* (sucessos, ou outras experiências pessoais ou socialmente gratificantes) e (2) experiências *negativas* (fracassos, perdas, separações e abandonos).

Questionário de Vinculação Afectiva aos Pais e Amigos: Todos os sujeitos, antes ou depois da entrevista, contraba-

lançadamente, responderam ao Questionário IPPA — The Inventory of Parent and Peer Attachment (Armsdem & Greenberg, 1987) composto por 75 itens abrangendo diversos comportamentos de vinculação afectiva às figuras parentais e aos amigos.

O questionário IPPA avalia a vinculação afectiva à figura materna, paterna e aos amigos em três factores, definidos após análise factorial efectuada pelos autores da escala (Armsdem & Greenberg, 1987) e identificados como: *confiança*, *comunicação* e *alienação* ou isolamento. Os valores obtidos por cada sujeito nestes 3 factores constituem, portanto, em conjunto o seu padrão específico de vinculação afectiva.

Adicionalmente, os sujeitos de ambos os grupos preencheram um instrumento de medição do consumo de drogas ilícitas — *Escala de Intensidade de Consumo de Drogas Ilícitas* (Geada, 1989) para avaliação do seu grau de envolvimento no consumo de produtos tóxicos ilícitos.

RESULTADOS

Padrões de vinculação afectiva aos pais e amigos

A estatística descritiva dos dados do Questionário IPPA apresentou os seguintes resultados em relação aos dois grupos (Quadro 1 e 2):

Factores	Mãe		Pai		Amigos	
	M	DP	M	DP	M	DP
Confiança	33.92	7.07	29.74	8.66	36.48	6.45
Comunicação	26.15	7.12	25.78	7.90	30.04	4.96
Alienação	18.81	3.82	20.70	4.66	21.63	3.97

Quadro 1 - Grupo Clínico (médias e desvios-padrão)

Factores	Mãe		Pai		Amigos	
	M	DP	M	DP	M	DP
Confiança	42.43	3.81	38.30	7.02	41.77	6.04
Comunicação	32.67	6.44	29.20	7.15	32.80	4.22
Alienação	12.33	3.82	14.60	5.59	16.33	3.21

Quadro 2 - Grupo de controle (médias e desvios-padrão)

O tratamento dos dados através da análise de variância univariada (ANOVA) tomando como variáveis independentes o grupo, o sexo, e o estatuto sócio-económico, mostrou um efeito principal do grupo com diferenças altamente significativas nos padrões de vinculação afectiva, a favor do grupo de

controle nos três factores do IPPA (Quadro 3), e com um efeito de interacção das três variáveis independentes no factor *comunicação* em relação à figura materna ($F=3.65$, $p=.05$).

Factores	Mãe		Pai		Amigos	
	F	P	F	P	F	P
Confiança	20.07	.0001	12.87	.001	4.32	.04
Comunicação	5.48	.02	2.78	.09ns	2.03	.15ns
Alienação	2.36	.00009	11.58	.001	19.22	.0001

Quadro 3 - Teste F entre os dois grupos nos três factores das sub-escalas de vinculação afectiva do IPPA.

Efectuados os contrastes dessa interacção verificou-se que o padrão de comunicação com a figura materna, dos sujeitos femininos, eram nos dois níveis sócio-económicos *baixo* e *médiolalto* diametralmente opostos nos dois grupos. Assim, enquanto que no grupo de toxicodependentes, os sujeitos do sexo feminino, do nível *baixo* tinham padrões mais elevados de comunicação com as mães do que os sujeitos femininos do nível *médiolalto*, (Scheffe test $p=.002$), no grupo de controle ocorria exactamente o contrário, sendo a diferença também significativa (Scheffe test $p=.03$).

Quando se consideraram em conjunto os três factores de vinculação afectiva verificou-se que em ambos os grupos o padrão mais elevado de vinculação era à *figura materna*, sendo à *figura paterna* e aos *amigos* menor e aproximadamente idêntica.

No entanto as diferenças destes padrões entre o grupo de toxicodependentes e o grupo de controle eram altamente significativas a favor do grupo de controle: *figura materna* ($F=23.12$, $p=.00007$), *figura paterna* ($F=10.71$, $p=.002$) e *amigos* ($F=9.85$, $p=.003$).

Níveis de desenvolvimento do auto-conhecimento

Contrariamente ao esperado, não foram encontradas diferenças entre o grupo de toxicodependentes (GT) e o grupo de controle (GC) quanto ao nível do auto-conhecimento atingido pelos sujeitos, sendo as frequências de cada nível aproximadamente idênticas nos dois grupos.

Assim os níveis mais frequentes, em ambos os grupos, são o nível *situacional* (9 no GT e 8 no GC) e *configuracional* (11 no GT e 10 no GC) que em conjunto correspondem respectivamente a 83% do total no grupo GT e 67% do total do GC.

Quanto às categorias temáticas não se observou igualmente qualquer diferença entre o GT e o GC. De facto, classificados os temas em (1) *positivos* e (2) *negativos*, a percentagem de "recordações inesquecíveis" envolvendo experiências negativas (perdas, abandonos, separações, fracassos etc.) foi de 81% no GT e de 75% no GC, enquanto as experiências positivas (sucessos, experiências familiares ou interpessoais gratificantes, etc.) foram apenas de 19% e 25% respectivamente para cada um dos grupos.

Por outro lado, comparadas as frequências dos níveis de *auto-conhecimento* com as das experiências *positivas* e *negativas*, nos dois grupos, verificou-se que enquanto os sujeitos dos níveis 1 e 2 (elementar e situacional), em ambos os grupos, tinham aproximadamente o mesmo número de experiências positivas e negativas, os sujeitos dos níveis 3 e 4 (configuracional e transformacional) apresentavam, nos dois grupos, de forma inesperada, um número significativamente maior de "recordações inesquecíveis" *negativas*. (Grupo de toxicodependentes $\chi^2=4.09$, $p<.04$; Grupo de controle $\chi^2=8.86$, $p<.002$).

DISCUSSÃO

Vinculação afectiva e níveis de auto-conhecimento

A hipótese de que os padrões de vinculação afectiva às figuras parentais e aos amigos estariam associados aos níveis de desenvolvimento do auto-conhecimento dos sujeitos (Hipótese 3), não se confirmou em qualquer dos grupos.

Observou-se, contudo (Hipót. 1), uma consistente diferença a favor do grupo de controle, nos padrões de vinculação afectiva dos sujeitos às figuras parentais e aos amigos, tal como avaliados pelo quest. IPPA (Armsdem & Greenberg, 1987).

Estas diferenças, estatisticamente significativas em 7 das 9 variáveis do questionário, revelam que o ajustamento pessoal e a adaptação social deste grupo (jovens universitários em cursos de ciências, e sem hábitos de consumo de drogas ilícitas) aparece associado a valores elevados de vinculação afectiva às figuras parentais, expressa em sentimentos de *segurança*, *apoio emocional*, *ressonância comunicativa*, *comportamentos de proximidade*, e *confiança* face às figuras vinculativas.

Estes dados devem no entanto ser relativizados tendo em conta as diferenças iniciais a nível de idades, escolaridade e estatuto sócio-económico dos dois grupos.

Níveis de auto-conhecimento e categorias temáticas das narrativas

A hipótese de que os jovens toxicodependentes teriam níveis de auto-conhecimento inferiores aos do grupo de controle também não se confirmou. De facto os grupos apresentaram (Hipótese 2) elevada semelhança nas frequências respectivas dos diversos níveis de auto-conhecimento, com um predomínio, em ambos, dos níveis *situacional* e *configuracional* correspondentes aos níveis intermédios postulados por Weinstein & Alschuler (1985).

Aliás, ao contrário do esperado, observou-se mesmo uma percentagem superior dos níveis 2 e 3 nos toxicodependentes (83%), em relação ao grupo de controle (67%). Isto pode talvez ser interpretado como um artefacto experimental, dado este grupo ser constituído por uma população muito habituada a analisar, no contexto psicoterapêutico, os seus pensamentos, afectos e comportamentos, assimilando automatizadamente esse tipo de discurso técnico, e podendo assim dar uma ideia inflacionada da sua real capacidade de *insight*.

Quanto aos temas das narrativas pessoais dos sujeitos verificou-se que, em ambos os grupos, os temas negativos (fracassos, rejeições, perdas e abandonos) aparecem narrados proporcionalmente em maior número pelos sujeitos de níveis de

desenvolvimento do auto-conhecimento 3 e 4 (*configuracional e transformacional*). Este resultado, também inesperado, sugere até certo ponto que as experiências negativas parecem absorver maiores recursos de *insight*, (mais acessíveis aos níveis superiores de auto-conhecimento) que as experiências positivas.

De facto, não deixa de ser estranho que os dois grupos, tendo um ajustamento pessoal e uma adaptação social tão notoriamente diferentes, tenham escolhido para narrar predominantemente experiências negativas. Isso pode ser devido apenas às expectativas do contexto experimental, face à presença de um psicólogo clínico supostamente especializado na resolução de dificuldades psicológicas. Contudo não é de excluir a possibilidade de as experiências negativas serem mais frequentemente marcantes, e mais inesquecíveis, para os indivíduos com maior nível de auto-conhecimento.

Em conclusão, os resultados do presente estudo parecem indicar que o maior ajustamento pessoal e a maior adaptação social do grupo de controle em relação ao grupo de toxicodependentes, podem ser devidos à capacidade diferencial desse grupo, em elaborar e integrar, não já as "recordações" — avaliadas pela entrevista de auto-conhecimento — mas as *próprias experiências negativas ocorridas no contexto real*. Sugere-se pois que seja esta maior capacidade cognitivo-emocional de *confronto* que finalmente esteja associada ao *padrão seguro de vinculação afectiva*, que o grupo de controle consistentemente evidencia, contrariamente ao grupo de toxicodependentes. Futuros estudos necessitam, no entanto, de explorar mais detalhadamente estas hipóteses.

REFERÊNCIAS

- Ainsworth, M. D. S. (1982). Attachment: Retrospect and Prospect. In C. M. Parkes and J. Stevenson-Hinde (Eds.), *The Place of Attachment in Human Behavior*. London: Tavistock Publications.
- Armsden, G. C. & Greenberg, M. T. (1987). The inventory of parent and peer attachment: Individual differences and their relationship in psychological well-being in adolescence. *Journal of Youth and Adolescence*, vol. 16, nº 5, 427-454.
- Berger, P. L. & Luckmann, T. (1966). *La realtà come costruzione sociale*. Bologna: UPM.
- Bowlby, J. (1969). *Attachment and loss*. Vol. 1. London: Tavistock Publications.
- Bowlby, J. (1973). *Attachment and loss*. Vol. 2 Separation. London: Tavistock Publications.
- Bowlby, J. (1977). The making and breaking of affectional bonds. *Brit. J. of Psychology*, 130, 201-210.
- Erikson, E. (1968). *Identity: Youth and crisis*. London: Faber.
- Geada, M. (1989). *Escala de consumo de tóxicos ilícitos*. Universidade de Lisboa: documento não publicado.
- Gonçalves, O. (1986). Consulta psicológica e desenvolvimento do auto-conhecimento: uma perspectiva cognitivo-construtivista. *Cadernos de Consulta Psicológica*, 2, 35-45.
- Gonçalves, O. (1989). *Guia para a entrevista de avaliação do auto-conhecimento*. Univ. do Porto: Manuscrito não publicado.
- Greenberg, M. T., Siegel, J. M. and Leitch, C. J. (1983). The nature and importance of attachment relationships to parents and peers during adolescence. *Journal of Youth and Adolescence*, 12 (5), 373-386.
- Guidano, V. F. (1987). *Complexity of the self: a developmental approach to psychopathology and therapy*. New York: The Guilford Press.

- Guidano, V. F. & Liotti, G. (1980). *Cognitive processes and emotional disorders: structural approach to psychotherapy*. New York: The Guilford Press.
- Kandel, D., Single, E. & Kessler, R. C. (1976). The Epidemiology of drug use among New York State high school students: distribution, trends, change rates of use. *American Journal of Psychiatry*, 66, 43-53.
- Kenny, M. E. (1971a). The extent and function among first year college students. *Jour. of Youth and Adolescence*, 16 (1), 17-29.
- Leal, M. R. (1974). *An inquire into socialization processes in the young child*. University of London: Doctoral Dissertation.
- Leal, M. R. (1981). *The interpersonal exchange and cognitive therapy*. Lisboa: Comunicação apresentada no First European Meeting of Cognitive-Behavior Therapies.
- Mahoney, M. (1980). *Psychotherapy process: current issues and futures directions*. New York: Plenum Press.
- Piaget, J. (1967). *La psychologie de l'intelligence*. Paris: A. Colin.
- Reda, M. A. (1986). *Sistemi cognitivi complessi e psicoterapia*. Roma: La Nuova Italia Scientifica.
- Weinstein, G. & Alschuler, A. (1985). Educating and counseling for self-knowledge development. *Journal of Counseling and Development*, 64, 19-25.
- Weiss, R. S. (1982). Attachment in adult life. In Parkes, C. M. & Stevenson-Hinde, J. (Ed.), *The Place of Attachment in Human Behavior*. London: Tavistock Publications.

ABSTRACT

ATTACHMENT PATTERNS AND LEVELS OF SELF-KNOWLEDGE DEVELOPMENT IN DRUG ADDICTS AND CONTROLS

The author presents the results of a study associating the attachment patterns with levels of self-knowledge development in two groups: young drug addicts and controls. Contrary to the expected no differences were found between the two groups in levels of self-knowledge development. However, the attachment patterns to parents and peers, show a highly significant difference towards the control group. The conclusions suggest the need to better clarify the factors that could bias the evaluation of levels of self-knowledge development in clinical populations and indicates the association found between safe attachment patterns variables and social adaptation.

RÉSUMÉ

DEGRÉ DE L'ATTACHEMENT AFFECTIF AUX FIGURES PARENTALES ET NIVEAUX DE DEVELOPPEMENT DE LA CONNAISSANCE DE SOI, DANS UN GROUPE DE TOXICOMANES ET UN GROUPE DE CONTROLE

L'auteur présente dans ce travail, les résultats d'une étude rapportant le degré d'attachement affectif aux figures parentales et les niveaux de développement de la connaissance de soi des sujets, d'un groupe de jeunes toxicomanes et d'un groupe de contrôle. On ne trouve pas de différences entre les deux groupes dans les niveaux de la connaissance de soi, mais on observe différences hautement significatives, en faveur du groupe de contrôle, dans le degré de l'attachement aux figures parentales et aux amis. Les conclusions adressent le problème de clarifier les facteurs que peut biaiser l'évaluation de la connaissance de soi dans les populations cliniques, en remarquant l'importance de l'attachement affectif au développement cognitivo-emotionnel et l'adaptation sociale.

RECORDAÇÕES DAS CARACTERÍSTICAS DAS MOEDAS PORTUGUESAS DE LONGA E CURTA CIRCULAÇÃO (*)

PEDRO BARBAS DE ALBUQUERQUE (**)

AMÂNCIO DA COSTA PINTO (***)

UNIVERSIDADE DO PORTO

Seria capaz de distinguir uma moeda verdadeira de outra falsa? Ao contrário do que se supõe, a memória para as características de moedas revela-se bastante imprecisa. Estudos efectuados por diversos investigadores (e.g. Nickerson & Adams, 1979; Rubin & Kontis, 1983) têm consistentemente verificado a pobreza de recordação das características das principais moedas em circulação. O estudo realizado teve por objectivo não só replicar dados anteriormente obtidos, mas também verificar se há ou não diferenças na recordação de moedas portuguesas de longa (2\$50) e curta (20\$00) circulação. Os resultados obtidos a partir de uma amostra de estudantes universitários revelaram a existência de um efeito de circulação no grau de retenção numa tarefa de reconhecimento proposicional, mas não numa tarefa de reconhecimento figurativo. Os resultados são discutidos em termos de modelos de representação proposicional e analógica.

INTRODUÇÃO

Seria capaz de distinguir uma moeda verdadeira de outra falsa? Ao contrário do que se supõe a memória para as características de moedas e notas em circulação revela-se bastante imprecisa. Estudos efectuados por diversos investigadores têm verificado de forma consistente a pobreza de recordação das características das principais moedas em circulação. Nickerson e Adams (1979) solicitaram a estudantes universitários que desenhassem de memória o verso de uma moeda americana de um centimo. Os sujeitos recordaram alguns aspectos gerais da moeda, mas trocaram vários pormenores. Usando as mesmas instruções, Rubin e Kontis (1983) incluíram, num outro estudo, mais três moedas americanas. De um modo geral os sujeitos referiram correctamente a maior parte das características gerais das moedas como o formato, a efígie do Presidente, uma expressão verbal e a data. Estas características porém eram imprecisas, tendo-se verificado às

vezes a troca de Presidente, o desenho da efígie na direcção errada, a inclusão de novas palavras e troca de posições.

A recordação das principais características não era geralmente acompanhada por uma memória precisa dos elementos referidos nas moedas. Apesar de tudo a informação memorizada era suficiente para que os sujeitos pudessem usar com eficácia as moedas no dia a dia. Esta informação geral faz supor que os sujeitos constroem um esquema ou representação mental daquilo a que uma moeda se assemelha, e depois usam-no no reconhecimento quotidiano. Resta saber se a natureza desta representação é de carácter proposicional ou antes de natureza espaço-visual e figurativa (e.g., Neisser, 1982; Rubin & Kontis, 1983).

Este estudo teve como principais objectivos determinar por um lado, o conhecimento mínimo que os sujeitos têm das características gerais das moedas Portuguesas através de provas de memória de evocação livre e de reconhecimento proposicional e, por outro, averiguar os efeitos da circulação no grau de retenção de moedas de longa (2\$50) e curta (20\$00) circulação numa prova de reconhecimento proposicional e reconhecimento figurativo. Neste caso pretendeu-se verificar se a memória para um tipo de material de uso corrente como são as moedas seria afectada ou não pelo número de exposições a que uma pessoa está sujeita. Partiu-se do pressuposto de que a moeda de 2\$50 seria mais facilmente reconhecida do que a moeda de 20\$00, porque a moeda de 2\$50 encontrava-se em circulação há mais de 25 anos, enquanto que a moeda de 20\$00 circulava há menos de 5 anos na altura da experiência.

Este pressuposto poderá no entanto revelar-se incorrecto, já que há dados experimentais de que a frequência de exposição não é um factor crucial no grau de retenção (e.g., Bekerian & Baddeley, 1980). Estes investigadores verificaram que sujeitos expostos massivamente a anúncios radiofónicos não revelaram um efeito notório na retenção deste tipo de informação. Poderá ainda acontecer que o tempo de circulação não tenha qualquer efeito, se se assumir que as pessoas adquirem

(*) Partes deste artigo foram apresentadas na Conferência Internacional "A Psicologia e os Psicólogos Hoje", Lisboa, Novembro de 1989.

(**) Assistente estagiário da Faculdade de Psicologia e de Ciências da Educação da Universidade do Porto. Responsável neste estudo pela preparação dos materiais, recolha e tratamento dos resultados.

(***) Professor associado da Faculdade de Psicologia e de Ciências da Educação da Universidade do Porto e membro da Linha de Acção Nº 2 do Centro de Psicologia da UP (INIC). Responsável pelo planeamento e redacção. A redacção final é da responsabilidade dos dois autores.

A correspondência para este artigo deve ser enviada para: Amâncio da Costa Pinto, Faculdade de Psicologia e de Ciências da Educação da Universidade do Porto, Rua das Taipas, 76 - 4000 PORTO.

informação suficiente sobre as características das moedas na altura da respectiva emissão, passando o tempo de circulação a ter um efeito secundário. Por último, poderá também prever-se que a retenção da moeda de 20\$00, apesar da sua circulação recente, seja superior à moeda de 2\$50 devido ao valor mais elevado que representa, no sentido de que uma resposta errada na sua identificação seria mais penalizante para a de 20\$00 do que para a de 2\$50 ou ainda devido a uma concepção gráfica de mais fácil representação.

Este estudo teve um carácter exploratório e foi realizado tendo em mente os objectivos acabados de formular.

MÉTODO

Sujeitos: A amostra foi constituída por 204 estudantes universitários de ambos os sexos, com idades compreendidas, na sua quase totalidade, entre os 18 e os 25 anos, sendo a média de 23 anos e 5 meses. Destes estudantes 86 eram do sexo masculino e 118 do sexo feminino. Todos os estudantes frequentavam diversas Faculdades da Universidade do Porto.

Material: Foi elaborada uma prova que incluiu quatro partes distintas. Uma das partes dizia respeito à identificação dos sujeitos e aparecia no final do questionário. As restantes partes incluíam questões sobre o conhecimento verbal ou figurativo das moedas Portuguesas.

As questões da primeira parte diziam respeito a características gerais das moedas Portuguesas. Assim os sujeitos foram solicitados a indicar quais as características comuns a todas as moedas Portuguesas, que são o escudo Português, valor da moeda, ano de cunhagem, a expressão República Portuguesa e forma redonda, além de questões relativas à cor e ao tamanho relativo das moedas (e.g. "Indique, na linha a seguir, a cor ou cores que apresentam as moedas Portuguesas?"; "Indique por ordem crescente de tamanho as moedas de 25\$00, 20\$00, 5\$00, 1\$00, 10\$00, 2\$50").

A segunda parte apresentava um conjunto de 16 proposições que os sujeitos deveriam indicar se eram verdadeiras ou falsas, referentes por um lado a características comuns a todas as moedas em circulação e por outro lado, específicas às moedas de 2\$50 e 20\$00. Era igualmente solicitada uma avaliação do grau de certeza com que os sujeitos afirmavam ser verdadeira ou falsa a proposição (e.g., "Todas as moedas têm num dos lados o desenho do Escudo Português"). O grau de certeza era avaliado numa escala de 3 pontos: "não tenho certeza; estou mais ou menos certo; tenho a certeza absoluta".

Na terceira parte foi apresentada uma sequência de quatro desenhos de cada uma das faces das moedas de 2\$50 e 20\$00, conforme pode ser observado na Figura 1. Cada sequência compreendia uma figura correcta e três figuras falsas altamente relacionadas. Os distractores foram construídos a partir da inclusão, retirada ou combinação de uma ou mais características que constituíam o desenho verdadeiro da moeda. A sequência de cada face era apresentada primeiramente em páginas isoladas e depois ambas as sequências numa página a fim de que os sujeitos pudessem comparar as suas respostas.

Planeamento: Além da recolha de informações percentuais sobre o grau de recordação das características das moedas Portuguesas, este estudo permitiu ainda a manipulação

de duas variáveis independentes: 1) O tempo de circulação das moedas com duas condições: Tempo de circulação longo (2\$50) e tempo de circulação curto (20\$00); 2) O tipo de reconhecimento: proposicional ou figurativo. O reconhecimento proposicional era apresentada sob a forma de uma proposição que o sujeito deveria indicar se era verdadeira ou falsa e em seguida referir qual o grau de certeza empregue nessa avaliação. O reconhecimento figurativo era avaliado a partir da selecção da figura correcta da face da moeda de entre outras três figuras incorrectas. A variável dependente era expressa pelo número de respostas correctas, além do grau de certeza manifestado no caso de reconhecimento figurativo.

Procedimento: A prova foi organizada em cadernos de 15 páginas, tendo cada página o formato A5 e distribuída a grupos de 10 - 15 sujeitos simultaneamente. No início da sessão indicou-se que o objectivo do estudo era averiguar a memória sobre material de uso diário, concretamente moedas. Foram prestados os esclarecimentos julgados necessários ao preenchimento correcto do questionário. O questionário foi administrado entre Maio de 1989 e Janeiro de 1990.

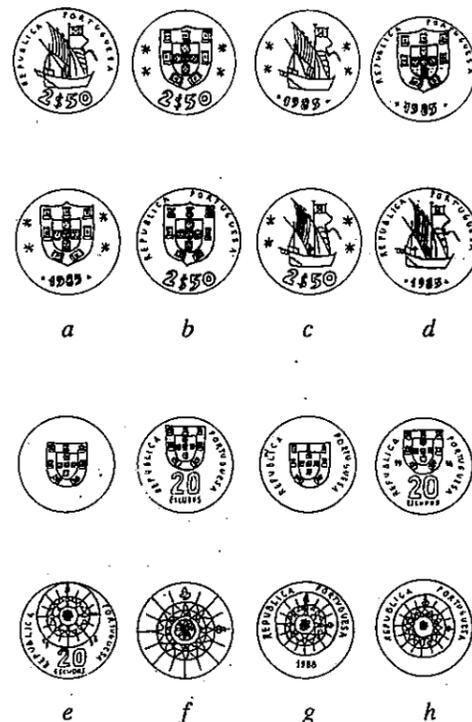


Figura 1 - Sequências das duas faces das moedas de 2\$50 e 20\$00 apresentadas na prova de reconhecimento. Em cada face há uma figura correcta e três falsas.

RESULTADOS

Características gerais: As três primeiras perguntas da prova indagaram sobre o conhecimento que os sujeitos tinham sobre as cores das moedas, a cor específica de cada moeda em circulação e a ordenação do tamanho das moedas. Os resultados revelaram um conhecimento quase perfeito destas características. Assim, 87% dos sujeitos conheciam a ordenação do

tamanho das 7 moedas em circulação na altura da prova. Praticamente todos (99,5%) conheciam as duas cores das moedas Portuguesas. E o conhecimento da cor específica de cada moeda foi também bastante elevado, 95%.

Relativamente à questão sobre quais as características comuns a todas as moedas Portuguesas os resultados encontram-se expressos no Quadro 1.

Resposta Certa (Características comuns)		Erro (Características não comuns)	
Característica	%	Característica	%
Escudo português	64	Caravela, Barco, Nau	8,2
Ano de cunhagem	38	Reis	5,2
República Portuguesa	33	Palavra "Portugal"	3,4
Valor monetário	30	Palavra "Escudos"	2,6
Forma (redondas)	5	Outras	5,1

Quadro 1: Percentagem de sujeitos que evocaram as características comuns e não comuns a todas as moedas Portuguesas.

Os resultados do Quadro 1 revelam que há uma característica comum a todas as moedas portuguesas, o *Escudo Português*, que é referida por 2/3 dos sujeitos. Cerca de 1/3 dos sujeitos é ainda capaz de indicar o *ano de cunhagem*, a expressão *República Portuguesa* e o *valor monetário*.

O Quadro 1 indica ainda as características que os sujeitos erradamente supunham ser comuns a todas as moedas, sendo de ressaltar as palavras da categoria *caravela*, que foram evocadas pelo maior número de sujeitos. As restantes características apresentam um grau de evocação bastante reduzido.

Procurou-se ainda comparar a memória dos sujeitos para as características comuns a todas as moedas a partir de uma prova de evocação livre com os resultados obtidos através de uma prova de reconhecimento proposicional. O Quadro 2 apresenta as percentagens de recordação das características comuns avaliadas a partir das provas de evocação e reconhecimento.

Características Comuns	Evocação Livre	Reconhecimento Proposicional
Ano de cunhagem	38	100
República Portuguesa	33	97
Valor monetário	30	100
Escudo Português	64	96

Quadro 2: Percentagens de respostas correctas das características comuns avaliadas pelos sujeitos a partir de questões formuladas sob a forma de evocação livre e de reconhecimento proposicional.

O Quadro 2 revela claramente que os resultados dos sujeitos na prova de reconhecimento proposicional se aproximam de um conhecimento quase perfeito para as características *Ano, República e Valor* (Média=98%) o que não acontece para as mesmas características na prova de evocação (Média=39%). No que se refere ao elemento *Escudo*, as diferenças entre evocação e reconhecimento são bastante mais atenuadas. As tradicionais vantagens do reconhecimento sobre a evocação foram aqui mais uma vez verificadas, sendo de ressaltar, no entanto, que a prova de reconhecimento usado foi proposicional e não figurativo.

Efeitos de circulação: Nesta secção procurou-se investigar, através de questões formuladas em termos proposicionais, qual o conhecimento dos sujeitos para as características de duas moedas em circulação (uma de longa circulação - 2\$50 - e outra de curta circulação - 20\$00). Os resultados obtidos à questão "A moeda de 2\$50 tem o escudo Português num dos lados", revelaram 90% de respostas certas; e à questão "A moeda de 20\$00 tem o escudo Português num dos lados", indicaram 72% de respostas certas.

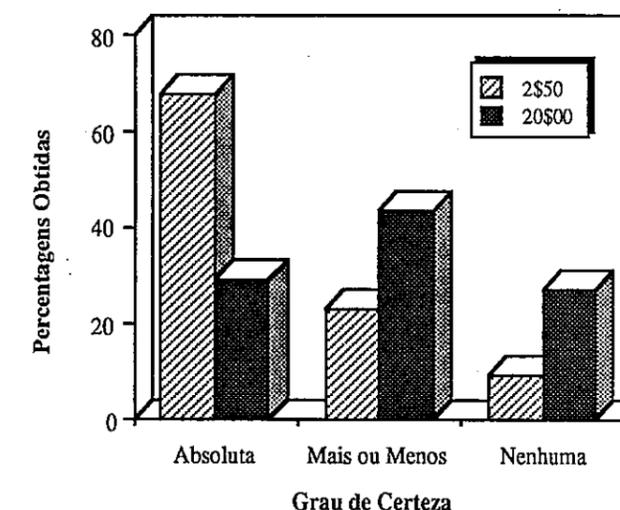


Figura 2: Percentagem de sujeitos que revelaram diferentes graus de certeza em relação às moedas de 2\$50 e 20\$00, quando lhes foi perguntado se tais moedas tinham ou não o *escudo* num dos lados.

A fim de se verificar se o número superior de respostas certas registado na moeda de 2\$50 diferia significativamente do valor observado para a de 20\$00 aplicou-se o teste do qui-quadrado. A análise estatística indicou um valor significativo, $\chi^2(1)=4,13$ $p<0.05$. Esta diferença significativa foi ainda acompanhada por um grau de certeza mais elevado para a moeda de 2\$50 em relação a de 20\$00. Os resultados das avaliações sobre o grau de certeza que os sujeitos exprimiram em relação ao facto das proposições serem verdadeiras ou falsas estão representados na Figura 2.

A Figura 2 revela que mais do dobro dos sujeitos têm certeza absoluta sobre a inclusão do *escudo* numa das faces da moeda de 2\$50 em relação à moeda de 20\$00. Por outro lado

o triplo dos sujeitos refere que não tem qualquer certeza sobre se o *escudo* faz parte ou não da moeda de 20\$00. O conjunto destes resultados confirma o efeito da frequência de circulação na memorização de certas características específicas das moedas de 2\$50 e 20\$00. Assim, o facto de uma moeda circular há mais tempo reflecte-se não só numa maior percentagem de proposições avaliadas correctamente, mas também num grau de certeza mais elevado.

Este estudo procurou ainda determinar qual o conhecimento específico dos sujeitos relativo às moedas de 2\$50 e 20\$00 através de uma prova de reconhecimento figurativo. Os resultados obtidos com as duas moedas estudadas nas condições verso e reverso, quer isolada quer conjuntamente, estão expostos no Quadro 3.

Os resultados indicaram que os sujeitos conseguiram reconhecer a face correcta, entre três distractores, com valores percentuais que oscilaram entre os 59 e 76%. Como o valor de reconhecimento pelo acaso é de 25%, os resultados não deixam qualquer dúvida quanto ao grau efectivo de reconhecimento pelos sujeitos. Se o grau de reconhecimento efectivo na ordem dos 60% é animador, refira-se no entanto que cerca de 1/3 dos estudantes universitários testados não foram capazes de indicar a figura correcta. Os valores expostos no Quadro 3 indicam ainda uma ligeira superioridade na percentagem de respostas correctas quer da moeda de 20\$00 relativamente à de 2\$50, quer da apresentação conjunta relativamente à apresentação isolada. Análises estatísticas efectuadas a partir do teste de qui-quadrado não revelaram quaisquer diferenças significativas. Poder-se-á argumentar que a ausência de diferenças no reconhecimento figurativo entre moedas de longa e curta circulação poderá ser o resultado de um artefacto da tarefa, na medida em que os distractores da moeda de 2\$50 são mais similares e logo mais difíceis de discriminar do que os distractores da moeda de 20\$00. No entanto, a moeda de 20\$00 inclui também distractores fortes a ponto de cerca de 20% dos sujeitos seleccionarem a figura errada num valor semelhante ao distractor mais forte da moeda de 2\$50. Em resumo, é bem possível que a prova de reconhecimento figurativo seja menos sensível que a prova de reconhecimento proposicional para detectar eventuais diferenças de retenção das moedas em função do tempo de circulação.

	2\$50		20\$00	
	Isolada	Conjunta	Isolada	Conjunta
a	18	14	0	0
b	<u>59</u>	<u>66</u>	23	22
c	3	2	9	2
d	20	18	<u>68</u>	<u>76</u>
e	6	8	8	5
f	26	18	<u>67</u>	<u>73</u>
g	4	4	22	18
h	<u>64</u>	<u>70</u>	3	4

Quadro 3: Percentagem de respostas dadas em cada uma das quatro figuras de moedas de 2\$50 e 20\$00 referente a verso (a, b, c, d) e reverso (e, f, g, h), quando apresentadas isolada ou conjuntamente, como na Figura 1. Os valores sublinhados referem-se à figura correcta a ser identificada.

CONCLUSÃO

Os resultados apresentados revelam alguns aspectos considerados importantes. O primeiro é de que os sujeitos revelaram um conhecimento bastante elevado das características das moedas Portuguesas, sobretudo as características que dizem respeito à cor e ao tamanho. Este é um tipo de informação geral que os sujeitos dispõem e que lhes permite distinguir sem grandes erros uma moeda das outras, particularmente em condições de visibilidade reduzida.

O conhecimento relativo às características comuns de todas as moedas, avaliado a partir de uma prova de evocação livre, revelou que 2/3 dos sujeitos indicaram o *Escudo Português* e 1/3 as características *valor, ano e República*. Embora estas características não sejam só por si suficientes para identificar correctamente uma moeda, podem apesar de tudo ter uma contribuição elevada quando consideradas numa prova de reconhecimento.

Os resultados deste estudo revelaram ainda um efeito de circulação das moedas de 2\$50 e 20\$00 no grau de retenção em relação à presença ou não da expressão "*Escudo Português*" num dos lados das moedas. O grau de retenção não só foi mais elevado, mas também foi acompanhado por um maior grau de certeza.

É curioso no entanto referir que 97% dos sujeitos consideraram correcta a afirmação de que "todas as moedas Portuguesas têm escrita a expressão *República Portuguesa*". No entanto os sujeitos parecem incapazes de generalizar esta informação geral sobre moedas Portuguesas relativamente às moedas específicas. Assim, quando a mesma afirmação é feita para as moedas de 2\$50 e 20\$00, a percentagem de sujeitos que afirma que a expressão *República Portuguesa* nelas está incluída baixa respectivamente para 90 e 72%. É possível que no caso das respostas à afirmação geral se tenha verificado um enviesamento normativo, ao considerar-se correcto um enunciado muito provável.

As diferenças significativas observadas entre as moedas de 2\$50 e 20\$00 na prova de reconhecimento proposicional não foram replicadas na prova de reconhecimento figurativo, onde a percentagem de respostas correctas para as duas moedas foi semelhante, verificando-se até a tendência para a moeda de 20\$00 ser melhor recordada. Estes resultados revelam que a prova de reconhecimento proposicional é mais sensível do que a prova de reconhecimento figurativo para detectar eventuais efeitos de frequência expositiva.

As diferenças nestas provas poderiam ser explicadas segundo o modelo computacional de representação de imagens de Kosslyn (1981, 1987). Segundo esta teoria existiriam na memória a longo prazo arquivos de imagens e arquivos de proposições, cuja informação seria usada para produzir a melhor representação mental de um objecto a partir de processos de coloração, transformação, decomposição, rotação, entre outros. No arquivo de imagens a informação estaria representada de modo contínuo num formato espacial; No arquivo de proposições a informação sobre o todo e respectivos elementos estaria relacionada entre si sob a forma de proposições. As informações dos dois arquivos estariam também na sua maior parte ligadas.

A reconstrução por exemplo da informação sobre a moeda de 20\$00 seria inicialmente feita a partir do arquivo de imagens produzindo-se um esboço analógico da moeda em termos de forma, cor e um ou outro elemento figurativo central

ou protótipo, como a rosa dos ventos ou o valor quantitativo. No caso de outras informações se revelarem necessárias para se efectuar uma discriminação, então recorrer-se-ia ao arquivo de proposições onde seriam captadas as relações entre elementos ou entre os elementos e as figuras. A ausência de diferenças entre as moedas de 2\$50 e 20\$00 no reconhecimento figurativo poderão ser devidas ao facto da prova fazer predominantemente apelo ao arquivo de imagens, arquivo este que armazenaria a informação necessária para o reconhecimento efectivo das moedas no dia a dia. Não sendo a informação no arquivo proposicional necessária para o reconhecimento quotidiano poderá revelar-se no entanto imprescindível quando for preciso recorrer a discriminações mais precisas que façam apelo às relações entre os elementos.

Apesar do modelo de Kosslyn parecer adequado na explicação dos resultados obtidos, seria conveniente que este estudo, cujo carácter exploratório é de ressaltar, fosse acompanhado de novas investigações explorando as mesmas ou outras moedas de curta e longa circulação.

REFERÊNCIAS

- Bekarian, D.A., & Baddeley, A.D. (1980). Saturation advertising and the repetition effect. *Journal of Verbal Learning and Verbal Behavior*, 19, 17-25.
- Kosslyn, S. M. (1981). The medium and the message in mental imagery: A theory. *Psychological Review*, 88, 44-66.
- Kosslyn, S. M. (1987). Seeing and imagining in the cerebral hemispheres: A computational approach. *Psychological Review*, 94, 148-175.
- Neisser, U. (1982). *Memory observed: Remembering in natural contexts*. S.Francisco: Freeman.
- Nickerson, R.S., & Adams, M.J. (1979). Long-term memory for a common object. *Cognitive Psychology*, 11, 287-307.
- Rubin, D.C., & Kontis, T.C. (1983). A schema for common cents. *Memory and Cognition*, 11(4), 335-341.

ABSTRACT

RETENTION OF COINS SHORT AND LONG CIRCULATION

Memory for the general features of a coin is not usually very accurate. Research in this field (e.g. Nickerson & Adams, 1979; Rubin & Kontis, 1983) indicated a consistent weakness on memory for specific features of the coins in circulation. The aim of this study was twofold: To replicate previous findings about the degree of retention for coins and to observe possible differences with long term (+ 25 years) and short term (\pm 4 years) circulation of Portuguese coins. Results obtained with a sample of 204 college students showed that memory for the general features of coins was generally good. It was also observed an effect of circulation length on retention when subjects were questioned on a yes-no recognition test using a propositional format. However when subjects were questioned on a 4-choice recognition test using drawings, the effects of circulation disappeared. Results were discussed in terms of Kosslyn's propositional and analogical representation model.

RÉSUMÉ

MEMOIRE POUR LES CARACTERISTIQUES DES MONNAYES DE LONGUE ET COURTE CIRCULATION

Ou admet que la capacité de mémoire les caractéristiques des monnays n'est pas tout à fait la meilleure. Divers études ont déjà mis l'accent sur cet aspect. Le présent travail essaye de repliquer ces fait et eu outre d'observer des différences possibles entre celles qui ont une longue circulation (+ 25 années) et celles de courte circulation (\pm 4 années). D'après le résultats obtenus dans un échantillon de 204 étudiants universitaires, les auteurs trouvent que la mémoire pour les caractéristiques générales des monnays est assez bonne et qu'un effet de la durée de circulation était aussi observable, quand les sujets étaient questionnés avec un test de reconnaissance du type oui-non avec des propositions. Toute fois, si le test était du type 4-choix avec des dessins les effets de la circulation disparaissent. Ces résultats sont envisagés selon le modèle de la représentation propositionnelle et analogique de Kosslyn.

TERAPIA COMPORTAMENTAL

Modelos teóricos e manuais terapêuticos

Óscar F. Gonçalves

Universidade do Minho, Braga

MODELOS TEÓRICOS

1. A avaliação e conceptualização comportamental
2. O paradigma do condicionamento clássico
3. O paradigma do condicionamento operante
4. O paradigma da aprendizagem social

MANUAIS TERAPÊUTICOS

1. Exposição gradual e mediatizada
2. Exposição directa
3. Estratégias operantes
4. Modelagem e prática comportamental

Anexos

1. Guia para a Entrevista de Avaliação Comportamental
2. Manual de Relaxamento

Preço: 1250\$00 com portes incluídos, em cheque ou vale postal à ordem de Jornal de Psicologia
Pedidos: Jornal de Psicologia, Rua das Taipas, 76 - 4000 PORTO

EM BUSCA DAS VARIÁVEIS PERDIDAS: PERSPECTIVAS ACTUAIS EM TERAPIA COGNITIVA (*)

ANTÓNIO BRANCO VASCO(**)
TELMO MOURINHO BAPTISTA
UNIVERSIDADE DE LISBOA

Depois de constatarem a situação de crise que presentemente caracteriza os principais modelos psicoterapêuticos, os autores abordam especificamente a situação de crise dos modelos comportamentais e cognitivos, ilustrando-a com as principais críticas teóricas e práticas que a eles têm sido dirigidas. É igualmente analisada a situação de crise entre os psicoterapeutas, materializada não só pela multiplicidade de "sub-orientações" que têm surgido dentro do espaço cognitivo-comportamental nos últimos anos, como também pelas mudanças desenvolvimentistas relativas ao entendimento que estes têm do processo terapêutico. Contrastam as abordagens cognitivas de cariz racionalista com as de cariz construtivista, defendendo a possibilidade da sua articulação teórico-prática. Terminam sublinhando as principais inovações que as abordagens construtivistas emprestam à prática terapêutica, com especial atenção para a "aliança terapêutica".

SISTEMAS EM CRISE

Não sabemos se como causa se como efeito da proliferação dos sistemas de psicoterapia (estão, hoje-em-dia, identificados cerca de 500!... Vasco, 1990), mas possivelmente como ambas, num processo de interacção recíproca, os grandes sistemas psicoterapêuticos encontram-se em situação de crise. Ou, mais concretamente, como Perry London afirma, encontramos-nos face "Ao Fim da Era dos Sistemas" (1988; Omer & London, 1988).

Como é sabido, várias atitudes são possíveis face a uma situação de crise. Lembremos, a propósito, que o ideograma chinês corresponde à palavra crise significa simultaneamente perigo e oportunidade. Ou que, na linguagem de Richard Lazarus (Lazarus et al., 1974; Lazarus et al., 1980), o "appraisal" (avaliação) de uma situação como perigo ou desafio depende das capacidades de confronto, quer centradas no pensamento, quer centradas na acção, que o indivíduo reconhece ter à sua disposição.

Entendamos a situação como uma de desafio e oportunidade, revendo, criticando e reestruturando (em jeito de confronto centrado no pensamento) as premissas e conclusões do nosso sistema, e abramo-nos ao exterior (em jeito de confronto centrado na acção) com o objectivo de nos enriquecermos científica e clinicamente com os ensinamentos dos outros sistemas.

(*) Baseado em comunicação apresentada nas "V Jornadas de Terapia do Comportamento". Lisboa, Hospital Júlio de Matos, 19-21 de Janeiro de 1990.

(**) Assistentes da Faculdade de Psicologia e de Ciências da Educação da Universidade de Lisboa.
Associação Portuguesa de Terapias Comportamental e Cognitiva
A correspondência para este artigo deve ser enviada para: António Branco Vasco, Faculdade de Psicologia e de Ciências da Educação da Universidade de Lisboa, Alameda da Universidade, 1600 LISBOA.

COMPORTAMENTALISMO E COGNITIVISMO EM CRISE

Passemos rapidamente em revista as críticas teórico-práticas mais significativas que têm sido feitas aos modelos comportamentais e cognitivos por alguns dos seus próprios proponentes (as dos "adversários" seriam inumeráveis), recorrendo à recente revisão de London (1988; Omer & London, 1988), e deixando de lado as críticas de carácter ontológico e epistemológico (ver Mahoney, 1989; Vasco, 1988; Vasco et al., 1986):

1. Críticas ao modelo comportamental;
 - a) a terapia do comportamento não deriva directamente da teoria da aprendizagem, esta relação é apenas metafórica;
 - b) as neuroses nem sempre são o resultado de hábitos aprendidos e generalizados nem, consequentemente, o seu tratamento deveria consistir sempre no desaprender desses mesmos hábitos;
 - c) a relação entre etiologia e intervenção clínica nem sempre é tão linear como tradicionalmente se pensava;
 - d) a terapia do comportamento não se limita a lidar com comportamentos observáveis, e por último;
 - e) não é evidente que a terapia do comportamento seja superior a outros tipos de intervenção ou pelo menos, como Marks já em 1976 reconheceu, a terapia do comportamento não é a intervenção de escolha em muitas situações clínicas.

2. Críticas ao modelo cognitivo:
 - a) não é evidente que as cognições precedam sempre as emoções e os comportamentos;
 - b) nem os pensamentos subjacentes às perturbações consistem sempre em pensamentos irracionais, nem estes estão sempre e necessariamente subjacentes à perturbação;
 - c) não é tão simples como se pensou, ter acesso às cognições patogénicas; e, por último,
 - d) a substituição e correcção de pensamentos irracio-

nais e de distorções cognitivas não conduz necessariamente ao desaparecimento das emoções causadores de mal-estar.

PSICOTERAPEUTAS EM CRISE

Paralelamente às críticas teóricas-práticas antes apresentadas relativamente aos paradigmas comportamental e cognitivo, é igualmente possível identificar modificações significativas nas comunidades de terapeutas comportamentais e cognitivos, no decorrer dos últimos anos.

Felizmente, vão longe os tempos em que existiam "indexes" de livros de leitura proibida ou a impossibilidade de utilizar expressões tais como "esqueci-me" (slipped my mind), que devia ser substituída por "deixou momentaneamente de fazer parte do meu repertório comportamental", nos departamentos comportamentalistas mais radicais das universidades americanas (Mahoney, 1974; 1989).

Tais modificações relativas ao declínio do comportamentalismo radical são igualmente patenteadas pelo facto de, em 1987, a AABT ter realizado um painel especial dedicado à questão "Porque é que é tão difícil encontrar um comportamentalista radical quando se tem necessidade dele?". Neste, foi possível constatar acordo entre os diversos membros do painel relativamente à minguagem de comportamentalistas radicais, mas desacordo relativamente a se e quando seriam necessários! (Mahoney, 1989).

Os dados de investigação parecem apontar no sentido de que a popularidade do comportamentalismo, em termos de aderência de terapeutas, terá atingido o auge e estabilizado entre 1980 e 1986, verificando-se posteriormente um declínio em favor das variedades mais cognitivas (Mahoney, et al., 1989; Zaiser et al., 1986).

Para caracterizar mais especificamente a evolução da comunidade de comportamentalistas e cognitivistas recorramos aos dados de um estudo longitudinal de Mahoney, levado a cabo entre 1977 e 1985, com 42 terapeutas americanos, representantes significativos das duas comunidades (1989).

Os sujeitos deste estudo agrupavam-se em três grupos distintos: (1) comportamentalistas extremos; (2) comportamentais-cognitivos e, (3) cognitivistas extremos.

As diferenças iniciais de base entre os grupos não são surpreendentes: (1) os comportamentalistas atribuíram maior grau de credibilidade aos modelos de condicionamento e à influência das características ambientais; (2) os comportamentais-cognitivos encontram-se a meio caminho relativamente aos outros dois grupos; (3) os cognitivistas atribuíram maior importância à auto-determinação humana e aos contributos da ciência cognitiva.

Mais interessantes são as diferenças intra-grupais ao longo do tempo. Os comportamentais-cognitivos patentearam uma diminuição significativa na crença relativa à adequabilidade dos modelos de condicionamento, bem como os próprios comportamentalistas (cerca de 20%). Ambos os grupos manifestaram, como contraponto, um aumento de crença na importância da auto-determinação humana. Por sua vez, os cognitivistas acenturaram a intensidade desta crença, patenteando uma intenção clara de reconhecimento da influência dos processos inconscientes (não no sentido freudiano do termo).

De entre os três grupos, os comportamentalistas foram os que menos se modificaram ao longo dos oito anos, sugerindo

que o comportamentalismo, enquanto movimento, integra simultaneamente tendências de mudança e de estabilidade, o que aponta para a necessidade de que os seus aderentes e críticos entrem em acordo relativamente ao uso dos termos e a quais os tipos de comportamentalismo de que falam.

Outro indicador significativo relativo à evolução do comportamentalismo no sentido do cognitivismo é-nos dado na área da bibliometria. Assim, se tomarmos como referência um dos bastiões tradicionais da terapia comportamental, a "Behaviour Research and Therapy", podemos constatar um interessante padrão de publicação de artigos, nos quais é patente o recurso a conceitos cognitivos.

Tomando os últimos onze anos desta publicação, podemos observar dois períodos distintos de incidência de artigos que fazem apelo a conceitos cognitivos. Entre 1978 e 1984 o número de artigos que utiliza as palavras "cognitive" ou "cognition" no seu título é cerca de metade do número de artigos em comparação com o período compreendido entre 1985 e 1989. E se considerarmos o número total de artigos com títulos utilizando os termos "cognitive" e "cognition", em função do número total de artigos publicados, podemos constatar o aumento significativo desta temática nos últimos anos (ver fig. 1). (Como ilustração dos diferentes tipos de problemas ou técnicas em que se empregam intervenções cognitivas ver quadro 1).

Artigos de carácter geral	- 16
Ansiedade	- 7
Perturbações de pânico	- 7
Depressão	- 6
Agorafobia	- 5
Obsessões	- 4
Problemas alimentares	- 6
Fobias sociais	- 3
Treino de competências sociais	- 2
Treino de relaxamento	- 2
Dor	- 2
Medos dentários	- 2
Stress	- 1
Controle do peso	- 1
Escritofobia	- 1
Treino assertivo	- 1
Acrofobia	- 1
Disfunção eréctil	- 1
Hipocondria	- 1
Insónia	- 1
Ansiedade aos testes	- 1

Quadro 1- Tipos de problemas ou técnicas em que se empregam intervenções cognitivas. Citadas na "Behaviour Research and Therapy" (1978-1989).

As diferenças relativas ao que se entende por comportamentalismo são igualmente manifestas e, eventualmente, clarificadas por um outro estudo, este de Swan e MacDonald (1978).

Ao relatarem qual a escola de terapia comportamental com a qual se sentiam mais identificados, os terapeutas comportamentais escolheram maioritariamente a eclética (42%), seguindo-se a operante (31.7%) e por último, a cognitiva

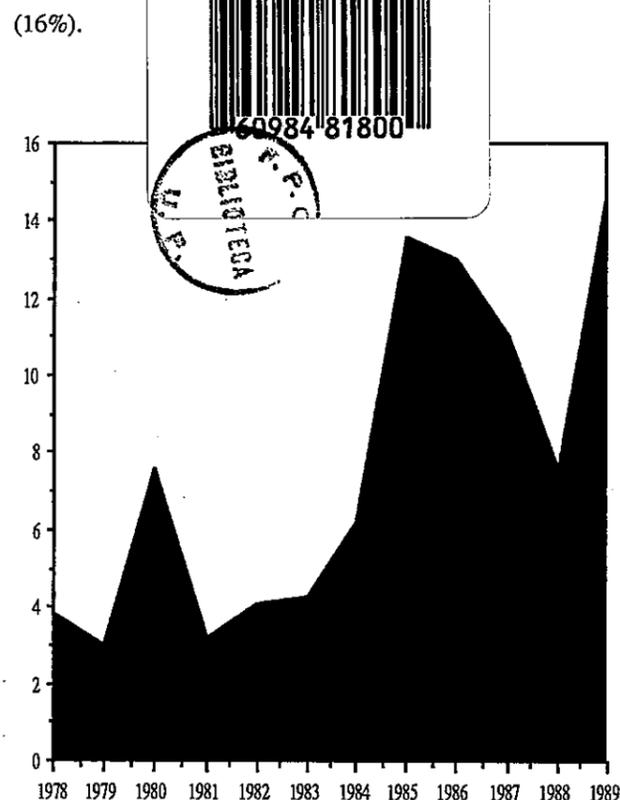


Figura 1 - Behaviour Research & Therapy. Títulos com "cognitive" e "cognition".

O que parece ser mais interessante é o facto de 57% da amostra afirmar recorrer a métodos concretos de **exploração e trabalho relacional**, sendo este o ponto que verificou maior grau de acordo, apesar destes procedimentos, como é sabido, não serem normalmente associados com a prática da terapia comportamental.

Um estudo adicional de Swan (1979) relativo a 141 terapeutas comportamentais ecléticos, permitiu clarificar a amostra, identificando 4 grupos distintos de terapeutas: (1) "o eclético limitado", que privilegia essencialmente os métodos relacionais e os de modificação de atitudes, recorrendo menos a métodos operantes, a métodos de redução de ansiedade e a auto-instruções, raramente recorrendo a métodos de sugestão ou hipnose; (2) "o eclético que trabalha a relação", que tende a utilizar quase exclusivamente métodos relacionais, recorrendo pouco e em igual medida a todos os outros mencionados; (3) "o verdadeiro eclético", que tende a fazer uso de todas as técnicas, recorrendo tal como os dois grupos anteriores a técnicas relacionais, e por último; (4) "o operante quase eclético", em franca minoria estes que fazem uso quase exclusivo dos métodos operantes.

Também na comunidade cognitiva é possível constatar uma evolução significativa. Assim, enquanto que em 1970 só era possível identificar 4 formas distintas de terapia cognitiva, em 1988 era já possível identificar 20 (Mahoney & Lyddon, 1988).

As conclusões genéricas que nos parece ser possível retirar deste conjunto de dados são: (1) as comunidades psicoterapêuticas comportamental e cognitiva encontram-se

em contínua mudança; (2) é essencial, em termos de investigação, não nos limitarmos a conhecer apenas a orientação do terapeuta, visto esta não nos indicar aquilo que este de facto faz nas interações com os clientes e; (3) os terapeutas comportamentais e cognitivos, fazem significativamente mais apelo à utilização de técnicas relacionais, do que teoricamente se poderia supor.

A importância atribuída pelos terapeutas comportamentais aos factores relacionais não será tão surpreendente se tivermos em mente os dados da investigação que, ao contrário do estereótipo, os apontam como mais flexíveis e apoiantes do que terapeutas gestaltistas e psicanalíticos (Bruninck & Schroeder, 1979), mais calorosos e empáticos do que terapeutas psicanalíticos (Sloane et al., 1975) e com qualidades interpessoais pelo menos tão acentuadas como os terapeutas de outras orientações (O'Leary & Wilson, 1987).

A importância dos factores relacionais para os terapeutas do comportamento, pelo menos em termos estritamente pessoais... é igualmente patenteada por um estudo de Lazarus (1971), actualizado em 1984 por Norcross e Prochaska. Em ambos os estudos é possível constatar que, quando necessitam de auxílio psicológico, os terapeutas do comportamento recorrem maioritariamente a formas de terapia que privilegiam os componentes relacionais (desde a psicanálise até à dinâmica de grupo, passando pela Gestalt e pelo existencialismo).

Dado os aspectos relacionais terem sido aqueles aos quais não só, tradicionalmente, se verificou dar-se uma importância mais significativa ainda que implicitamente, como também serem aqueles que mais inovadora e explicitamente são, hoje em dia, contemplados pelas modernas terapias cognitivas, é sobre eles que, em termos práticos, mais detalhadamente nos iremos deter.

REDENÇÃO PELA RELAÇÃO

Ainda que os dados já referidos nos levem a concluir que o componente relacional tem estado desde sempre presente e activo na prática da terapia cognitivo-comportamental (a-crescentaríamos, pelo menos nas intervenções bem sucedidas), possivelmente de uma forma mais implícita do que explícita, não deixa de ser verdade que só recentemente é que a relação começou a ser explicitamente tratada pelos terapeutas cognitivo-comportamentais (Arnkoﬀ, 1981; 1983; Beck et al., 1979; Beck et al., 1985; Goldfried e Davison, 1976; Mahoney & Gabriel, 1987; Mahoney & Lyddon, 1988; Thompson, 1989).

À necessidade desta explicitação não nos parece estranho o facto da terapia comportamental se ter tornado cada vez mais cognitiva (Beck, Ellis, Goldfried, Mahoney, Meichenbaum) e da terapia cognitiva se ter tornado cada vez mais emocional (Greenberg & Safran, 1984, 1987; Greenberg et al., 1989; Guidano & Liotti, 1983; Ivey, 1986; Mahoney, no prelo) e com preocupações explicitamente interpessoais (Safran, 1984).

Em termos genéricos entendemos que o terapeuta se deve movimentar entre dois pólos relacionais: (1) **colaborativo/educacional**, papel tradicional dos terapeutas cognitivos (Arnkoﬀ, 1983; Beck et al., 1979) e; (2) **companheiro de viagem**, papel privilegiado pelos terapeutas experienciais (Greenberg et al., 1989). Assim, é o cliente quem, essen-

cialmente, determina os conteúdos a trabalhar e decide quando se alcançou o destino pretendido (vai esboçando o seu mapa do mundo, o local onde se encontra e o sítio onde deseja chegar), enquanto que o terapeuta funciona como agente sensível às dificuldades de progressão do cliente, auxiliando-o no seu reconhecimento, incentivando-o na sua exploração e na escolha da melhor forma de as ultrapassar (onde estão os possíveis obstáculos, quais as formas de os obviar e quais as alternativas em termos de meios de transporte).

Ainda que o terapeuta seja um especialista em psicoterapia, não nos podemos esquecer que o cliente é, o melhor especialista de si próprio.

Existe um verdadeiro elemento de descoberta neste processo, nem terapeuta nem cliente sabem de antemão onde a exploração os levará (Greenberg et al., 1989). No fim do processo o cliente não será meramente aquilo que era menos os sintomas. Esperançadamente será uma pessoa diferente, mais flexível, mais responsável e com maior grau de liberdade.

Em termos mais específicos pensamos que o conceito de "aliança terapêutica" proposto por Bordin (1979) fornece elementos importantes relativamente ao estabelecimento da relação terapêutica. Aliás a "aliança terapêutica" favorável é o elemento do processo terapêutico que a investigação tem mais consistentemente mostrado estar relacionado com resultados positivos, independentemente da orientação teórica (Alexander & Luborsky, 1986; Horvath & Greenberg, 1986).

Segundo Bordin (1979), a "aliança terapêutica" é constituída por três elementos: (1) o **laço terapêutico** ou seja, a "química relacional" ou "cumplicidade terapêutica"; (2) o acordo entre cliente e terapeuta relativamente a **objectivos** e; (3) o acordo relativamente às **tarefas terapêuticas** a utilizar para alcançar esses objectivos.

1. O "laço terapêutico" ou cumplicidade relacional refere-se essencialmente às categorias rogerianas básicas da relação, nomeadamente os componentes de "empatia", "aceitação", "apoio" e capacidade de proporcionar um "espaço de segurança", essenciais para que o terapeuta consiga penetrar no "espaço fenomenológico/existencial" do cliente. No entanto, consideramos estas categorias necessárias mas insuficientes para a progressão terapêutica. Pensamos, não só que elas devem ser integradas num estilo de laço terapêutico que se articule com as características e problema do cliente particular, ou seja, que "respeite a identidade pessoal do cliente durante o tempo que for possível, sem confirmar as suas asserções patogénicas essenciais" (Guidano & Liotti, 1983, p. 121) mas também que este estilo pode necessitar de alterações (e na maioria dos casos necessita) à medida que as necessidades e asserções do cliente se modificam no evoluir do processo terapêutico (por exemplo, de mais para menos directivo) (Arnkoﬀ, 1983; Dryden, 1985).

Outro componente do laço terapêutico que reputamos importante é a necessidade de acordo entre terapeuta e cliente não só, relativamente à definição do problema, como também relativamente às "atribuições causais" feitas sobre os determinantes desse mesmo problema (Dryden, 1985; Guidano & Liotti, 1983).

Sintetizando, é necessário que terapeuta e cliente aprendam a utilizar a mesma "gramática existencial".

2. Relativamente aos "objectivos terapêuticos" é tam-

bém essencial que se verifique acordo explícito entre terapeuta e cliente. De particular importância aqui é o "estabelecimento de uma hierarquia de objectivos" determinada por trabalho conjunto de terapeuta e cliente., bem como uma particular atenção dada a "objectivos que estejam em conflito" e a "objectivos escondidos".

O menosprezar de qualquer um destes elementos relativos aos objectivos pode levar ao surgimento de "fenómenos de resistência" (Golden, 1983; Dryden, 1985; Wachtel, 1982).

3. Por último, relativamente às "tarefas terapêuticas", é essencial entender que estas são formas de "comunicação ritualizada" que só ganham poder na medida em que exista sintonia entre as representações partilhadas por terapeuta e cliente relativamente ao "universo terapêutico" e consequentemente, entendimento por parte deste da sua utilidade como veículos que permitem alcançar os objectivos terapêuticos (Mahoney, 1982; 1985; no prelo).

Resumindo, a "aliança terapêutica" positiva é aquela que se estabelece quando cliente e terapeuta partilham a mesma "gramática existencial" e o mesmo "universo terapêutico", materializados num laço relacional susceptível de mudança, marcado por aceitação, apoio e empatia, contexto no qual existe uma percepção partilhada dos objectivos terapêuticos e onde as tarefas propostas são entendidas como relevantes para os alcançar (Vasco, 1989).

REDENÇÃO MULTIVARIADA

Para além do aspecto relacional que acabámos de mencionar, o contraste que nos parece mais importante salientar, relativamente à evolução recente das terapias cognitivas, é o que se pode constatar mediante a comparação entre as abordagens designadas por *racionalistas* e as abordagens designadas por *construtivistas* (Mahoney & Gabriel, 1987; Mahoney & Lyddon, 1988), que ao contrário de alguns, não entendemos como incompatíveis (ver Vasco, 1989, como exemplo de articulação clínica de estratégias racionalistas e construtivistas)

Consideremos cada um dos seguintes pontos (baseados em Mahoney e Gabriel, 1987 e, Mahoney e Lyddon, 1988):

1) **Ênfase da intervenção** - Contrastando com uma visão mais caracteristicamente ahistórica, focada no problema e no controle, inerente à perspectiva racionalista, a perspectiva construtivista propõe uma ênfase mais histórica, focada no processo e num contexto desenvolvimentalista;

2) **Conceptualização do problema** - Numa perspectiva construtivista os problemas são essencialmente entendidos como discrepâncias entre as exigências ambientais e as capacidades de confronto do cliente, e não tanto como "déficits" e correspondentes respostas emocionais que devem ser controladas ou eliminadas (visão racionalista);

3) **Conceptualização da emoção** - Na perspectiva racionalista as emoções, principalmente quando intensas e não-adaptativas são vistas como o problema, constituindo os pensamentos irracionais a sua casa. Para o construtivismo as emoções são, tal como os 5 sentidos, veículos poderosos de conhecimento que proporcionam informações importantes a

que é preciso dar voz e escutar, no sentido da sua eventual reestruturação;

4) **Resistência** - Para as posições racionalistas a resistência significa falta de motivação, ambivalência ou evitamento, sendo algo a ultrapassar. Como contraponto, a perspectiva construtivista chama a atenção para o carácter auto-protector que a resistência pode assumir, salientando a importância de trabalhar com em vez de contra ela, assinalando a necessidade do terapeuta rever tanto as estratégias que está a utilizar como os aspectos relacionais que as suportam, e por último;

5) **Insight** - Tal como na abordagem rogeriana inicial as características relacionais básicas eram entendidas como condições necessárias e suficientes para promover mudança terapêutica, também nas perspectivas racionalistas o "insight" relativo às crenças irracionais é frequentemente visto como suficiente para a mudança terapêutica. Para o construtivismo o "insight" é entendido como algo que facilita a transformação dos significados pessoais, sendo necessários como seus complementos, o trabalho emocional e a passagem à acção.

CONCLUSÃO

Entendemos que ao tomar em consideração as variáveis mencionadas como guias de reflexão e acção para o processo terapêutico, se está a trabalhar no sentido de facultar ao cliente a possibilidade de aumentar os seus graus de liberdade e flexibilidade. Após um processo terapêutico baseado no conhecimento dos seus processos cognitivo-emocionais e no ensaio de novas teorias sobre o "self" e o mundo, e consequentemente novos comportamentos, o cliente acede não a uma vida livre de sofrimento, mas um nível superior de desenvolvimento. Uma abertura a novos possíveis na conquista do exercício da *auto-gestão psicológica* (Baptista & Vasco, 1988) que faculte o crescimento pessoal, no desafio do ser e do devir.

REFERÊNCIAS

- Alexander, L. & Luborsky, L. (1986). The penn, helping alliance scales. In L. Greenberg & W. Pinsof (Eds.), *The psychotherapeutic process: A research handbook*. New York: Guilford.
- Arnoff, D. B. (1981). Flexibility in practicing cognitive therapy. In G. Emery, S. H. Hollom e R. C. Bedrosian (Eds.), *New directions in cognitive therapy*. New York: Guilford.
- Arnoff, D. B. (1983). Common and specific factors in cognitive therapy. In M. J. Lambert (Ed.), *Psychotherapy and patient relationships*. Chicago: Dorsey.
- Baptista, T. M. & Vasco, A. B. (1988). Terapias breves numa perspectiva cognitivo-comportamental. *Psicologia*, 6, 17-22.
- Beck, A. T., Emery, G. & Greenberg, R. (1985). *Anxiety disorders and phobias*. New York: Basic Books.
- Beck, A. T., Rush, A. J., Shaw, B. F. & Emery, G. (1979). *Cognitive therapy and depression*. New York: Guilford.
- Bordin, E. S. (1979). The generalizability of the psychoanalytic concept of the working alliance. *Psychotherapy: Theory, Research and Practice*, 16, 252-260.
- Brunonk, S. & Schroeder, H. (1979). Verbal therapeutic behavior of

- expert psychoanalytically oriented, gestalt and behavior therapists. *Journal of Consulting and Clinical Psychology*, 47, 567-574.
- Dryden, W. (1985). Foreword. In A. Ellis (Ed.), *Overcoming resistance*. New York: Springer.
- Golden, W. L. (1983). Resistance in cognitive-behavioural therapy. *British Journal of Cognitive Psychotherapy*, 1(2), 33-42.
- Goldfried, M. R. & Davison, G. (1976). *Clinical behavior therapy*. New York: Holt, Rinehart & Winston.
- Greenberg, L. S. & Safran, J. D. (1984). Integrating affect and cognition: A perspective on the process of therapeutic change. *Cognitive Therapy and Research*, 8, 559-578.
- Greenberg, L. S. & Safran, J. D. (1987). *Emotion in psychotherapy: Affect, cognition and the process of change*. N. Y.: Guilford.
- Greenberg, L. S. & Safran, J. D. & Rice, L. (1989). Experiential therapy: Its relation to cognitive therapy. In A. Freeman, K. M. Simon, L. E. Beutler & H. Arkowitz (Eds.), *Comprehensive handbook of cognitive therapy*. New York: Plenum.
- Guidano, V. & Liotti, G. (1983). *Cognitive therapy and emotional disorders*. New York: Guilford.
- Horvath, A. & Greenberg, L. S. (1986). The development of the working alliance inventory. In L. Greenberg & W. Pinsof (Eds.), *The psychotherapeutic process: A research handbook*. New York: Guilford.
- Ivey, A. E. (1986). *Developmental therapy: Theory into practice*. San Francisco: Jossey-Bass.
- Lazarus, A. A. (1971). Where do behavior therapists take their troubles? *Psychological Reports*, 28, 349-350.
- Lazarus, R., Averill, J. & Opton, R. (1974). The psychology of coping: Issues of research and assessment. In G. V. Coelho, D. A. Hamburg & J. E. Adams (Eds.), *Coping and adaptation*. New York: Academic.
- Lazarus, R. S., Kanner, A. D. & Folkman, S. (1980). Emotions: A cognitive-phenomenological analysis. In R. Plutnick & H. Kellerman (Eds.), *Emotion, theory, research and experience*. New York: Academic.
- London, P. (1988). Metamorphosis in psychotherapy: Slouching toward integration. *Journal of Integrative and Eclectic Psychotherapy*, 7, 3-12.
- Mahoney, M. J. (1974). *Cognition and behavior modification*. Cambridge, MA: Ballinger.
- Mahoney, M. J. (1982). Psychotherapy and human change processes. In J. H. Harvey & M. M. Parks (Eds.), *Psychotherapy research and behaviour change*. The Master Lecture Series (vol. 1). Washington, D. C.: American Psychological Association.
- Mahoney, M. J. (1982). Psychotherapy and human change processes. In M. J. Mahoney & A. Freeman (Eds.), *Cognition and psychotherapy*. New York: Plenum.
- Mahoney, M. J. (1989). Scientific psychology and radical behaviorism: Important distinctions based in scientism and objectivism. *American Psychologist*, 44, 1372-1377.
- Mahoney, M. J. (no prelo). *Human change processes: Notes on the facilitation of personal development*. New York: Basic Books.
- Mahoney, M. J. & Gabriel, T. (1987). Psychotherapy and cognitive sciences: An evolving alliance. *Journal of Cognitive Therapy*, 1, 39-59.
- Mahoney, M. J. & Lyddon, W. J. (1988). Recent developments in cognitive approaches to counseling and psychotherapy. *The Counseling Psychologist*, 16, 190-234.
- Mahoney, M. J., Norcross, J. C., Prochaska, J. O., & Missar, C. D. (1989). Psychological development and optimal psychotherapy: Converging perspectives among clinical psychologists. *Jour. of Integrative and Eclectic Psychotherapy*, 8, 251-263.
- Marks, I. M. (1976). The current status of behavioral psychotherapy:

- Theory and practice. *American Journal of Psychiatry*, 133, 253-261.
- Norcross, J. C. & Prochaska, J. O. (1984). Where do behavior (and other) therapists take their troubles?: II *The behavior therapist*, 7, 26-27.
- O'Leary, K. D. & Wilson, G. T. (1987). *Behavior therapy: Applications and outcome* (2ª ed.). Englewood Cliffs, NJ: Prentice-Hall.
- Omer, H. & London, P. (1988). Metamorphosis in psychotherapy: End of systems era. *Psychotherapy*, 25, 171-180.
- Safran, J. D. (1984). Assessing the cognitive-interpersonal cycle. *Cognitive Therapy and Research*, 8, 333-348.
- Sloane, R. B., Staples, F. R., Cristol, A. H., Yorkston, N. H. & Whipple, K. (1975). *Psychotherapy versus behavior therapy*. Cambridge, MA: Harvard University Press.
- Swan, G. H. (1979). On the structure of eclecticism: Cluster analysis of eclectic behavior therapists. *Professional Psychology*, 10, 732-739.
- Swan, G. H. & MacDonald, M. L. (1978). Behavior therapy in practice: A national survey of behavior therapists. *Behavior Therapy*, 9, 799-807.
- Thompson, J. K. (Ed.) (1989). Client-therapist relationship and cognitive psychotherapy (número especial). *Journal of Cognitive Psychotherapy*, 3 (2).
- Vasco, A. B. (1988). Perspectivas epistemológicas em psicoterapia (I): Filosofia da ciência, psicologia e psicoterapia. *Psicologia*, VI, 239-251.
- Vasco, A. B. (1989, Novembro). *No reino de Pan: Abordagem cognitivo-comportamental de um caso clínico*. Comunicação apresentada na 2ª Convenção dos Psicólogos Portugueses. Lisboa.
- Vasco, A. B. (1990, Janeiro). *De entre as 500 receitas, escolho porco assado: Factores comuns, integração e psicoterapia*. Comunicação apresentada no III Encontro Nacional de Psicoterapeutas, Simpósio sobre Factores Comuns em Psicoterapia, Lisboa.
- Vasco, A. B., Henriques, A. P. & Santos, M. C. (1986). Fundamentos teóricos, formação e implantação institucional da Associação Portuguesa de Terapias Comportamental e Cognitiva (APTCC). *Jornal de Psicologia*, 5(2), 21-27.
- Wachtel, P. L. (Ed.) (1982). *Resistance: Psychodynamic and behavioral approaches*. New York: Plenum.
- Zaiser, A., Greire, S., Knip, D. & Mertens, G. C. (1986). What is the "proper measure" of growth in the behavioral movement? *The*

Behavior Therapist, 9, 185-186.

ABSTRACT

IN SEARCH OF THE LOST VARIABLES: RECENT TRENDS IN COGNITIVE THERAPY

After underlining the crisis that characterizes the present situation of most psychotherapeutic models, the authors focus specifically the crisis of cognitive and behavioural models, stressing the main theoretical and practical objections that have been raised. They further analyse the crisis among psychotherapists, shown not only by the recent proliferation of "sub-orientations", but also by developmental changes regarding their understanding of the psychotherapeutic process. A comparison is made between rationalist and constructivist cognitive models, arguing for the possibility of their theoretical and practical articulation. The authors highlight the essential tenets brought by the constructivist model to clinical practice with particular emphasis given to the "therapeutic alliance".

RÉSUMÉ

À LA RECHERCHE DES VARIABLES PERDUES: PERSPECTIVES ACTUELLES EN THÉRAPIE COGNITIVE

Après avoir mentionné la situation de crise qui, à present, caractérise les principaux modèles psychothérapeutiques, les auteurs abordent la situation de crise des modèles comportementaux et cognitifs, en la illustrant avec les critiques théorico-pratiques que les ont été adressées. Ils adressent aussi la situation de crise parmi les psychotérapeutes, matérialisée non seulement par la multiplicité des "sub-orientations" qui se sont développées récemment dans la tradition cognitive-comportementale, mais aussi par les changements développementaux concernant la compréhension que ceux ont du processus thérapeutique. Les approches cognitivistes, rationales et constructivistes sont contrastées, en défendant la possibilité de son articulation théorico-pratique. Ils terminent en stressant les principales innovations apportées par le constructivisme à la pratique psychothérapeutique, particulièrement l'"alliance thérapeutique".

ESCLARECIMENTO

Este número duplo conclui o vol. 9 do Jornal de Psicologia. Trata-se, como é bom de ver, de uma solução de recurso no âmbito do relançamento desta publicação, onde no ano passado problemas de ordem financeira/administrativa e humana inviabilizaram o cumprimento dos prazos estipulados.

Para este ano, está prevista uma nova calendarização do J.P. com 4 números ano e o seguinte preçário:

Assinatura individual (4 números): 1.000\$00

Assinatura institucional (4 números): 2.500\$00

Preço de cada número avulso: 350\$00

Números atrasados: 250\$00 cada número

Assinaturas Estrangeiras: Individual: Europa: US\$20; Fora da Europa: US\$25

Institucionais: Europa: US\$25; Fora da Europa: US\$30

Portes e envio: Incluídos no preço da assinatura.

ENTREVISTA COM...

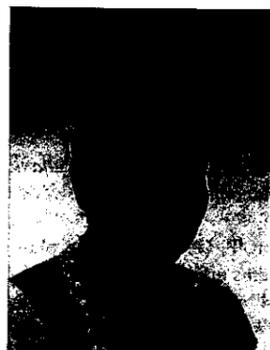
POR AURA MONTENEGRO (*)

Francine Orsini-Bouichou nasceu em Marselha em 28 de Julho de 1929. Licenciou-se em Psicologia na Sorbonne (Université René Descartes, Paris V), obtendo em seguida três diplomas do Instituto de Psicologia de Paris: o de psicopedagogia, o de psicopatologia e o de psicologia experimental, completados por estágios prolongados em diferentes serviços de psicologia e de neuropsiquiatria infantil, considerando mais relevantes o do Hospital Henri Rouselle e o dos *Enfants Malades*. De 1952 a 1975, data do doutoramento de estado, desenvolvem-se algumas das mais importantes etapas da sua carreira universitária: de 1952-59 foi investigadora do C.N.R.S. (*Centre National de la Recherche Scientifique*) no Laboratório de Psicologia Experimental e Comparada da Sorbonne.

De 1959-60 assistente da Faculdade de Ciências de Marselha, em Psicofisiologia, cadeira do Prof. J. Paillard. Em 1960-61, assistente da Faculdade de Letras de Aix. Em 1961-62, partiu de Aix para Genebra como convidada e membro do Centro Internacional de Epistemologia Genética, estadia essa que viria a ter enorme relevância na sua carreira. Em 1962 torna-se *Maitre Assistant* da Faculdade de Letras d'Aix. Nesse ano criou-se na mesma Faculdade um laboratório universitário de pesquisas, o Laboratório de Psicologia Genética, cuja direcção lhe foi confiada. Este laboratório serviu de base ao estabelecimento de diferentes actividades, não só de investigação mas também de ensino. Desenvolveu um estreito intercâmbio com as equipas de Genebra, tendo J. Piaget e B. Inhelder sido nomeados Doutores Honoris Causa pela Universidade de Aix-Marselha. Manteve também relações com o Laboratório de Psicologia Experimental e Comparada da Sorbonne (Prof. Fraisse), e com o Laboratório de Psicobiologia da Criança (Prof. Zazzo).

A organização do ensino da Psicologia da Criança, e disciplinas afins, foi progressivamente implementada pela equipa do laboratório d'Aix, o que o tornou pioneiro no surgir da Psicologia Diferencial, Orientação Escolar e Profissional, Psicologia da Educação, Psicologia Clínica da Criança, Psicologia e Ortopedagogia.

Em 1972, e após a criação duma larga estrutura de investigação associada ao C.N.R.S., esta equipa foi integrada sob o título de uma das suas componentes de base, e co-dirigida por F. Orsini-Bouichou e M. Hurtig. Em 1975, a Prof. Francine concluiu o seu doutoramento de estado na Sorbonne, defendendo a tese sobre *Régularités dans les organisations spontanées chez l'enfant et genèse des comportements cognitifs*, que viria a ser publicada em 1982, sob o título: *L'intelligence de l'enfant, ontogenèse des invari-*



FRANCINE ORSINI-BOUICHOU

ants, Paris, Eds C.N.R.S. Em 1978 obteve o título de *Maitre de Conférences*, e depois Professor. É autora de numerosos artigos e publicações de comprovado valor científico, a título individual ou colectivo, conferencista, docente de destacado mérito, e um activíssimo membro do *Laboratoire de Psychologie du Développement* de que é responsável, no contexto da UFR (*Unité de Formation et de Recherche*) de *Psychologie et Sciences de l'Éducation*, da Université de Provence, 29 Avenue R. Schuman, 13621 Aix-en-Provence.

J. P. — Durante estes anos uma evidente evolução marcou o estilo e a temática das suas pesquisas, não é verdade?

F. O-B. — Sim. Na realidade, e afirmo de condensar a minha evolução pessoal quanto aos temas de investigação, dividi-los-ia em seis partes essenciais:

1. O TEMPO: condutas temporais, avaliação da sua duração:
 - 1.1. Estudos genéticos;
 - 1.2. Estudos psicopatológicos;
2. ESTUDOS GERAIS:
 - 2.1. Revisão de questões sobre as condutas exploratórias (1957);
 - 2.2. Homenagem a Henri Wallon (1962);
 - 2.3. Reflexões sobre a noção de variável em psicologia genética (1965).

J. P. — Se não se importa, pedia-lhe que avançasse e chegasse a alguns conceitos que verifiquei terem sido bastante explorados por si e pela sua equipa, tais como os *indicadores do desenvolvimento, regras e indução de regras*, aspectos relativos às funções de regulação, etc., e alguns aspectos novos ou transformadores dos conceitos piagetianos.

F. O-B. — Claro, estava mesmo prestes a abordar esse tema, pois, na realidade, algumas ideias novas foram introduzidas na epistemologia genética da escola de Genebra. Assim, passarei a abordar o 3º ponto, sobre os INDICADORES DESENVOLVIMENTAIS.

Com efeito as "regularités" correspondem a sistemas de regras que constituem os "repères d'émergences développementales". Trata-se de pontos de referência menos gerais do que os estádios piagetianos; operacionalizáveis porque relativos a classes de situações/tarefas bem definidas; classes definidas, mas não reduzidas a contextos locais, e nem sequer providas duma determinada extensão.

Isso implica uma *análise estrutural - descritiva e formal* - do desenvolvimento (1965, 66, 67, 75, 77, 82).

J. P. — Penso ter entendido: quer falar-me então do 4º ponto?

F. O-B. — Sim; estava já a terminar e a chegar ao 4º ponto, isto é, às CONDIÇÕES PRÓXIMAS DE APARIÇÃO DESTAS REFERÊNCIAS. A *indução das regras* (ou indução operatória) visa agitar o sistema de regras actuais para favorecer a aparição do sistema de regras seguinte, graças à reorganização de condições julgadas pertinentes (do tipo conflito cognitivo).

Com as crianças normais e deficientes ligeiras de mais de oito anos os efeitos obtidos atestam mudanças muito significativas, duradouras e passíveis de transferência. Isso implica um *método de aprendizagem especial* que visa provocar, indirectamente, uma *reorganização estrutural* dos comportamentos cognitivos actuais (1978, 79, 85, 86).

J. P. — As teorias que tem estado a expor conduzem-nos a uma nova área do saber, e a um estilo da metacognição que, embora numa fase ainda bastante incipiente, começa a interessar os investigadores portugueses que estão, de qualquer modo, envolvidos no ensino de crianças com necessidades educativas especiais. Quer falar-me agora nos trabalhos da equipa, fazendo novamente referência às investigações de J. L. Paour que, segundo cremos, são as mais conhecidas em Portugal, e que nos atraem especialmente?

F. O-B. — Sem dúvida, isso constitui matéria do 5º percurso, ou seja, das FASES DE TRANSIÇÃO, ANTERIORES AO DESENVOLVIMENTO COGNITIVO DE CRIANÇAS NORMAIS E DEFICIENTES MENTAIS. Na sequência dos trabalhos de PAOUR foram tidos em consideração os aspectos mais *funcionais da regulação* das acções, embora certas condições de funcionamento pareçam, desde logo, constituir uma mudança do desenvolvimento anterior à entrada em acção das aprendizagens do tipo indução citadas em cima. *Esta condição prévia*, sob uma *forma intensificada, revelou-se necessária nos deficientes ligeiros* mais jovens ou deficientes médios; sem uma intervenção pertinente eles permanecem fixados a uma mesma etapa desenvolvimental, caracterizando-se por aspectos de sub-funcionamento. PAOUR, utilizando os contributos da psicologia cognitiva e do tratamento da informação, pode conceber a instalação dum *ambiente protésico* destinado a melhorar o "funcionamento cognitivo" de crianças deficientes mentais ou de crianças oriundas de meios desfavorecidos. Aliás, essa matéria foi desenvolvida nas suas publicações, depois de 1968, e especialmente na sua tese de doutoramento de 1980, e num artigo de 1985 in *Archives de Psychologie*, etc.

J. P. — Temos conhecimento de outras investigações principalmente as publicadas no *Courrier de Suresnes*, sobre estudos comparativos entre amostras de crianças e adolescentes normais, outros portadores de dificuldades de aprendizagem, outros débeis ligeiros; gostaríamos de a ouvir sobre estes estudos e estratégias de intervenção.

F. O-B. — Bem, esse é precisamente o ponto 6º da minha exposição: falta-me falar-lhe sobre a PLASTICIDADE, EDUCABILIDADE DA INTELIGÊNCIA NUMA PERSPECTIVA INTEGRATIVA. Num mesmo tipo de intervenção, associaram-se: a *análise estrutural do desenvolvimento* ("indução de regras"), a *abordagem funcional* (análises cognitivistas do tratamento da informação), e o

método diferencial (comparação: normais/deficientes/precococes). Têm-se abordado diferentes estudos fundamentais, e no terreno: - *relações funcionamento/desenvolvimento cognitivo* (trabalhos de Orsini-Bouichou, Hurtig, Paour e Planche, 1990).

- *A educabilidade da inteligência e os apoios cognitivos* (Paour, especialmente nas obras publicadas recentemente). As *influências do meio* (cf. também as obras de Paour e outros trabalhos de várias teses).

J. P. — Acaba de nos fazer uma boa exposição focando muitas das questões fundamentais que nos interessavam, relativas à epistemologia genética piagetiana e às diversificações posteriores que se podem reconhecer nas obras produzidas pela equipa do vosso laboratório. Mesmo assim gostaríamos, se nos fosse permitido, abordar de novo algumas questões. Disse-nos, no início, que tinha feito uma componente da sua formação em psicologia genética na escola de Genebra, não é verdade? E por quanto tempo?

F. O-B. — Sim, durante um ano, fui convidada a título de membro do centro internacional de epistemologia genética (1961/62).

Além disso nós temos mantido um numeroso intercâmbio com os genebrinos, nos dois sentidos.

J. P. — Visto existirem actualmente na Suíça e noutros países centros (ou núcleos) de estudo e correntes de contestação de Piaget, como considera a importância desses movimentos ou de linhas de diversificação?

F. O-B. — Estes movimentos de contestação são o testemunho duma evolução normal do pensamento científico; depois da proeminência da ideia de estrutura (no sentido geral) vem a de "procedure" (de sentido muito local). Lamento, contudo, que em Genebra a corrente "post Piaget" tenha arrastado um divórcio entre estes novos estudos "procedurais" e os antigos relativos aos aspectos desenvolvimentais (e estruturais). Af está o passivo duma evolução, marcada por reacções pessoais.

J. P. — Mesmo assim, e no seu ponto de vista, crê que existem ainda ligações fundamentais entre as investigações levadas a cabo, por exemplo, em Portugal, França, Itália, Reino Unido, Canadá, E. U. A., Austrália, Brasil, Filipinas, etc? Neste caso, qual é o indicador mais comum?

F. O-B. — As investigações de inspiração piagetiana, tanto na Europa como para além do Atlântico, curiosamente, apoiaram-se na maior parte das vezes sobre trabalhos que não foram fruto directo do pensamento de Piaget (epistemologia do conhecimento e formação do pensamento na criança) mas *indirectamente*, acerca das pesquisas sobre o tema da aprendizagem operatória, lavadas a cabo por Bärbel Inhelder. Presentemente esta corrente esgotou-se; outra está em vias de surgir, ainda incerta, e que tenta associar o contributo dos cognitivistas com o construtivismo estruturalista (exemplo: R. Case).

J. P. — Pensamos que também a Prof. Francine fez uma notável evolução no que concerne às teorias e aos aspectos práticos do *cognitivismo* e da *aprendizagem* após o seu doutoramento, em 1975. Gostaríamos de a ouvir falar acerca destas transformações: quais os modelos ou pontos referenciais que mudou (ou superou, ou contestou) e quais os que conservou?

F. O-B. — Já respondi, embora sinteticamente. Mas, continuando a resumir, poderei exprimir o que nos é particular do seguinte modo: nós inscrevemo-nos nesta nova corrente, de

(*) Professora Catedrática da Faculdade de Psicologia e de Ciências da Educação da Universidade de Coimbra.

que acabei de falar. Penso que o futuro está deste lado, nesta perspectiva integrativa que associa, na aprendizagem, os aspectos funcionais (ligados ao indivíduo e ao contexto particular) e as competências cognitivas com um significado desenvolvimental mais geral. O estudo da criança (mais ainda a sua educação) não pode satisfazer-se com a compartimentação das abordagens. Esta problemática explica, talvez, os aspectos de generalização que acompanham sempre as nossas aprendizagens.

J. P. — Considerando as experiências feitas por J. L. Paour et al. sobre a modificabilidade da inteligência das crianças deficientes mentais, e o seu acesso ao estágio pré-formal: quais são, na sua opinião, as hipóteses de sucesso das estratégias ou da "orientação" metacognitiva a fim de ultrapassar o funcionamento deficiente das actividades intelectuais? Gostaríamos que se pronunciasse, também, sobre o papel dos mediadores e das linguagens alternativas da comunicação.

F. O-B. — Também já respondi, embora indiretamente. Vou acrescentar que a metacognição encontra um suporte poderoso na intervenção de mediadores variados (tal como a programação informática), sob condição que estes mediadores secundários não suplantem a condição humana, que é capital, mas se lhe acrescentem.

J. P. — Ocorre-nos, a propósito, que Reuven Feuerstein (et al) publicou algumas obras, nos E.U., consideradas importantes, especialmente *Instrumental enrichment* (Baltimore, University Park Press, 1980). Soubemos, em Paris, que o seu método PEI estava a ser aplicado em 5/25 SES. Em Portugal também já se encontram investigadores envolvidos neste programa. Se, por acaso, o conhece, quer falar-me dele rapidamente?

F. O-B. — As práticas utilizadas por Feuerstein são engenhosas (muitas delas são, além disso, inspiradas em Rey); sou muito mais reservada no que concerne às elaborações teóricas que me parecem bastante confusas.

J. P. — Estamos-lhe muito grata pela disponibilidade com que colocou, ao serviço dos leitores de língua portuguesa, informações de tanto interesse e de tanta actualidade.

REFERÊNCIAS (*)

1 - ARTIGOS EM REVISTAS

- Orsini, F. (1965). Réflexions sur la notion de variable en psychologie ontogénétique. *Psychologie Française*, X, 3-17.
- Orsini, F. (1965). Régularités et système de relations chez l'enfant. *Cahiers de Psychologie*, 8, 143-155.
- Orsini-Bouichou, F. (1976). Genèse des comportements cognitifs. *Actes du XX^{ème} Congrès International de Psychologie*, Paris, 322.
- Orsini-Bouichou, F. (1977). A propos du concept piagétien de schème et d'apprentissage. *Bulletin de Psychologie*, 30, 325-330.

- Orsini-Bouichou, F. (1978). Régularités et comportements de libres combinaisons, Étude génétique. *Cahiers de Psychologie*, 21, 123-132.
- Orsini-Bouichou, F. & Malacria-Rocco, J. (1978). Des régularités à l'induction opératoire. *Cahiers de Psychologie*, 21, 163-182.
- Desprels-Fraysse, A., Fraysse, J. C., Orsini-Bouichou, F., Paour, J. L. (1979). Genèse et déterminants de la pensée opératoire, n^o spécial sur l'intelligence. *Bulletin de Psychologie*, 32, 523-532.
- Orsini-Bouichou, F., Malacria-Rocco, J., Rohrer, B. (1985). Statut et autonomie de l'apprentissage, méthode d'étude du fonctionnement et du développement cognitifs. *Archives de Psychologie*, 53, 513-522.
- Orsini-Bouichou, F., Malacria-Rocco, J., Rohrer, B. (1985). The same and not the same. *Cahiers de Psychologie Cognitive*, 5, 324.
- Orsini-Bouichou, F., Hurtig, M. (1989). Nouvelles problématiques. *Bulletin de Psychologie*, XLII, 390, 358-461.

2 - LIVROS E CAPÍTULOS EM LIVROS

- Orsini, F. (1966). Contribution à l'étude génétique du temps en fonction de la variation des situations, in J. Piaget (Ed.). *Psychologie du temps, Études d'Épistémologie Génétique*, vol. 30, 149-176. Paris: PUF.
- Orsini, F. (1966). A propos de l'étude de quelques régularités naturelles; réflexions sur l'apport de l'Ecole de Genève à l'approche génétique, in *Thèmes piagétiens*, 149-158. Paris: Dunod.
- Orsini, F. (1967). Distribution temporelle du comportement chez l'enfant dans une épreuve de jeu sériel. *Distribution temporelle du comportement*. Paris: Masson.
- Orsini, F. (1977). De la régularité à la proportionnalité, in Piaget, L'Épistémologie de la fonction, *Études d'Épistémologie Génétique*, vol. 23, 38-43. Paris: PUF.
- Orsini-Bouichou, F. (1978). *Genèse et apprentissage cognitif, n^o spécial des Cahiers de Psychologie*, 21.
- Orsini-Bouichou, F. (1982). *L'intelligence de l'enfant, ontogénèse des invariants*. Paris: Eds C.N.R.S.
- Orsini-Bouichou, F. & Hurtig, M. (1985). *Fonctionnement et changement cognitif chez l'enfant* (procédures, genèse et apprentissage). *Archives de Psychologie*, 53.
- Orsini-Bouichou, F. & Paour, J. L., Cognitive change and behaviour. *Theory building in developmental psychology*. In Van Geert (Ed.), 259-291. Amsterdam: North-Holland.
- Orsini-Bouichou, F., Hurtig, M., Paour, J. L., Planche, P. (1990). Une méthode d'apprentissage destinée à analyser les relations entre développement et fonctionnement cognitifs. In Grymberg-Netchine (Ed.). *Développement et fonctionnement cognitifs*, 223-245. Paris: PUF.

(*) Por sugestão da Prof. Doutora Aura Montenegro, o Jornal de Psicologia achou por bem publicar em anexo a esta entrevista uma lista de referências dos trabalhos mais importantes da Prof. F. Orsini-Bouichou com o intuito de facultar aos leitores portugueses uma maior possibilidade de aproximação ao pensamento e obra desta investigadora.

LEIA, ASSINE E DIVULGUE
O
JORNAL DE PSICOLOGIA

Congresso Internacional STRESS, ANSIEDADE E DESORDENS EMOCIONAIS

Universidade do Minho, Braga, Portugal
1-3 de Julho, 1991

PRELECTORES CONFIRMADOS (*):

Nacionais - E. Figueiredo (U. Porto), F. Allen Gomes, (U. Coimbra), J. Gomes Pedro (U. Lisboa), O. Gonçalves (U. Minho), O. Gouveia Pereira (U. N. Lisboa), J. Correia Jesuino (U. Lisboa), L. Joyce-Moniz (U. Lisboa), J. Machado Nunes (U. N. Lisboa), A. P. Mesquita (U. Minho), D. Sampaio (U. Lisboa), A. Vaz Serra (U. Coimbra), J. F. Cruz (U. Minho), M. L. Figueira (U. Lisboa), F. Neto (U. Porto).

Estrangeiros - A. Bandura (EUA), D.H. Barlow (EUA), D.M. Clark (Inglaterra), M. Covington (EUA), A. Ellis (EUA), M. W. Eysenck (Inglaterra), P. Kendall (EUA), L. Levi (Suécia), S. Rachman (Canadá), I. Sarason (EUA), M. Seligman (EUA), C. Spielberger (EUA), C. Aldwin (EUA), M. Apter (EUA), A. Armario (Espanha), S. Auerbach (EUA), O. Ayalon (Israel), A. Baum (EUA), J. Singer (EUA), C. Brewin (Inglaterra), G. Butler (Inglaterra), C. Carver (EUA), B. Compas (EUA), C. Cooper (Inglaterra), T. Cox (Inglaterra), J. Deffenbacher (EUA), R. Dienstbier (EUA), P. Emmelkamp (Holanda), N. Endler (Canadá), S. Epstein (EUA), G. Everly (EUA), F. Fincham (EUA), E. Foa (EUA), J. Geer (EUA), I. Gotlib (Canadá), D. Gould (EUA), J. Gray (Inglaterra), K. Hagtvet (Noruega), Y. Hanin (Rússia), L. Hardy (Inglaterra), A. Helmke (Alemanha), S. Hobfoll (EUA), G. Kent (Inglaterra), N. King (Australia), P. Lang (EUA), M. Mavissakalian (EUA), N. Milgram (Israel), L-G. Ost (Suécia), E. Roskies (EUA), B. Sarason (EUA), K. Scherer (Suíça), Z. Segal (Canadá), S. Solomon (EUA), Z. Solomon (Israel), N. Spanos (EUA), A. Steptoe (Inglaterra), A. Stone (EUA), J. Coyne (EUA), J. Strelau (Polónia), D. Turk (EUA), S. Turner (EUA), W. Verhoeven (Holanda), S. Zeitlin (EUA), S.L. Williams (EUA), R. Woolfolk (EUA), A. Munton (Inglaterra), A. Vingerhoets (Holanda), B. Hutchings (Dinamarca), J. Mook (Holanda), J. Hinton (Inglaterra), J. Wardle (Inglaterra), M. de Vries (Holanda), P. Timmermans (Holanda), A. Acosta (Espanha), B. Jones (Canadá), M. Luiz (África do Sul), E. Domenech (Espanha), E. Osato (Japão), G. Bartoli (Itália), G. Guttman (Austria), J. Naveteur (França), J. Fullard (África do Sul), M. Manassero (Espanha), M. Calvo (Espanha), M. Mandal (Índia), R. Ballester (Espanha), S. Sharma (Índia), T. Gjesme (Noruega), T. Sosnowski (Polónia), U. Kinnunen (Finlândia), W. Beggs (Inglaterra), S. Matthiessen (Noruega), P. Tharakan (Índia), A. Vingerhoets (Holanda), G. Missoum (França), A. Arntz (Holanda), J. Tylka (Polónia), J. Falzon (Malta), S. Singh (Índia), D. Palenzuela (Espanha) e J. Tous (Espanha).

(*) - Entre muitos outros autores de comunicações. Actualização em 91.03.30.

WORKSHOPS PRÉ-CONGRESSO (30 DE JUNHO) (em língua inglesa):

1) Terapia Racional-Emotiva (Albert Ellis, EUA); 2) Avaliação e tratamento da dor crónica (Dennis Turk, EUA); 3) Terapia Comportamental com crianças e adolescentes (Philip Kendall, EUA); 4) Liderança e comportamento organizacional (Carry Cooper, Inglaterra); 5) Avaliação em terapia cognitiva (Zindel Segal, Canadá); 6) Diagnóstico do temperamento (Jan Strelau, Polónia); 7) Desordens obsessivo-compulsivas (Edna Foa, EUA); 8) Avaliação da ansiedade: Métodos e procedimentos psicofisiológicos (Peter Lang, EUA).

Comissão Organizadora: Universidade do Minho, Rua Abade da Loureira, 4700 Braga.

Telefones: 053-616150/612234 Fax: 053-616936 Telex: 32135 UMINHO P

REUNIÕES CIENTÍFICAS

MARGINALIDADE E REINserÇÃO SOCIAL

Tiveram lugar no Auditório da Reitoria da Universidade de Coimbra, nos dias 21 a 23 de Fevereiro de 1991 as Primeiras Jornadas de Desvio Marginalidade Reinserção Social de Coimbra. A organização do congresso foi patrocinada, sobretudo, pelo Instituto Superior de Serviço Social de Coimbra, que assim manifestou, inequivocamente, o seu interesse pelos temas em debate. Estiveram presentes profissionais ligados a vários contextos institucionais, nomeadamente, o Centro de Estudos Judiciários, o Instituto de Reinserção Social e a Direcção Geral dos Serviços Prisionais, bem como de unidades hospitalares, que de forma mais ou menos directa, lidam com indivíduos com percursos marginais.

De realçar o facto de, no conjunto das comunicações, haver um significativo número de trabalhos abordando a temática da prisão, apresentados por profissionais a trabalharem nesses contextos. Salientaríamos aqui as apresentações de Vitor Brito e Prazes Pais, respectivamente, Directores do Estabelecimento Prisional de Coimbra e do Estabelecimento Prisional de Lisboa. A temática da Reinserção Social esteve a cargo, sobretudo da Delegação do I. R. S. de Coimbra (Elsa Pais), tendo havido igualmente contributos importantes para a compreensão do fenómeno da toxicoddependência (Teresa Nunes Vicente), dos menores em situação de risco (Elia Gersão), das agressões sexuais (F. Allen Gomes), da alcoologia (Paulino Pereira) e da clínica psiquiátrica (Henriques da Silva e Raul Diniz). Dois trabalhos versando aspectos mais históricos da delinquência (Pedro Moura Ferreira e J. Miguel Simões Santo) e outro tentando fazer o ponto da situação sobre a investigação no domínio da delinquência e das prisões em Portugal, realçando o papel e contributo da Psicologia (Rui Abrunhosa Gonçalves - Univ. do Minho), fecharam este painel programático.

A ausência de sessões paralelas, permitiu às largas dezenas de partici-

pantes assistirem às várias apresentações, evitando-se assim as desagradáveis — mas quase sempre inevitáveis — sobreposições.

Finalmente, parece-nos importante realçar o facto de, não obstante ter havido uma publicidade relativamente modesta em relação a estas Jornadas e ao seu âmbito, o número de participantes e o teor das comunicações apresentadas, são de molde a afirmar que o interesse por estas temáticas justifica, não só o incremento da investigação a seu respeito, como ainda a necessidade de apoio por parte das instituições a elas ligadas. Estão pois de parabéns os organizadores — que além disso referem igualmente o propósito de publicar em livro as várias comunicações — por terem ousado fazer, pelo menos um pouco, do muito que se diz.

Rui Abrunhosa Gonçalves

VII SEMINÁRIO DA A.E.I.S.P.A. PSICOLOGIA DA SAÚDE

Nos passados dias 25 e 26 de Março de 1991, realizou-se no Auditório do Instituto Superior de Psicologia Aplicada, o VII Seminário da A.E.I.S.P.A., sobre Psicologia da Saúde.

Este seminário foi organizado pelo Núcleo de Investigação Universitária da Associação de Estudantes do ISPA, coordenado por José de Abreu Afonso, tendo tido a direcção científica dos Drs. José Carvalho Teixeira e Isabel Leal. Foram três os objectivos fundamentais desta reunião:

- Reforçar a necessidade e a importância da intervenção dos Psicólogos nos campos da saúde e da doença, ao lado dos outros Técnicos da Saúde.

- Sensibilizar os profissionais e os estudantes de Psicologia para a exigência de desenvolver a investigação e a formação em Psicologia da Saúde no nosso País, reforçando a implantação dos Psicólogos nos serviços de saúde.

- Divulgar a investigação desen-

volvida no ISPA em Psicologia da Saúde em geral e Psicologia da Gravidez e da Maternidade, em particular.

Foram apresentadas 29 comunicações e realizadas duas conferências a propósito de aspectos variados da investigação/intervenção psicológica relacionados com, Dor Crónica, Cirurgia, Artrite Reumatóide, Transplantações de Órgãos, Gravidez e Maternidade, Unidades de Cuidados Intensivos, Stress em Enfermeiros e SIDA, entre outros. As conferências referiram-se ao estado actual e perspectivas futuras da Psicologia da Saúde e da Psicologia da Maternidade.

Este Seminário, testemunhando o desenvolvimento vigoroso da investigação em Psicologia da Saúde no ISPA, nomeadamente no concernente a monografias de fim de curso e a trabalhos realizados no âmbito do tema da Psicologia da Saúde, mostrou uma vez mais como a investigação e a intervenção da Psicologia na saúde e na doença podem dar contribuição significativa para a tão desejada humanização dos serviços de saúde e para a melhoria da qualidade de vida dos cidadãos.

Foi destacada a importância de desenvolver e aprofundar a formação em Psicologia da Saúde, implementando acções, quer a nível académico, quer da formação profissional.

Concluiu-se que a intervenção da Psicologia nos serviços de saúde, não só responde a necessidades sociais como também resulta mais actual pela exigência das problemáticas colocadas pelas novas tecnologias médicas. Realçou-se ainda a importância da intervenção psicológica na formação da saúde e que é indispensável que os Psicólogos participem activamente em campanhas de promoção daquele, prestem funções assistenciais nos cuidados primários de Saúde e diferenciados e contribuam para a transformação dos outros Técnicos de Saúde em agentes activos da promoção do bem-estar psicológico e da qualidade de vida das pessoas doentes.

É pois urgente que os Psicólogos Portugueses discutam e definam os objectivos, as formas de organização e a sua integração profissional nos serviços de saúde.

XIV th INTERNATIONAL SCHOOL PSYCHOLOGY COLLOQUIUM

24-28 de Julho, 1991

Universidade do Minho - Braga



CONTACTO:

Leandro Almeida
XIV ISPA COLLOQUIUM
Instituto de Educação
Universidade do Minho
4719 Braga Codex, PORTUGAL
Fax: (53)77031

ORGANIZAÇÃO

Divisão de Psicologia da Educação da Associação dos Psicólogos Portugueses (APPORT)
"International School Psychology Association (ISPA)"

TEMAS

O tema do Congresso é "Psicologia Escolar e Desenvolvimento Humano

Os temas em análise numa perspectiva remediativa, preventiva e promocional, abordam as áreas do aconselhamento vocacional, psicoterapia, avaliação psicopedagógica, formação de professores, desenvolvimento humano, educação especial, desenvolvimento comunitário, delinquência juvenil, ensino e aprendizagem, etc.

CONFERENCISTAS PRINCIPAIS

Robert Sternberg (USA)
Peter F. Merenda (USA)
Peter Bryant (UK)
Kalman Benyamini (Israel)
Nicolau Raposo (Portugal)

PROGRAMA CIENTÍFICO

O programa científico, a par das conferências, inclui simpósios, debates, workshops e sessões de posters. Cerca de 250 congressistas estrangeiros estarão presentes, alguns deles convidados a apresentarem a situação da Psicologia e dos Psicólogos Escolares nos respectivos países. Praticamente estão asseguradas presenças de participantes de quatro dezenas de países. Para estimular os intercâmbios, a inscrição inclui os almoços e nesse período são organizados em sistema rotativo grupos de encontro entre profissionais e investigadores da Psicologia Escolar dos diversos países.

OUTROS TÓPICOS PRINCIPAIS

- Peer Tutoring and Collaborative Learning (C. Fite-Gibbon, UK)
- Learning Aptitudes and Teaching Methods (C. Howarth, UK)
- Assessment and Intervention Designs for Young Children: Emerging Trends (David Barnatt, USA)
- Teaching Mediation Skills to Children (E. Winer, USA)
- Individual Differences in the Cognitive Development of Children (M. Matova, USSR)
- TV and its Effects on Children (B. Hirsch, USA)
- How Arts links with Human Environment (M. Taraskiewiczzkotonska, POLAND)
- A Multicultural Family Systems Approach to Adolescents Substance Abuse (E. Smith, USA)
- Motives, Interests and Projects: Towards a Relational and Constructivist Model of School Psychology Intervention (M. Abreu, PORTUGAL)
- Development of an International set of Standards for School Psychologists on the use of Educational and Psychological Test (T. Okland - USA; M. Simer - CANADA).

PROVAS ACADÉMICAS

ECOLOGIA HUMANA

Realizou-se no dia 27 de Julho de 1990, o Mestrado em Ecologia Humana na Universidade de Évora com a defesa da dissertação intitulada "Ambiente e Educação: A formação de professores face à questão ambiental (estudo exploratório)", pela Lic^a Aurora Carreiro. O júri era constituído pelo Prof. Cruz Carvalho da Universidade de Évora (presidente e orientador), Prof. Manuel Ferreira Patrício da Universidade de Évora (co-orientador) e Prof. Jorge Arroiteia da Universidade de Aveiro (arguente).

A candidata foi aprovada com Muito Bom.

PROVAS DE AGREGAÇÃO EM PSICOLOGIA NA UNIVERSIDADE DE COIMBRA

Prestou provas de Agregação em Psicologia na Universidade de Coimbra nos dias 5 e 6 de Dezembro, o Professor Doutor Félix Fernando Monteiro Neto, professor associado da Faculdade de Psicologia e de Ciências da Educação da Universidade do Porto onde é docente desde 1977.

LEITURAS

Psicologia Experimental. Temas e experiências. Amâncio da Costa Pinto, Porto, 1991, Edição do Autor, 224 pps.

Neste segundo livro de Amâncio da Costa Pinto — o primeiro foi editado no ano de 1990 pelas Edições Jornal de Psicologia — é possível cernir mais de perto o universo das investigações do autor e, simultaneamente entrar em contacto com um domínio que, até ao momento e entre nós não recebeu o contributo necessário por parte dos Psicólogos portugueses. De facto, como se pode ler no capítulo introdutório do livro, não obstante a Psicologia Experimental ter constituído um dos primeiros domínios

O júri teve como vogais: Doutor José Henrique da Costa Ferreira Marques, professor catedrático da Faculdade de Psicologia e de Ciências da Educação da Universidade de Lisboa; Doutor José Pereira da Costa Tavares, professor catedrático da Universidade de Aveiro; Doutora Maria Beatriz Rocha Trindade, investigadora coordenadora do Centro de Antropologia Cultural e Social do Instituto de Investigação Científica Tropical. A Faculdade de Psicologia e de Ciências da Educação da Universidade de Coimbra esteve representada pelos seguintes professores catedráticos: Doutor Joaquim Ferreira Gomes, Doutor José Pires Ferreira da Silva, Doutora Aura Montenegro Ferrão, Doutor Nicolau de Almeida Vasconcelos Raposo, Doutor Manuel Amâncio Viegas Abreu, Doutor António Simões e o Doutor Carlos Augusto Amaral Dias, professor associado com agregação da mesma Faculdade.

Foram arguentes do curriculum vitae do Doutor Félix Neto, a Doutora Maria Beatriz Rocha Trindade, do Relatório da disciplina de Metodologia da Investigação Científica o Doutor António Simões e da lição-síntese, "Contribuições da investigação em psi-

cologia para a compreensão do fenómeno migratório português", o Doutor José Tavares.

O candidato foi aprovado por unanimidade.

PERCEPÇÕES DE AUTO-EFICÁCIA

Realizaram-se nos dias 28 de Fevereiro e 1 de Março as Provas de Aptidão Pedagógica e de Capacidade Científica da licenciada Maria da Conceição Nogueira, do Instituto de Educação da Universidade do Minho. O trabalho intitulado "Percepções de Auto-Eficácia: Teoria e Investigação em Contextos Educativos" foi defendido perante o júri composto pelo Doutor José Ribeiro Dias, que presidiu, o Doutor Artur Mesquita (orientador) e o Doutor Leandro Almeida (arguente), todos da Universidade do Minho. No final, a candidata foi aprovada com Muito Bom.

A Dr^a Conceição Nogueira é também, desde há algum tempo, parte integrante do *Jornal de Psicologia*, pelo que toda a equipa se congratula com mais este "passo em frente" na sua carreira profissional.

a exercer atracção sobre os investigadores desta ciência, estava por publicar um manual capaz de dar uma visão do conjunto — em língua portuguesa — do interesse e alcance científico da disciplina. Eis pois, quanto a nós o mérito primeiro desta obra. Em segundo lugar, cabe aqui referir o seu carácter essencialmente prático, possibilitando ao leitor um contacto directo com o tipo de experiências a efectuar, no que se aliam uma vertente informativa e formativa, inegavelmente essenciais num domínio científico como este. Algum reparo poderá ser feito, todavia, se atendermos ao facto de que a grande maioria das experiências relatadas se refere ao estudo da memória, sendo que a Psicologia Expe-

rimental se estende por campos bem mais variados. Atentos porém ao interesse e especialização científica do autor, cremos que este erro por defeito tem pelo menos o condão de estimular outros especialistas a, também eles, congregarem esforços para dar à Psicologia Experimental e a nomes como Alves dos Santos, Sílvia Lima ou Matos Romão que, nos primórdios da Psicologia em Portugal implantaram as bases desta disciplina, a justa homenagem que merecem. Alguns aspectos de carácter formal, como a inclusão das referências bibliográficas após cada capítulo ou algum "aperto" na formatação com as le-

(continua na pág. 38)

II INTERNATIONAL CONFERENCE ON CONSTRUCTIVISM IN PSYCHOTHERAPY

5 - 7 de Setembro, 1991

Braga - Hotel Turismo

ORGANIZAÇÃO

Divisão de Psicoterapia e Consulta Psicológica da Associação dos Psicólogos Portugueses (APPORT)
Serviço de Consulta Psicológica e Desenvolvimento Humano da Universidade do Minho

CONFERENCISTAS CONVIDADOS

Óscar F. Gonçalves (Univ. do Minho - Portugal)
Narratives of the unconscious: back to the future
Leslie Greenberg (York Univ. - Canada)
Emotion and the construction of the meaning in psychotherapy
Vittorio F. Guidano (Center of Cognitive Psychotherapy - Italy)
Cognitive therapy in a constructivist perspective: a post-rationalist framework
Allen E. Ivey (Univ. Massachussets - USA)
Developmental counseling and therapy: A life-span integrative framework for alternative constructions

Luís Joyce-Moniz (Univ. Lisboa - Portugal)
Dramatic expression: A methodology for psychotherapeutic creativity
Michael Mahoney (U. North Texas - USA)
Nurturance and novelty in effective psychotherapy
Robert Neimeyer (Memphis Univ. - USA)
Constructivist trends in the integration of psychotherapy
Hugh Rosen (Hahnemann University - USA)
Piagetian constructivism and psychotherapy

As Conferências Internacionais sobre o Construtivismo em Psicoterapia iniciadas em Memphis (EUA) em 1990, constituem uma tentativa para promover o diálogo entre representantes internacionais das perspectivas construtivistas e aperfeiçoar as implicações das posições teóricas para a prática psicoterapêutica.

A II Conferência Internacional sobre o Construtivismo em Psicoterapia constará de um vasto conjunto de actividades científicas que incluirão 8 conferências convidadas proferidas por reconhecidos especialistas mundiais e por uma grande variedade de simpósia e comunicações livres.

APRESENTAÇÃO DE COMUNICAÇÕES

As pessoas interessadas em apresentar comunicações deverão enviar um resumo de 100 palavras para a II ICCP. As comunicações deverão ser curtas (15 minutos) e ter uma orientação de investigação/clínica.

INSCRIÇÕES

Até 31 de Maio
Estudantes ou Sócios da APPORT - 12 000\$00
Não sócios - 17 500\$00
Após 31 de Maio
Estudantes ou Sócios da APPORT - 15 000\$00
Não sócios - 20 000\$00

COMISSÃO ORGANIZADORA

Óscar Gonçalves; Teresa Passos; Francisco Evangelista; Cristina Guerra; João Barbosa; Cristina Menezes; Pedro Albuquerque

ALOJAMENTO - HOTEL TURISMO

Quarto single - 6700\$00 (p/dia)
Quarto duplo - 8700\$00 (p/dia)
Almoços - 2300\$00 (p/refeição)

SECRETARIADO

II International Conference on Constructivism in Psychotherapy (II ICCP), Universidade do Minho, Rua Abade da Loureira, 4700 BRAGA.

Boletim de Inscrição

Nome: _____ Local de Trabalho: _____
Morada: _____
Telefone: _____

Junto envio cheque nº _____ sobre o Banco _____ e à ordem de
II International Conference on Constructivism in Psychotherapy, para o pagamento de:

Inscrição	(\$00)
Alojamento num quarto (single/duplo) nos dias (4-5-6-7) (riscar o que não interessar)	(\$00)
Almoço nos dias (5-6-7) (riscar o que não interessar)	(\$00)
Total	(\$00)

LEITURAS (Cont.)

gendas por cima dos quadros e das figuras, poderão constituir motivos que tornam menos atraente a leitura da obra. São contudo opções do autor que não deslustram quer o mérito do conteúdo quer, sobretudo, o interesse para investigadores/professores ligados a este do-

mínio e alunos nas licenciaturas em Psicologia, Ciências da Educação e áreas afins.

NOTA: Tratando-se de uma edição do autor, informação e pedidos para a aquisição da obra deverão ser endereçados

para Amâncio da Costa Pinto, Faculdade de Psicologia e de Ciências da Educação da Universidade do Porto, Rua das Taipas, 76, 4000 PORTO.

Rui Abrunhosa Gonçalves

VÁRIA

PÓS-GRADUAÇÃO PARA PSICÓLOGOS CLÍNICOS E DA SAÚDE

Durante a 1ª metade do ano de 1989 o Serviço de Psicologia do Hospital Magalhães Lemos - Porto (Composto por 5 elementos, sendo um deles responsável pela Divisão de Saúde Mental da APPORT e os restantes elementos, membros efectivos da referida Associação) organizou uma série de Encontros a nível interno, tendo como objectivo reflectir sobre as funções do Psicólogo nas Instituições de Saúde Mental. Dessas reflexões surgiu com clareza meridiana a necessidade de implementar a formação pós-graduação do Psicólogo Clínico.

Concluiu-se também ser necessário que essa formação respondesse por um lado às necessidades concretas dos Psicólogos já no activo e, por outro, obtivesse a maior validação oficial possível. Para conseguir tal objectivo, o Serviço implementou reuniões com Colegas de outras Instituições e contactou o Coordenador de Saúde Mental da Região Norte, que deu apoio ao nosso projecto, e facultou meios financeiros para a sua realização.

Assim, de Dezembro de 89 a Novembro de 90, funcionaram nas Instalações do H. M. Lemos - Porto, três Cursos de Formação/Pós-Graduação (Terapia Comportamental e Cognitiva, Perspectivas Dinâmicas na Saúde Mental e Metodologia da Investigação, Informática e Estatística) com sessões semanais de

duas horas, num total de 64 horas para o primeiro e segundo Cursos e de 30 horas para o terceiro.

Frequentaram os Cursos 32 Psicólogos oriundos de várias Instituições de Saúde da Região Norte: Hospital Magalhães Lemos (Sector Porto, Sector Matosinhos, Sector Póvoa e Vila do Conde, Reabilitação e Laboratório), Hospital de S. João (Serviço de Psiquiatria e Pediatria), Centro Regional de Alcoologia Região Norte, Centro de Saúde Mental Infantil e Juvenil do Porto, Centro de Saúde Mental de Penafiel, Centro de Saúde Mental de Viana do Castelo, Centro de Saúde Mental de Vila Nova de Gaia e vários núcleos de investigação ligados à Psicologia Clínica.

Estas Acções de Formação Pós-Graduação já foram apoiadas directamente pela Direcção da Saúde Mental, indirectamente pela APPORT (através dos seus Associados) e muito comprometidamente pelas Instituições que cederam instalações e facilitaram aos Técnicos a frequência dos Cursos). Estiveram portanto envolvidas neste processo três Entidades indispensáveis à Organização de um Internato para Psicólogos: o Estado, as Organizações da Classe e as Instituições de Saúde.

Não poderá esta experiência ser aproveitada para lançar as bases de um Internato para Psicólogos Clínicos e da Saúde à semelhança do que se passa na Carreira Médica e na nossa classe por exemplo na vizinha Espanha? Os resul-

tados obtidos são garantia de sucesso futuro, já que da sua necessidade ninguém parece duvidar. Tivemos conhecimento de experiência semelhante levada a cabo em Lisboa, o que vem reforçar ainda mais a necessidade de organização de uma formação pós-graduação de carácter profissionalizante que não se confunda com a formação Académica das escolas de Psicologia e evolua no sentido duma Especialização Profissional. É chegada a hora de unirmos esforços em prol de uma iniciativa comum, que possa cimentar as bases de uma Especialização/Internato em Psicologia Clínica e da Saúde.

José Martins

TEMAS DE PSICOLOGIA: UM NOVO TÍTULO

Dando continuidade à sua política editorial, a Associação de Psicólogos Portugueses acaba de editar mais um livro sob o título genérico "A Psicologia nos Serviços de Saúde". Os Drs. Isabel Botelho, J. Paulo Almeida, Manuel Geada e João M. Justo são os coordenadores da edição que repercute, sobretudo, as comunicações apresentadas num seminário organizado em Abril de 1989, em Lisboa, subordinado precisamente ao tema da intervenção do psicólogo nos contextos da saúde, em geral. Mais de duas dezenas de textos constituem este livro onde nos parece injusto destacar qualquer um, tal o interesse que o conjunto suscita, evidenciando assim uma prática multifacetada por vários qua-

VÁRIA (Cont.)

drantes, que vão desde os cuidados de saúde primários, à psicologia pediátrica, passando pelo acompanhamento à grávida, às crianças com doenças crónicas, aos casos de SIDA, etc.

Com este livro dá-se assim a conhecer à população em geral e aos psicólogos e outros profissionais técnicos, em particular, uma área promissora de intervenção, aliás testemunhada pela publicação de um recente número temático da revista *Análise Psicológica* (nº 4, Série VIII) a que foi dado o sugestivo título "Psicologia da Gravidez e da Maternidade". Cada vez mais, pois, os psicólogos estão em mais lados. E ainda bem.

NOTA: O livro não se encontra à venda nas livrarias. Os pedidos podem ser feitos para APPORT, Apartado 392, 4703 BRAGA Codex (Preço: Sócios da APPORT: 1.400\$00; Outros:

1.750\$00).

UNIVERSIDADE DO MINHO COM LICENCIATURA EM PSICOLOGIA

Foi aprovada recentemente e entrará já em funcionamento no próximo ano lectivo a licenciatura em Psicologia na Universidade do Minho, Braga. A adiantada fase em que se encontram as obras correspondentes ao Edifício onde ficará sediada a Psicologia, no Pólo Universitário de Gualtar faz antever não só condições pedagógicas excelentes, como um adequado enquadramento paisagístico num campus universitário facilitador do intercâmbio entre as várias escolas que compõem a Universidade. O curso está estruturado de acordo com um plano que prevê um tronco comum nos três primeiros anos dando depois lugar a pré-especializações.

Nestas, para além das áreas clássicas surgem como fortes atractivos a área da Psicologia Desportiva e a da Psicologia da Justiça e Reinserção Social num claro contraponto a dois domínios que vêm a afirmar-se como muito importantes na formação/investigação, para além de corresponderem ao recente incremento de postos de trabalho para os psicólogos portugueses nestas áreas. Com este plano curricular "aberto", não só a Universidade do Minho responde aos anseios das suas gentes (que anteriormente teriam que se deslocar para o Porto, Coimbra ou Lisboa) como ainda testemunha a clarividência e o espírito multifacetado que reina nos mentores do curso.

Bem se pode dizer que, com a abertura da licenciatura e com três congressos a decorrer este Verão (v. anúncios), 1991 é o ano da Psicologia na Universidade do Minho. Mas também já se diz que outros virão.

ESCLARECIMENTO

Este número duplo conclui o vol. 9 do Jornal de Psicologia. Trata-se, como é bom de ver, de uma solução de recurso no âmbito do relançamento desta publicação, onde no ano passado problemas de ordem financeira/administrativa e humana inviabilizaram o cumprimento dos prazos estipulados.

Para este ano, está prevista uma nova calendarização do J.P. com 4 números ano e o seguinte preçário:

Assinatura individual (4 números): 1.000\$00

Assinatura institucional (4 números): 2.500\$00

Preço de cada número avulso: 350\$00

Números atrasados: 250\$00 cada número

Assinaturas Estrangeiras: Individual. : Europa:US\$20; Fora da Europa: US\$25

Institucionais: Europa: US\$25; Fora da Europa: US\$30

Portes e envio: Incluídos no preço da assinatura.

Psicologia Experimental Temas e Experiências

Amâncio da Costa Pinto

O livro descreve 12 estudos de psicologia cognitiva experimental nas áreas dos tempos de reacção, percepção, aprendizagem e memória humana. Cada estudo inclui uma ou mais experiências, que na maior parte são replicações de investigações experimentais fundamentais nos domínios seleccionados. O objectivo foi duplo: Introduzir alguns temas centrais da psicologia cognitiva e ao mesmo tempo tornar explícito os diferentes procedimentos de manipulação, controle e registo das variáveis experimentais. Este livro destina-se ainda a todos os que na docência de temas de psicologia experimental e psicologia cognitiva necessitem de recorrer a experiências de demonstração.

(224 páginas, Fevereiro de 1991, ISBN: 972-95353-0-2)

1000\$00, incluindo portes e envio

Preço de lançamento até Outubro de 1991

Pedidos acompanhados de cheque ou vale postal à ordem de: "Amâncio Pinto", R. das Taipas 76, 4000 Porto.

O livro não está à venda nas livrarias

REVISTA UNIVERSITÁRIA
DE
PSICOLOGIA

Publicação da
Associação Nacional de
Estudantes de Psicologia

À venda nas Associações de Estudantes

1. Devem ser enviadas três cópias (incluindo o original) do manuscrito, para o Director, *Jornal de Psicologia*, Rua das Taipas, 76 — 4000 PORTO.

2. Os manuscritos não devem, ordinariamente, ultrapassar as 12-15 páginas, dactilografadas a 2 espaços. Todas as páginas devem ser numeradas sequencialmente. Deve incluir-se um resumo em português, o título do artigo em inglês e em francês, um resumo em inglês (abstract) e em francês (résumé); os resumos devem ter aproximadamente 150 palavras. Quadros, figuras, resumo, abstract, résumé e referências bibliográficas devem ser dactilografadas em páginas separadas.

3. Da primeira página do manuscrito, devem constar as seguintes informações: a) Título do artigo; b) nome(s) e afiliação(s) institucional(is) do(s) autor(es); c) morada actual do(s) autor(es).

4. a) Os quadros devem ser numerados sequencialmente e devem ter título. Cada quadro deve constar de folhas separadas, e a sua localização aproximada deve ser indicada por uma linha do texto transcrita em separado (por exemplo: "O Quadro 1 entra aproximadamente depois da seguinte linha...").

b) Gráficos e outras figuras, também transcritos em folhas à parte, devem ser numeradas sequencialmente (ex.: fig. 1, fig. 2, etc.), e a sua localização deve ser indicada de forma idêntica à dos quadros. As figuras devem ser desenhadas a tinta da China e cuidadosamente legendadas.

c) Nos casos em que se justifique, o *Jornal de Psicologia* poderá solicitar ao(s) autor(es) uma participação nos custos de reprodução de gravuras.

5. As notas de rodapé, dactilografadas em separado, devem ser reduzidas ao mínimo, e numeradas sequencialmente, sendo publicadas no final do texto.

6. As referências devem ser citadas ao longo do texto (e não em rodapé), constando do nome do autor(es) seguido do ano da publicação entre parêntesis. Por exemplo: "como Piaget (1964) fez notar..." ou "Krohne e Laux (1981) concluíram que...".

A lista de referências bibliográficas deve ser organizada alfabeticamente, tendo o cuidado de sublinhar, respectivamente o: a) Título da revista onde foi publicado o artigo; b) Título do livro; c) Título do livro onde foi publicado o artigo; d) Título da comunicação. Exemplos:

a) Artigos de revista

Abrami, P., Leventhall, L., e Perry, R. (1982). *Educational Seduction Review of Education Research*, 52, 446-464.

b) Livros

Garber, J., e Seligman, M. (1980). *Human Helplessness*. New York: Academic Press.

c) Artigos em livros

Dunklin, M. (1985). Research on teaching in higher education. In M. C. Wittrock (Ed.) *Handbook of research on teaching* (3rd ed.). New York: MacMillan.

d) Comunicações

Margh, H., e Overall, J. (1979). *Validity of students evaluations of teaching*. Comunicação apresentada no Encontro Anual da American Educational Research Association, San Francisco.

Em caso de dúvida, os autores deverão consultar o APA Publishing Manual, 3rd edition (1983).

7. São gratuitamente fornecidas ao(s) autor(es) duas cópias do número do jornal em que saiu o respectivo artigo e dez separatas do mesmo. Outras reimpressões dos artigos são fornecidas ao preço de custo mais encargos postais, se forem requisitadas quando o manuscrito é publicado.

8. Qualquer manuscrito que não obedeça às instruções acima referidas, é passível de ser devolvido para a necessária revisão antes de ser publicado.

9. Os artigos publicados são da exclusiva responsabilidade dos autores.

10. Após a sua publicação no J.P. os artigos ficam a ser propriedade deste.

CALENDÁRIO

NACIONAL

1^{as} JORNADAS DE SAÚDE E EDUCAÇÃO PARA A INFÂNCIA. Coimbra, Auditório das H. U. C., 23-25 de Maio de 1991. - Informações: Casa do Pessoal dos HUC, Apartado 9003, 3049 COIMBRA Codex.

I ENCONTRO LUSO-ESPANHOL DE PSICOLOGIA MILITAR/II ENCONTRO DE PSICOLOGIA MILITAR. Lisboa, 27-29 de Maio de 1991. - Informações: Centro de Estudos Psicotécnicos do Exército, Av. de Berna, 26 - 4^a, 1000 LISBOA.

V ENCONTRO DE EDUCAÇÃO ESPECIAL. Instituto Politécnico do Porto, 20-22 de Junho de 1991. - Informações: Comissão Organizadora, Inst. Politécnico do Porto, Rua Roberto Frias, 4200 PORTO.

STRESS, ANSIEDADE E DESORDENS EMOCIONAIS. Braga, Universidade do Minho, 1-3 de Julho de 1991. - Informações: Dr. José Fernando A. Cruz, Universidade do Minho, Instituto de Educação, Laboratório de Psicologia, Rua Abade da Loureira, 4700 BRAGA.

XIV COLLOQUIUM ISPA "SCHOOL PSYCHOLOGY AND HUMAN DEVELOPMENT". Braga, 24-28 de Julho de 1991. - Informações: APPORT, Apartado 392, 4703 BRAGA Codex.

II INTERNATIONAL CONFERENCE ON CONSTRUCTIVISM IN PSYCHOTHERAPY. Braga, Hotel Turismo, 5-7 de Setembro de 1991. - Informações: Secretariado, Universidade do Minho, Rua Abade da Loureira, 4700 BRAGA.

3^a COLÓQUIO DE PSICOLOGIA CLÍNICA. Lisboa, Instituto Superior de Psicologia Aplicada, 28-30 de Outubro de 1991. - Informações: Comissão Organizadora, ISPA, Rua Jardim do Tabaco, 1100 LISBOA.

I CONFERÊNCIA NACIONAL "FORMAÇÃO DE PROFESSORES E SUCESSO EDUCATIVO". Faro, 5-7 de Dezembro de 1991. - Informações: Forsucesso, Escola Superior de Educação de Faro, Quinta da Penha, 8000 FARO.

22ND CONGRESS OF THE EUROPEAN ASSOCIATION OF BEHAVIOR THERAPY. Coimbra, 9-12 de Setembro de 1992. - Informações: APTC, Apartado 9001, 3049 COIMBRA Codex.

INTERNACIONAL

3RD WORLD CONGRESS OF FAMILY THERAPY. Finland, Jyväskylä, 2-6 de Junho de 1991. - Informações: Jukka Aaltonen, University of Jyväskylä, Continuing Education Centre, Seminaarinkatu 15, SF-40100 Jyväskylä, FINLAND.

CREATIVES, CONDITIONS, PROCESSUS, IMPACTS. 9E FORUM DES PSYCHOLOGUES. Nice, 20-22 de Junho de 1991. - Informações: Journal des Psychologues, 61 rue Marx-Dormoy, 13004, Marseille, FRANCE.

11th BIENNIAL MEETINGS OF ISSBD. Minneapolis, Minnesota, USA, 3-7 de Julho de 1991. - Informações: Richard Lerner 101 Myra Dock House, Penn State University, University Park PA, 16802, USA.

12TH INTERNATIONAL CONFERENCE OF THE SOCIETY FOR TEST ANXIETY RESEARCH (STAR). Budapest, Hungary, 6-8 de Julho de 1991. - Informações: Dr. Kornel Sipos, Hungarian University of Physical Education, Dept. of Psychology, Alkotás Str. 44, 1123 Budapest, Hungary.

23rd INTERAMERICAN CONGRESS OF PSYCHOLOGY. SÃO JOSÉ, COSTA RICA, 7-12 de Julho de 1991. Informações: Ana Isabel Alvarez, P.O. Box 23174 UPR Station, Rio Piedras, PUERTO RICO 00931-3174.

2ND EUROPEAN CONGRESS OF PSYCHOLOGY. Budapest, 8-12 de Julho de 1991. - Informações Secretariado do 2nd Congress of Psychology, H-1378 Pf.4, Budapest, Izabell u.46, HUNGRIA.

ANNUAL MEETING OF THE AMERICAN PSYCHOLOGICAL ASSOCIATION. San Francisco, California, USA, 16-20 de Julho de 1991. - Informações: American Psychological Association, 1200 Seventeenth Street N.W., Washington DC 20036, USA.

THE 2ND INTERNATIONAL CONGRESS ON PERSONALITY DISORDERS. Oslo, Norway, 30 de Julho - 1 de Agosto de 1991. - Informações: Theodore Millon, ISSPD, 5400 SW 99 Terrace, Coral Gables, FL 33156, USA.

49TH ANNUAL CONVENTION OF THE INTERNATIONAL COUNCIL OF PSYCHOLOGISTS. San Francisco, California, USA, 11-15 de Agosto de 1991. - Informações: Secretariat, 4805 Regent St., Madison, Wisconsin 53705, USA.

12TH INTERNATIONAL CONGRESS OF HYPNOSIS ON "REDUCING STRESS AND ITS CONSEQUENCES". Jerusalem, Israel, 11-17 de Agosto de 1991. - Informações: The Secretariat, P.O.B. 50006, Tel Aviv 61500, ISRAEL.

WORLD CONGRESS FOR MENTAL HEALTH. PEOPLE AND SCIENCE: TOGETHER FOR MENTAL HEALTH. Mexico City, 18-23 de Agosto de 1991. Informações: Frederico Puente S., Apartado Postal, 22-421 Tlalpan 14000, MEXICO DF.

4th EUROPEAN CONFERENCE FOR RESEARCH ON LEARNING AND INSTRUCTION. Turku, Finlândia, 24-28 de Agosto de 1991. - Informações: Prof. Erno Lehtiner, 4th EALI Conference, P. O. Box 114, SF - 20520 Turku, FINLÂNDIA.

5TH EUROPEAN HEALTH PSYCHOLOGY SOCIETY CONFERENCE. Lausanne, Switzerland, 28-30 de Agosto de 1991. - Informações: Prof. J. P. Dauwalder, IP BFSH 2 University, 1015 Lausanne, SWITZERLAND.

CALENDÁRIO (Cont.)

21ST CONGRESS OF THE EUROPEAN ASSOCIATION FOR BEHAVIOUR THERAPY. Oslo, Norway, 3-7 de Setembro de 1991. - Informações: The Norwegian Association for Behaviour Analysis, PB 12, 1312 Slephenden, Norway.

VIII EUROPEAN CONGRESS OF SPORT PSYCHOLOGY. Cologne, Germany, 10-15 de Setembro de 1991. - Informações: Prof. Dr. Jürgen R. Nitsch, Deutsche Sporthochschule Köln, Carl-Diem-Weg 6, D-5000 Köln 41, FRG.

FOURTH WORLD CONGRESS OF BEHAVIOUR THERAPY. The Gold Coast, Queensland, Australia, 4-8 de Julho de 1992. - Informações: Kim Halford, Dept. of Psychiatry, The University of Queensland, Clinical Sciences Building, Royal Brisbane Hospital, Herston, Queensland, QLD 4029, AUSTRALIA.

LE FORUM EUROPÉEN DES PSYCHOLOGUES. Estrasburgo, 9-12 de Julho de 1992. - Informações: Le Journal des Psychologues, 61, Rue Marx Dormov, 13004 Marseille, FRANÇA.

THE IBERO-AMERICAN CONGRESS OF PSYCHOLOGY. Salamanca, Spain, 11-16 de Julho de 1992. - Informações: Gerardo Marín, Dept. of Psychology, University of San Francisco, San Francisco, CA 94117-1080. SPAIN.

WORLD CONGRESS OF COGNITIVE THERAPY. Toronto, Canada, 17-21 de Julho de 1992. - Informações: Zindel V. Segal, Clarke Institute of Psychiatry, 250 College St., Toronto, Ontario M5T 1R8, CANADA.

50TH ANNUAL CONVENTION OF THE INTERNATIONAL COUNCIL OF PSYCHOLOGISTS. Amsterdam, the Netherlands, 14-18 de Julho de 1992. - Informações: Dr. Henk van der Ploeg, Drontermeerlaan, 29, 2317 GH, Leiden, Netherlands.

25TH INTERNATIONAL CONGRESS OF PSYCHOLOGY. Bruxelas, 19-24 de Julho de 1992. - Informações/EUA: Joan Buchanan, APA International Affairs Office, 1200 Seventeenth Street, N.W., Washington DC 20036, USA. Informações/EUROPA: Brussels International Conference Centre, Parc des Expositions, Place de Belgique, B-1020 Brussels - BELGICA.

PUBLICAÇÕES RECEBIDAS

- *Análise Psicológica* - até nº 4 (VIII) de Outubro de 1990.
- *Guia del Psicologo* - até nº 93, Abril de 1991.
- *Hospitalidade* - até nº 214, ano 55, Janeiro-Março de 1991.
- *Formar. Revista dos Formadores*, nº 1, Out/1990. Instituto de Emprego e Formação Profissional.
- *International Psychologist*, vol. XXXI, nºs 1 e 2.
- *International Psychologist*, vol. XXXII, nºs 1 e 2.
- *Le Journal des Psychologues* - até nº 86, Abril de 1991.
- *Martine Lani - À la recherche de la génération perdue. Hommes et Perspectives/Le Journal des Psychologues.* Marseille, 1990.
- *O Médico* - até nº 2023, 25 de Abril de 1991.
- *Promoção Cognitiva. Programa de treino cognitivo para alunos do ensino secundário.* Leandro S. Almeida e M. Fátima Morais. Barcelos, Didálvi, 1990.
- *The APA Monitor* - até nº 12, vol. 21, Dezembro de 1990.
- *The British Psychological Society - Annual Report* 1990-1991.
- *The Psychologist* - até nº 4, vol 4, de Abril de 1991.

Olá... Mhm... Mhm...**Adeus...****Para uma Estética da Asserção Social****Óscar F. Gonçalves**

Pedidos a: Jornal de Psicologia, Rua das Taipas, 76, 4000 PORTO, juntando cheque ou vale no valor de 600\$00 (porte incluído)

METODOLOGIA DA INVESTIGAÇÃO PSICOLÓGICA

Amâncio da Costa Pinto

Este livro foi escrito para os alunos de licenciatura e mestrado que pretendem realizar uma investigação na área da psicologia e em certos domínios da educação. Numa linguagem bastante acessível e recorrendo a casos e exemplos elucidativos, o livro expõe e analisa o âmbito e limites dos principais métodos científicos com referência especial ao método descritivo, correlacional, diferencial e experimental. Outros aspectos abordados no livro incluem o papel das teorias e modelos na investigação científica, a natureza científica da investigação psicológica, as relações entre metodologia e estatística e o relato de uma investigação experimental.

Amâncio da Costa Pinto doutorou-se em 1985 no domínio da psicologia experimental e é actualmente professor associado da Faculdade de Psicologia e de Ciências da Educação da Universidade do Porto. Especialista nas áreas da metodologia psicológica e da aprendizagem e memória humanas.

Preço: 1280\$00 (portes e envio incluídos)
Pedidos para: cheque/vale postal à ordem de Jornal de Psicologia, Rua das Taipas, 76 - 4000 PORTO